

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANDRÉ LUIS ZANINI

**MESSIANISMO E NEOPENTECOSTALISMO:
UMA ANÁLISE DA *PRÁXIS* RELIGIOSA DE VALDEMIRO
SANTIAGO NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS**

São Paulo

2009

André Luis Zanini

**MESSIANISMO E NEOPENTECOSTALISMO:
UMA ANÁLISE DA PRÁXIS RELIGIOSA DE VALDEMIRO
SANTIAGO NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rodrigues Romeiro

São Paulo

2009

André Luis Zanini

**MESSIANISMO E NEOPENTECOSTALISMO:
UMA ANÁLISE DA PRÁXIS RELIGIOSA DE VALDEMIRO
SANTIAGO NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Ciências da Religião.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Rodrigues Romeiro
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Universidade Metodista

São Paulo

2009

Resumo

Esta dissertação procura refletir sobre messianismo e neopentecostalismo. Entre os líderes neopentecostais foi escolhido o ex-Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, atualmente apóstolo, Valdemiro Santiago de Oliveira. A Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada por ele, é um novo caminho para muitas pessoas no campo religioso brasileiro. O Apóstolo tem bastante destaque entre as pessoas. Elas querem tocá-lo porque acreditam que dele exala poder e virtude, inclusive de seu próprio suor. Isso quer dizer que, desde o início da análise e problematização do tema proposto, pressupõe-se um ponto de partida: Valdemiro é um pastor neopentecostal, carismático e que apresenta traços messiânicos. O principal foco deste trabalho é compreender os traços messiânicos na *práxis* religiosa de Valdemiro Santiago e sua relação com a grande difusão da Igreja Mundial no Brasil. É necessário compreender que o messianismo, de acordo com Henry Desroche, está fundamentado na esperança. No Neopentecostalismo, a exemplo da Igreja Mundial do Poder de Deus, todo o caminho que demarca a prosperidade financeira se ancora em certa representação do divino, a qual mobiliza o fiel a agir em benefício de sua conquista. Este trabalho trata de algumas das mais significativas imagens acerca de Deus decorrente da *práxis* religiosa encontrada na referida instituição.

Palavras Chave: Messianismo, Neopentecostalismo, Valdemiro Santiago.

Abstract

The aim of this work is a reflection about messianism and neopentecostalism. Among neopentecostals leaders, Apostle Valdemiro Santiago was chosen as a former bishop of *Igreja Universal do Reino de Deus*. But he is now the founder of *Igreja Mundial do Poder de Deus*. This church appears as a new hope for many people in the Brazilian religious field. The Apostle has a significant prestige among believers. They usually want to touch him because they believe power and virtue exhale from him including from his own sweat. Which means, that: Valdemiro is a charismatic neopentecostal minister who shows messianic traces. The focus of this work is to comprehend the messianic traces in Valdemiros Santiago in religious *praxis* and its relation with the major diffusion of *Igreja Mundial do Poder de Deus*. It is crucial to comprehend that messianism, according to Henry Desroche, is based upon hope. In Neopentecostalism, as in *Igreja Mundial do Poder de Deus*, there is a straight correlation between financial prosperity as the representation of the divine force, which mobilizes the believer to act in benefit of its conquest. This work approaches some of the most significant images concerning God due to religious *praxis* found in the referred institution.

Keywords: Messianism, Neopentecostalism, Valdemiro Santiago

Agradecimentos

À Universidade Presbiteriana Mackenzie que me recebeu como aluno e facilitou minha aprendizagem com sua estrutura.

Aos amados colegas que passaram comigo por esta rica experiência. São verdadeiras aquisições de carinho e unidade.

Aos queridos professores do programa de pós-graduação em Ciências da Religião que compartilharam sua erudição durante as profícuas aulas.

À Igreja Presbiteriana de Interlagos que tantas vezes intercedeu por mim em oração ao longo destes treze anos. Guardo-os em meu coração.

Aos estimados Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira e Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos que compuseram a Banca Examinadora deste trabalho. Suas orientações e indicações foram fundamentais.

Ao querido professor Prof. Dr. Paulo Rodrigues Romeiro que me orientou nesta jornada com paciência e compreendeu meus limites, que não são poucos.

À minha família que, uma vez mais, entendeu minhas ausências e me apoiou em todos os atos.

A meus pais que estão com o Senhor e dos quais sinto tanta saudade.

À minha amada esposa Gislaine que durante este período enfrentou fortíssimas batalhas, mas foi extremamente corajosa. Ela me ensina todos os dias. Sua vida é para mim um raio de luz em meio às densas trevas.

A Deus que é digno de toda honra e de toda a glória.

1.Introdução.....	8
Capítulo1. Messianismo: origens e desdobramentos.....	12
1. Definições.....	12
2. A Espera Messiânica	14
2.1 O Caso de Israel.....	14
2.2 O Contexto Israelita no Novo Testamento	17
3. O Movimento Messiânico e sua Dinâmica.....	19
4. A Ratificação do Messias	21
4.1 O Caso do Contestado	21
4.2 O Messias Laico	23
5. O Culto à Personalidade	26
6. A Mudança do Status Quo.....	28
6.1 O caso da Idade Média	28
6.2 O Caso de Canudos	32
7. O Messias e seus Efeitos	34
8. Vivemos um Arrefecimento do Messianismo?	38
Capítulo 2. Neopentecostalismo: discussões preliminares	41
2. Contextos de Mudanças Sociais	42
3. Breve Histórico do Neopentecostalismo	45
4. Neopentecostalismo e Dinheiro.....	54
5. Neopentecostalismo e Mídia	59
6. Neopentecostalismo e Igreja Mundial do Poder de Deus.....	63
Capítulo3. Valdemiro Santiago e sua <i>Práxis Religiosa</i>	70
1. Breve Biografia.....	70
1.2 O Naufrágio	71
2. Valdemiro Santiago e a Igreja Mundial do Poder de Deus	73
3. Traços Messiânicos	81
Considerações Finais99
Bibliografia.....	102

1. Introdução

Este trabalho analisou o fenômeno do messianismo e suas possíveis relações com o neopentecostalismo. Este formata um modelo de igreja que tem avançado significativamente no Brasil. É possível ver o grande número de comunidades, especialmente nos grandes centros urbanos. Outro fato perceptível é o avanço destes movimentos sobre os diversos meios de comunicação, especialmente a televisão.

Por compreenderem a lógica do momento presente, os grupos neopentecostais resgatam vários símbolos a fim de tornarem a fé mais palpável e crível para seus fiéis; e, além dos símbolos, é possível constatar a ideia de um culto à personalidade que, em muitos casos, pode gerar o fenômeno do messianismo.

A intenção, portanto, foi de trabalhar sobre o tema: “Messianismo e Neopentecostalismo”. Como não é viável estudar todos os líderes neopentecostais, a proposta foi analisar o Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira, fundador e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, sua práxis religiosa e avaliar se o mesmo apresenta traços messiânicos.

Dentro do objetivo desta pesquisa, buscou-se compreender se Valdemiro Santiago caracteriza-se numa roupagem messiânica a fim de promover sua figura e sua igreja. Não que necessariamente esta seja uma prática proposital, mas uma espécie de entendimento de qual é o tipo de líder que o povo quer e espera para salvá-los dos problemas e aflições da vida.

Na tentativa de se buscar os caminhos para a solução da pesquisa, algumas perguntas foram levantadas, tais como: Existe relação entre messianismo e neopentecostalismo? Podemos falar em messianismo neopentecostal ou neopentecostalismo messiânico? Os movimentos messiânicos arrefeceram no Brasil? Valdemiro Santiago corresponde a um modelo de messias ou carrega traços messiânicos em sua prática religiosa? Que tipo de expectativas Valdemiro Santiago produz em seus seguidores? O crescimento vertiginoso da Igreja Mundial do Poder de Deus está relacionado somente com a figura carismática de Valdemiro Santiago? O modelo de

religiosidade formatado por Valdemiro Santiago propõe um novo neopentecostalismo? Podemos falar em “pós neopentecostalismo”?

Contudo, messianismo e neopentecostalismo são movimentos assaz extensos e complexos. Portanto, este trabalho colheu as definições mais embasadas sobre estes movimentos nas referências acadêmicas mais relevantes e analisou uma das últimas grandes lideranças neopentecostais que se destaca no Brasil que é Valdemiro Santiago e sua *práxis* religiosa na Igreja Mundial do Poder de Deus, e sopesou se há uma relação entre messianismo e neopentecostalismo em tal prática religiosa.

Tais movimentos, de caráter neopentecostal e messiânico, têm influenciado o campo religioso brasileiro. Sendo assim, faz-se necessário compreender até que ponto uma fusão neopentecostalismo e messianismo poderia assumir, incentivar ou promover uma *práxis* religiosa que geraria mais um ingrediente ao caldeirão de relativismos e sincretismos presentes na realidade brasileira.

Tal pesquisa é relevante, pois visa à compreensão dos caminhos e das formas que a religião e, mais especificamente, o neopentecostalismo tem tomado a fim de angariar mais fiéis para suas fileiras. Outrossim, buscou-se entender como o brasileiro se relaciona com os líderes que, conscientemente ou não, entendem a importância de possuir um rótulo messiânico, e, assim, podem configurar uma imagem de messias a fim de chamar mais fiéis para suas igrejas.

Embora não exista ainda um trabalho acadêmico, estrito senso, relacionando Valdemiro Santiago com os movimentos messiânicos no Brasil, é importantíssimo que se enfatize que há, pelo menos, dois trabalhos que analisam a Igreja Mundial do Poder de Deus e, conseqüentemente, seu líder já citado. Um deles é o do Dr. Ricardo Bitun que faz uma análise das continuidades e rupturas no movimento neopentecostal e o outro é trabalho do Ms. Éber Nunes que analisa, junto com Igreja Mundial do Poder de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e trabalha os conceitos de burocracia e profecia no neopentecostalismo. Além destes trabalhos, é preciso citar que o Dr. Paulo Romeiro também escreveu um artigo sobre a Igreja Mundial e seu líder, e levanta a hipótese de uma espécie de messianismo na figura de Valdemiro Santiago. Todas essas pesquisas contribuíram muito para a execução deste trabalho.

Foram, também, objetivos deste trabalho e são verificados ao longo do mesmo: conhecer os movimentos messiânicos no contexto brasileiro, suas origens, líderes e sua trajetória histórica; estudar o surgimento e desenvolvimento do neopentecostalismo no Brasil; conhecer a Igreja Mundial do Poder de Deus; verificar em que aspectos a prática religiosa de Valdemiro Santiago difere dos demais líderes do neopentecostalismo brasileiro; constatar as razões porque a Igreja Mundial do Poder de Deus é a única dissidência significativa da Igreja Universal do Reino de Deus, depois desta caracterizar-se como um fortíssimo grupo no Brasil, a obter êxito até o presente momento.

Valdemiro Santiago parece ser visto por seus fiéis como uma espécie de messias. Este inaugura um novo modelo de religiosidade e os aflitos correm em busca da solução que ele pode oferecer ou mediar. O discurso do Apóstolo não é elaborado científica e propositalmente com caráter messiânico, mas é fruto de sua própria experiência de religiosidade popular. Ele não se denomina messias, mas, em muitos momentos, se comporta como tal e alimenta uma imagem de um líder que instaura uma nova ordem; refere-se a si mesmo como ‘homem de Deus e ungido’ e as pessoas nutrem expectativas em relação a sua pessoa como tal.

Os dados da pesquisa foram colhidos através dos escritos e músicas (livros, artigos em revistas, site e jornais da IMPD), visitas ao chamado “Templo dos Milagres” no bairro do Brás em São Paulo – Capital, e, especialmente, através do principal meio de comunicação usado pelo Apóstolo Valdemiro Santiago que são os programas de TV nos seguintes canais: Rede TV, CNT e Canal 21 (atualmente com 22h de programação da IMPD).

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, pretende-se trazer as definições de Messianismo nas principais referências acadêmicas que tratam do assunto e que estiveram disponíveis ao pesquisador. Neste momento, o importante é que se extraiam as principais definições a fim de buscar compreender o que é o messianismo para que se possa relacioná-lo ou não com o neopentecostalismo e com a *práxis* religiosa de Valdemiro Santiago.

O segundo capítulo apresenta as definições de Neopentecostalismo, também, nas principais referências bibliográficas sobre o tema, com o objetivo de situar o movimento e compreender sua dinâmica. Neste momento trata-se, também, da Igreja Mundial do Poder de Deus. Pretende-se entender o neopentecostalismo e sua relação com o messianismo.

O Terceiro Capítulo é uma análise da práxis religiosa de Valdemiro Santiago, e se relaciona tal prática religiosa ao messianismo comparando, quando necessário, a movimentos e líderes messiânicos anteriores.

Henri Desroche é considerado um dos principais estudiosos sobre o messianismo. O chamado “Sociólogo da Esperança” deixou inúmeras contribuições no campo da pesquisa sobre este tema. Este trabalho fez uso de suas importantes obras, entre as quais estão o *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*; nesta obra, na primeira parte, há uma explicação do messianismo, movimentos messiânicos e milenaristas e várias referências sobre o tema, bem como conceitos e definições. Depois, como o próprio nome sugere, temos catalogados muitos movimentos e personagens ligados ao messianismo de forma geral. A outra obra é *Sociologia da Esperança*; neste livro traz a proposta sociológica do autor que é a Sociologia da Esperança. O autor fundamenta que o messianismo está embasado na espera. Esta ideia de esperança é o viés que definiram os caminhos trilhados neste trabalho.

Este trabalho pretende contribuir com o meio acadêmico que se ocupa em pesquisar os “novos”¹ movimentos religiosos.

¹ Leonildo Campos (1997) defende que: “não há rupturas totais nas sociedades humanas, mas sim continuidades retrabalhadas, sínteses recompiladas sucessivamente, sempre a partir de materiais antigos, mas em resposta a desafios históricos e concretos operantes sobre um grupo social em momentos específicos”. p. 19.

Capítulo1. Messianismo: origens e desdobramentos

1. Definições

Conceituar o termo ‘messianismo’ e seus pares ‘messias’ e ‘messiânico’ não é uma tarefa nada simples, uma vez que vários autores² trabalharam e outros tantos continuam trabalhando com os termos nos mais diferentes aspectos da própria sociedade. Todavia, faz-se necessário que sejam aplicadas definições, não com a pretensão ousada de esgotar o sentido dos termos, especialmente o messianismo, mas com a finalidade de demonstrar qual é o norte que o presente trabalho objetiva trilhar.

Como foi comentado a priori, o messianismo tem sido analisado em seus mais diferentes aspectos e, também, sob uma enorme pluralidade de perspectivas. A compreensão do significado do termo será, especialmente, analisada nos sentidos histórico, antropológico, sociológico, psicológico e teológico. E é importante ratificar que messianismo, messiânico e messias estão, de certa maneira, tão intrinsecamente ligados que necessariamente se completam e se relacionam entre si mesmos.

O termo messianismo é emprestado da linguagem teológica. Deriva-se da palavra messias que em hebraico, “*mashiah*”, traz consigo o sentido de “ungido”. Quando o termo foi traduzido para a Septuaginta a palavra usada no texto grego foi “*christós*”, e sua transliteração para o português foi “Cristo” e não foi usado o termo Ungido. Messias é a forma traduzida para o latim. É possível afirmar, conseqüentemente, que o Messias é o Ungido. (HARRIS, 1998, p. 884-886) Entretanto, antes de se fazer uma análise do termo sob outras perspectivas, é importante entender a ideia de unção que acompanha a palavra messias.

Reis, sacerdotes e profetas eram ungidos no Antigo Testamento como se vê na Bíblia. Esta unção indicava para os demais pertencentes da nação que o ungido era uma pessoa especial que estava sendo investida de autoridade. A unção, portanto, trazia consigo a ideia de santificação e de separação do ungido em relação aos demais. Mesmo

² Entre os autores destacamos Norman Cohn, Paul Alphandéry, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Henri Desroche. Estes últimos, especialmente Desroche, são referenciais teóricos deste trabalho.

alguns objetos eram ungidos com o objetivo de serem identificados como sagrados.³ Henri Desroche, poeticamente, faz uma tentativa de extrair a essência da palavra unção:

Ungidas quer dizer penetradas, impregnadas, reunidas, encharcadas, mas também, ao mesmo tempo, embelezadas, brandas, revigoradas, tornadas, segundo o caso, admiráveis ou atléticas, prontas para as vitórias da beleza ou da força. Neste sentido, “Messias” é um homem tomado pelo deus como uma epiderme é saturada pelo óleo que a massagem de uma mão paciente e inexorável confunde com ela. (2000, p. 19)

Embora o termo messias seja israelita em sua essência, há evidências de que outros povos praticavam a unção para separar pessoas e objetos, contudo este trabalho não percorrerá os caminhos para discutir a unção entre os povos da Antiguidade; o objetivo é entender que, messias está relacionado ao conceito de ungido e o termo (e o presente capítulo se atem a ele) é oriundo da nação israelita.

Pereira de Queiroz enfatiza que foi dentro da religião israelita, analisando pelo contexto histórico, que o conceito de messias adquiriu seu primeiro significado, inicialmente nas lutas contra os vizinhos e, *a posteriori*, consolidou-se quando da ocasião dos cativos. (1965, p. 3) Este significado está ligado à espera de um libertador, pois:

O messias é o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso para Israel. A vinda deste reino coincidirá com o “fim dos tempos” e significará o restabelecimento do Paraíso na terra. (IBIDEM, P. 4)

O messias é designado, separado, vocacionado e habilitado para ser aquele que resgatará o povo da difícil situação em que se encontra no presente momento. Ele, portanto, não é uma pessoa comum, mas recebeu uma tarefa de alguém maior. Mesmo que o agente físico da cerimônia fosse um profeta ou sacerdote, a ideia era que o próprio Deus havia ungido o indivíduo e, portanto, este era intocável. (HARRIS, 1998, p. 884-885) Pereira de Queiroz, ao comentar as definições de Paul Alphandéry e Max Weber entende que o messias:

³ Na Bíblia em Levítico capítulo 8, versículos 10, 11 e 12 têm exemplos de unção do tabernáculo, dos objetos e do sacerdote Arão.

... é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social. (1965, p. 5)

O messias é o líder, messianismo é a doutrina e movimento messiânico é a junção do líder (presente ou não), da doutrina e dos seguidores. Tais termos são por demais abrangentes e os que se aventuram a percorrê-los podem cair nas armadilhas de uma generalização ou, até mesmo, de um reducionismo que evidenciam tentativas de se conceituar estes termos de maneira categórica. Portanto, no próprio desenvolvimento deste trabalho as discussões sobre definições serão retomadas nos momentos em que se fizerem necessárias para uma melhor compreensão do conteúdo do mesmo; e, assim, espera-se que seja possível, ao concluir-se o presente capítulo, que se consiga absorver o melhor sentido dos termos.

2. A Espera Messiânica

2.1 O Caso de Israel

Se o messias é um salvador que vem da parte de Deus (ou é o próprio) e vai destruir a opressão e a injustiça é, portanto, óbvio que o grupo que o aguarda o espere ansiosamente devido o estado de calamidade que muitas vezes se encontram. Os israelitas apresentavam o contexto ideal para a fomentação de uma atmosfera messiânica.

Entretanto, não se podem negar certas peculiaridades do povo de Israel. Sua organização sociopolítica trazia a liderança de cabeças em cada família e tribo, posteriormente juízes, profetas e reis. De certa maneira, o povo nutria expectativas em relação a seus líderes e, tais expectativas, eram potencializadas nos momentos de crise, quando o povo clamava e ansiava pelo libertador descendente de Davi, quando este não estava mais presente.

O rei Davi reinou 33 anos em Israel e sete em Hebrom perfazendo 40 anos de reinado⁴. Ele desempenhou um papel importante no estabelecimento das fronteiras e na

⁴ 1 e 2 Samuel e 1 Reis.

solidificação de Israel como nação diante dos demais povos da região. Ele não somente era o rei guerreiro e vencedor de batalhas que protegia seu povo, mas expressava sua religiosidade de maneira bastante peculiar compondo salmos que revelavam sua relação com o Deus de Israel.

Após sua morte, seu filho Salomão conseguiu manter a unidade do reino, contudo disputas políticas internas exerciam uma força que caminhava rumo à separação de algumas tribos que compunham a nação de Israel. Com a morte de Salomão a situação ficou insustentável e houve a separação dos israelitas em dois reinos: o do norte que continuou com o nome de Israel e o do sul que foi chamado de Judá.⁵

Todavia, alternâncias de reis e reinados complexos esfacelaram primeiro o reino do norte que caiu diante da Assíria, e depois o reino do sul que foi vítima da Babilônia.⁶ Enfim, o que restara do conjunto das tribos era confinado, oficialmente, ao cativo perdendo sua autonomia.

Posteriormente, alguns dos profetas se referiam ao messias como descendente de Davi. A linhagem real acompanharia o libertador do povo que sofria as vergonhas do cativo. Lamentos profundos foram escritos mostrando a dor de um povo em sofrimento.⁷ E, num contexto de lamentação a crença messiânica se fortalece e se cristaliza. Profetas judeus como Miquéias, por exemplo, pregavam que o messias nasceria na cidade de Davi:

E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. (Miquéias 5.2)

É preciso enfatizar que uma esperança de libertação estava presente e, à medida que a crise se instalava, consolidava-se no inconsciente dos israelitas a necessidade da manifestação de um libertador.

⁵ 1 Reis capítulo 12.

⁶ 2 Reis do capítulo 17 ao 25.

⁷ Lamentações do Profeta Jeremias.

Outro fator importante é que as tribos estavam familiarizadas com a ideia de libertadores. Moisés os libertara no Egito, no período dos juízes homens como Gideão e até mulheres como Débora libertavam o povo de seus inimigos e o próprio rei Davi, no período da monarquia, que os livrara das mãos dos filisteus e outros inimigos eram, indubitavelmente, personagens marcantes com papéis decisivos na história dos judeus que tipificavam um livramento messiânico.

Sendo assim, não se pode negar que os judeus estavam na expectativa de um libertador identificando, até mesmo um estrangeiro, o rei Ciro da Pérsia, como um enviado para libertá-los.⁸ O texto bíblico de Isaías enfatiza:

Assim diz o SENHOR ao seu unctido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis, e para abrir diante dele as portas, que não se fecharão. (Isaías 45.1)

O rei Ciro, mesmo sendo estrangeiro e adorador de divindades diferentes das de Israel, é declarado como um messias libertador. Afinal, ele tirou os israelitas do domínio babilônico e, através de decreto, permitiu que judeus voltassem à Jerusalém e iniciassem um processo de reconstrução do Templo.

Os judeus, pós-período monárquico, foram submissos aos reinos dominantes que se seguiam e, tal condição de dominados, fomentava mais ainda a espera pelo libertador messiânico.

A região do Oriente Médio – e particularmente a Palestina – exerceu uma permanente atração sobre diferentes dominadores ao longo da história. Ora por motivos econômicos, ora políticos ou apenas estratégicos, os assírios (733 a.C.), babilônios (588 a.C.), persas (539 a.C.), ptolomeus (323 a.C.) e selêucidas (198 a.C.) se assenhorearam, depredaram e deixaram suas marcas na Palestina. Mas nada se igualou às conseqüências

⁸ Cf. o Livro de Esdras. É interessante notarmos que para os judeus o messias ainda não veio até os dias de hoje, contudo outros messias, que não são a figura esperada, de certa forma tipificam libertadores identificados como verdadeiros messias; um exemplo é Oskar Schindler que não era judeu, mas salvou a vida de mais de 1100 judeus no período da Segunda Guerra Mundial. No documentário *'Voices from the List'* há depoimentos emocionados e emocionantes de sobreviventes do holocausto em que fica bastante evidente a visão, por parte de muitos judeus, de que Iaweh usou Schindler como um messias libertador deles. Para mais detalhes, confira o documentário: *"Voices from the List"* de Steven Spielberg and Survivors of the Shoah Visual History Foundation, Universal Studios and Amblin Entertainment, 1993.

da dominação romana e às dimensões da resistência desencadeada contra ela. (HORSLEY e HANSON, 1995, p. 21-56)

2.2 O Contexto Israelita no Novo Testamento

A dominação romana sobre a Palestina iniciou-se por volta de 62 a.C., após Pompeu anexar o território sírio. Mantendo sua prática de utilizar líderes locais para governarem as províncias, Roma nomeou Herodes, que era idumeu (não judeu, portanto), para ser uma espécie de rei da Judéia. Herodes reinou entre 37 a.C. e 4 d.C. Ele procurava seguir a cartilha da *Pax Romana*, pois queria manter seu cargo e para isso exercia sua autoridade, se preciso fosse, com violência. Aumento de impostos, perseguição religiosa e outros problemas internos aumentavam a fúria dos judeus. Estes, além de todas as humilhações, se viam obrigados a serem servos de Roma e terem um governante estrangeiro em sua própria casa.

Na ebulição de tantos descontentamentos e opressão muitos messias se levantaram entre os judeus. Quando os apóstolos de Jesus Cristo foram presos e levados ao Sinédrio⁹, pela segunda vez, as autoridades judias, interrogando-os, constataram que eles continuavam divulgando a crença na ressurreição de seu messias. No momento de fúria do Conselho, levanta-se um membro chamado Gamaliel, que traz uma fala que mostra o levante de líderes naqueles dias:

Mas, levantando-se no Sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco, e lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quanto lhe obedeciam foram dispersos. Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele. (Atos dos Apóstolos 5.34-39)

⁹ O Sinédrio era uma espécie de Conselho Judeu. Ali, as principais lideranças religiosas e intelectuais dos judeus analisavam as mais diversas situações desde que não envolvesse questões de vida e de morte. Era uma liderança local, sob a égide romana, e livrava autoridades romanas de julgar os casos mais simples.

A fala de Gamaliel revela que Jesus Cristo não era o único a se levantar como messias entre os judeus. Pelo contrário, a maneira como se expressa dá a impressão que os membros do Sinédrio já deveriam ter se acostumado com tais levantes messiânicos, contudo faziam alarde por causa de mais um cristo ausente e seus seguidores. E, como líder religioso, declara que se o movimento partisse de motivações humanas, logo acabaria; se, por outro lado, fosse ligado ao divino os membros daquele conselho pouco poderiam fazer para impedir seu crescimento.

Outro movimento messiânico que ficou conhecido foi o de Simão bar Giora, que é inclusive citado, juntamente com outros tantos movimentos messiânicos, por Flavio Josefo em sua obra *A Guerra Judaica*. O movimento messiânico de Simão durou quase dois anos. É considerado um dos mais longos. Porém, quando Tito cercou Jerusalém em abril de 70 d.C. Simão e seus cooperadores conseguiram resistir por cinco meses, quando os romanos invadiram e tomaram a cidade saqueando-a e destruindo os rebeldes.

Flavio Josefo narra que Simão fora preso vestido como rei (sua prisão foi informada ao próprio César) e, amarrado, era arrastado enquanto sofria escárnios e pancadas de seus algozes. Os romanos o conduziram em procissão até o fórum onde o líder seria sacrificado diante de todos.

Estes dois eventos, a rendição cerimonial de Simão e sua execução ritual no clímax da procissão triunfal imperial revelam não só que Simão se considerava o messias, mas também que os conquistadores romanos o reconheciam como líder da nação. Quando Simão apareceu subitamente no lugar em que estivera o templo, vestido com vestes reais, é possível que ele mesmo se estivesse sacrificando como oferenda a Deus. Seu objetivo pode ter sido o de provocar a intervenção apocalíptica divina ou mitigar a punição que recairia sobre seu povo, através do auto-sacrifício do líder. De qualquer maneira, ele aparece em vestes reais como rei dos judeus. (...) Simão foi cerimonialmente capturado, açoitado e executado como rei dos judeus – agora mais uma vez o povo sob dominação romana. (HORSLEY e HANSON, 1995, p. 119)

Houve, assim, um genuíno movimento messiânico, pois este:

Refere-se a atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de parte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas. (NEGRÃO, 2001, p. 119)

A concentração de judeus em torno de um líder messiânico não precisava se exprimir apenas de maneira pacífica. Não obstante, as dinâmicas dos movimentos apresentam alguns elementos em comum, contudo, concomitantemente, revelam aspectos particulares obedecendo ao próprio contexto e a situação. Todos os dados precisam ser levados em consideração para que se extraia a caracterização e o útero em que foi gerado o movimento e seu messias.

3. O Movimento messiânico e sua dinâmica

Como vimos no caso da guerra judaica um movimento messiânico pode se manifestar de forma violenta também:

Constituem-se como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânicos-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribulações e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. (NEGRÃO, 2001, p. 119)

É importante, também, que se entenda que a própria abertura que o ser humano dá a uma transcendência do que é visível e material o torna esperançoso de que dias melhores virão. O olhar que se volta com expectativa para o futuro, uma crença de que dias melhores são sim possíveis, apesar das circunstâncias do momento parecerem contrárias. Para Henri Desroche, o messianismo está intrinsecamente ligado à ideia de esperança:

Edificado na espera e sobre a espera, o fenômeno messiânico faz vibrarem todas as modalidades psicológicas: a expectativa, a suputação, a computação, a extrapolação, a prospectiva, a esperança, a revolta, a paciência e a impaciência, a resistência, a frustração, a insatisfação, o gosto pelo êxodo e pelas grandes partidas, o sonho e a nostalgia, o desejo e a aspiração, a recusa e a reivindicação, a fome de evolução ou o caráter incisivo das revoluções etc. (...) Trata-se de um fenômeno que não floresce nas sociedades que nada esperam porque já estão saciadas e saturadas ou porque, extenuadas não podem sequer gritar das profundezas do desespero: o grito de alarme, o famoso *Midnight Cry* da sentinela na torre de vigia. (2000, p. 61)

É possível afirmar, então, que o messianismo não é um ato consciente programado por um agente específico, ou seja, alguém, que de forma proposital elabora todo um discurso e as pessoas, também propositalmente, criam uma atmosfera messiânica. O

fenômeno está muito mais próximo de um inconsciente coletivo que, ao reunir as características propícias, desencadeia uma reação ou até mesmo uma contra-reação que aglutina os povos numa esperança.

Lísias Nogueira Negrão, comentando o que denomina “aquisições sobre os movimentos messiânicos que parecem ser definitivas”, enumera seis tópicos interessantes sobre a obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz, ‘O Messianismo no Brasil e no Mundo’¹⁰: (2001, p. 122)

Primeiro: A ocorrência dos movimentos messiânicos demonstra que, mesmo as sociedades de base patrimonialista e tradicionais são dotadas de uma dinâmica que permite uma relação dialógica a ponto de responderem de alguma forma os acontecimentos que os cerca, possibilitando até uma reação.

Segundo: Os movimentos não podem ser considerados aberrações ou algum tipo de patologia social. São, sim, reações naturais e normais de uma sociedade em crise, anomia ou mudança de sua estrutura interna. A ênfase religiosa não é alienação, mas o caminho para a mudança no contexto cultural tradicional.

Terceiro: Os líderes messiânicos não seriam loucos ou homens com sede exagerada pelo poder, mas pessoas simples que comungam da própria crença, geralmente com um pouco mais de esclarecimento que seus liderados.

Quarto: Os conflitos que ocorreram entre o poder constituído e os movimentos messiânicos não foram resultados, especificamente da crença em si ou da falta de ilustração do grupo, mas geralmente de outros interesses, tais como políticos, econômicos, e à própria intolerância dos líderes civis e religiosos das regiões nas quais se desencadearam os conflitos.

Quinto: Alguns movimentos messiânicos tolerados mostraram-se como alternativas interessantes para a própria sociedade que os cercava. Exerciam uma espécie de impacto social que causava transformações convenientes até para si mesmos.

¹⁰ Cf. artigo *Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro*, RBCS, Vol. 16 número 46 junho/2001. Seguimos os seis tópicos que resumem parte da obra de Pereira de Queiroz.

Sexto: Estudos mostraram que havia uma ideia de sociedade igualitária, porém pessoas de diferentes classes sociais que aderiam aos movimentos conservavam, dentro das possibilidades existentes, alguns privilégios.

Desroche, por sua vez, parece preferir a definição de Hans Kohn por entender o messianismo como sendo:

Essencialmente a crença religiosa na vinda de um Redentor que porá fim à ordem atual de coisas, quer seja de maneira universal ou por meio de um grupo isolado, e que instaurará uma nova ordem feita de justiça e de felicidade. (KOHN apud DESROCHE, 2000, p. 20)

Mas esta manifestação messiânica segue, via de regra, alguns passos segundo Alphandéry: (apud PEREIRA DE QUEIROZ, p. 8) eleição divina, provação, retiro e volta gloriosa.

O que pode ser denominado de “espera messiânica” seria um tempo que precede a manifestação do messias que, por sua vez, fora previamente anunciado por um pré-messias, um profeta talvez. Geralmente, este é um tempo de provação para o próprio messias e até para o grupo que o espera ansiosamente que será testado para ver se, de fato, está preparado para seu trabalho.

4. A Ratificação do Messias

4.1 O Caso do Contestado

A ratificação do messias é, lato senso, demonstrada por seus poderes mágicos e espetaculares. Afinal, ele não pode ser exatamente como os outros em todos os sentidos, pois traz uma nova ordem ao mundo.

O Brasil presenciou a Guerra do Contestado, também chamada de Guerra Sertaneja que ocorreu na divisa de Santa Catarina e do Paraná, entre 1912 e 1916, ali ocorreu uma disputa de terras entre os dois Estados, envolvendo, concomitantemente, os interesses de uma grande empresa, a *‘Brazil Railway’*. Conta-se de um curandeiro

chamado de João Maria e que as pessoas o consideravam como um novo cristo. O personagem possuía uma pujante barba grisalha e se abrigava em lugares simples para dormir como uma encosta ou sob uma árvore. Este era o precursor de José Maria que viria depois e seria considerado messias também, mas que teve uma atuação mais efetiva contra os inimigos da monarquia.

O monge José Maria fundou um núcleo chamado de “Monarquia Celeste” e pretendia preservar os valores da monarquia até o dia em que Dom Sebastião – rei de Portugal morto em 1578, na batalha de *Alkacer-Qibir* – voltasse a Terra para criar um reino de paz e prosperidade para todos. Sobre Dom Sebastião, é interessante notar-se que:

A morte de Dom Sebastião e a passagem de Portugal para o domínio de Espanha promovem uma popularidade ainda maior à lenda. Cristaliza-se inteiramente em torno da figura do jovem rei malogrado: é ele o Encoberto¹¹ que, na distante Ilha das Brumas, aguarda o sinal divino para libertar Portugal, reconduzindo-o à chefia entre as nações. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 79)

Voltando ao Contestado, em resposta ao que parecia uma conspiração anti-republicana, o governo lançou contra a comunidade diversas campanhas de repressão, mobilizando forças do Exército e das polícias militares estaduais. Em novembro de 1912, houve o primeiro confronto entre as tropas do governo e as forças de José Maria, que morreu em combate.

Sobre o antecessor João Maria, este messias do Contestado, se afirma que tinha poderes sobrenaturais. Receitava um chá de vassourinha e as pessoas eram curadas. A planta era conhecida e a virtude não repousava na planta em si que poderia ser colhida e utilizada por qualquer um, mas no ato de João receitá-la:

Quando mudava de pouso, atiravam-se os crentes à cinza da sua fogueira: costurada num breve, dependurado ao peito, servia para evitar as coisas ruins. Atribuía-se também propriedades miraculosas à água da nascente ou do riacho onde o monge bebera. Enchiam-se garrafas e as transportavam a longas distâncias. Muitas vezes se

¹¹ Sobre o Encoberto, que está intrinsecamente ligado ao sebastianismo português, Pereira de Queiroz escreve que sua lenda, originando-se em 1530 do sonho de um sapateiro judeu que, oprimido, vaticina em trovas a vinda de um príncipe que vem remir sua raça, se prolonga pela crença de que um messias político restaurará a perdida autonomia portuguesa, para terminar na esperança de que um grande Monarca reconduzirá Portugal à primeira plana entre as nações do mundo, durando até o século XIX, isto é, perdurando três séculos. (Pereira de Queiroz, 1965, p. 79)

erguia no pouso uma cruz de cedro não falquejado, que depois tornava a brotar e virava árvore: proclamava-se que era um novo milagre. Em geral, o lugar ficava sagrado. Frequentemente os moradores o cercavam, e ali vinham rezar na semana santa. Ainda hoje se podem ver alguns desses locais espalhados pela área, e mais de cinquenta anos depois, não terminou a devoção. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 50)

Mas se o messias recebe a autenticação por seus milagres e poderes mágicos é possível afirmar que o messianismo seja um fenômeno estritamente religioso e repleto de misticismo?

4.2 O Messias Laico

Quando se concorda que o messianismo é uma manifestação da própria esperança de dias melhores, na verdade, num sentido mais amplo, podemos dizer que, de certa maneira, mesmo alguns movimentos não religiosos partilham das características messiânicas. Afinal, a esperança não precisa, necessariamente, estar ligada a magia, religiosidade ou misticismo no sentido estrito destes termos.

Falar em messianismo político não é absurdo. Infelizmente, as terríveis condições sociais de alguns países contribuem para que o povo comece a migrar para um imaginário messiânico na política, entendendo que determinado líder poderá, enfim, trazer-lhes ou restituir-lhes o que perderam.

A própria eleição de um presidente, muitas vezes, carrega ares messiânicos. A palavra de ordem na posse de Lula, presidente do Brasil, no primeiro mandato é que a “esperança venceu o medo”. Lula foi eleito em 2002, após segundo turno, com mais de 52 milhões de votos (cerca de 62%). Ora, é bem possível que, de certa forma, o pobre menino nordestino que venceu as adversidades e se tornou presidente foi encarado por muitos, em um país com sérios problemas sociais como o Brasil, como uma espécie de “Salvador da Pátria”¹².

¹² http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup140914,0.htm. Acessado em 20/03/2008. Neste link há um artigo do professor de sociologia da USP, José de Souza Martins, que traz uma análise da figura messiânico-milenarista de Lula.

Já presidente e em seu segundo mandato, Luiz Inácio Lula da Silva fez um pedido durante um comício: que não usassem seu nome em vão. A declaração foi feita durante comício em favor da candidatura de Oswaldo Dias à Prefeitura de Mauá, na Grande São Paulo. (*Lula e o Messianismo*, Folha de São Paulo, 20/09/2008). A popularidade impressionante do presidente parece dar-lhe um ar tão superior que não aceita críticas. Sua popularidade impressiona cientistas políticos e jornalistas.

Programas sociais como o Bolsa Família, por exemplo, confundem a figura de Lula com aquele que dá o “pão de cada dia” para muitos brasileiros. De fato, para as pessoas mais simples o que mais importa é o alimento na mesa. Alguns analistas entendem que a figura de Lula, especialmente, no Nordeste é messiânica.

É uma espécie de messianismo, algo recorrente na história política nacional. Desde os tempos de Getúlio Vargas, a classe política esqueceu das massas. Além de ser uma figura do Nordeste esquecido e relegado a um segundo plano, Lula hoje representa uma espécie de novo Getúlio, lutando pelas massas desfavorecidas.¹³

Não importa muito se o presidente não se vê como messias, pois a massa dialoga com sua figura e lhe atribui um rótulo, vendo-o como o seu libertador da fome e da miséria. Lula não foi o primeiro e, provavelmente, não será o último seja no Brasil ou no resto do mundo.

Observemos com atenção as últimas eleições norte-americanas, nas quais Barack Obama decreta que “a mudança é possível e chegou.” Indubitavelmente, este personagem já marcou a história por ser, de fato, o primeiro presidente norte-americano afro-descendente eleito.

Vários movimentos messiânicos se manifestam quando períodos de grandes crises sociopolíticas se instalam na sociedade, sendo que o discurso é a proclamação do fim do *status quo* e a chegada de um novo momento. Nos Estados Unidos da América, Barack Obama tem de certa forma, sido encarado como um messias que a sociedade norte-americana espera que resolva os vários problemas, especialmente econômicos e devolva o título de nação mais importante da Terra. Fala, aliás, que o próprio Obama usou em seu discurso de posse, prometendo colocar os EUA, novamente, na cabeça do mundo.

¹³ <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1262637-5598,00.html>; Acessado em 12/12/2008.

O nome Barack em árabe significa o abençoado. Se alguém quiser ir pelo lado místico talvez fosse obrigado a dizer que a bênção de Obama foi profetizada quando do seu nascimento e reside fundamentalmente na árdua missão de tirar o seu país do caos. A bênção de Obama vem pelo fato de levar nas costas a responsabilidade de provar ao mundo inteiro que a competência técnica, política, e de qualquer outra natureza não tem nada a ver com a cor da pele. Vários argumentos antropológicos, médicos, etc. de natureza racista tentaram, vezes sem conta, criar uma estratificação social baseada na cor. Mesmo em sociedades mais cultas como França ou Espanha, por exemplo, é desnecessário dizer que, infelizmente, ainda há resquícios de racismo.¹⁴

Por mais que se saiba que a atuação de Obama será no campo da administração de uma mega potência e a política será o meio para se alcançar possíveis soluções, ele mesmo será vítima, nem que seja num primeiro momento, de uma enorme euforia que tomou conta dos americanos que repetem uníssonos a frase símbolo de sua campanha: *Yes, we can*. A salvação do péssimo contexto é esperada e grande é a expectativa.

Se as crenças messiânicas implicam necessidade de salvação terrena, apesar dos olhares voltados para a terra e o material, vê-se uma estreita ligação com o espiritual igualmente. Contudo, algumas doutrinas políticas e filosóficas podem conter idéias milenaristas e messiânicas não necessariamente religiosas:

... se um líder surgir então com características carismáticas pronunciadas, poderá se tornar um messias leigo, destinado pelos seus dons a conduzir os homens na realização das mudanças anunciadas por suas crenças. Comunismo, fascismo, hitlerismo, poderiam ser considerados como a laicização de movimentos messiânicos e, conhecido o mecanismo destes, seria talvez possível dominar aqueles. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 16)

Na concepção de Desroche, mesmo a ciência, que seria uma “opositora da religião”:

Não deixa de ser participante a um só tempo de uma esperança e de uma desesperança. Ela relativiza as fronteiras, torna-as permeáveis, estabelece correntes de fraternidade entre os homens. Por seu método racional, sua linguagem, sua maneira de enfrentar os problemas, de resolvê-los, ela estabelece uma atitude intelectual e espiritual universal. (DESROCHE, 1985, p. 192-193)

¹⁴<http://www.estadao.com.br/interatividade/Multimedia/ShowEspeciais!destaque.action?destaque.idEspeciais=849>; acessado em 12/12/2008.

Logo, o termo messianismo está intrinsecamente ligado à ideia de religião em sua essência, porém, no decorrer da própria história ele, ou pelo menos elementos comuns a ele, foi ou foram incorporados em diversos contextos sociais com diferentes personagens e situações. O laicato messiânico não é impossível.

5. O Culto à Personalidade

É lugar comum quando se afirma que o messias, necessariamente, precisa ser um líder carismático. Portanto, ele terá cultuada sua imagem por seus seguidores. O messianismo e movimentos messiânicos giram em torno da personalidade do messias que é o elemento catalisador das atenções:

Todo líder carismático tem em torno de si um grupo que lhe corresponda. Em torno do profeta com seus discípulos, há a coletividade mais ampla dos adeptos, que é chamada congregação; os discípulos são os indivíduos mais chegados que ajudam ativamente o profeta e que em geral também são dotados de certas virtudes carismáticas, servindo de intermediários entre o messias e o restante do grupo. O messias modela a seu talante a comunidade que o cerca, mas a própria quantidade de funções que se arroga lhe impõe a divisão do trabalho e, conseqüentemente, o aparecimento de uma série de auxiliares, seus íntimos. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 330-331)

A ideia de carisma, de onde trazemos ‘carismático’, pode ser desta maneira definida:

A expressão “carisma” deve ser compreendida como referindo-se a uma qualidade extraordinária de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. “Autoridade carismática”, portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido à sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica. O feiticeiro, o profeta... o chefe guerreiro... o chefe pessoal de um partido são desses tipos de governantes para os seus discípulos, seguidores, soldados, partidários, etc. A legitimidade de seu domínio se baseia na crença e na devoção ao extraordinário, desejado porque ultrapassa as qualidades humanas normais e originalmente considerado como sobrenatural. A legitimidade do domínio carismático baseia-se, assim, na crença nos poderes mágicos, revelações e culto do herói. (WEBER, 1982, p. 340)

Considerando o avanço tecnológico que trouxe o rádio, a televisão e a internet como meios de divulgação dos movimentos, é possível inferir que este aumento da tecnologia produziu e potencializou figuras cujas imagens, espalhadas pelo mundo,

encontram muitos corações cheios de esperança. Para Paulo Romeiro, o desenvolvimento tecnológico acentua a questão do culto à personalidade:

Isso acontece porque o ser humano é um adorador por natureza e cultuar é uma de suas atividades essenciais. Entretanto, no seu afã de adorar ele tomou, ao longo da história, caminhos espiritual e socialmente tortuosos. Desde jangais da África, desertos da Arábia, até ao frenesi das grandes metrópoles, adoradores podem ser encontrados aos bilhões, ora prostrando-se diante de uma vaca sagrada, de algum amuleto, ou altar, ora diante de algum líder religioso ou guru. (ROMEIRO, 1999, p. 51)

Então, pode-se afirmar que existe um encontro no mínimo interessante: de um lado, uma figura carismática que consegue aglutinar as pessoas ao redor de si mesma e, de outro, o ser humano que, naturalmente, nutre admiração por personalidades e lideranças marcantes e é um adorador nato.

Todavia, tal fusão pode revelar-se assaz perigosa em muitas situações. O caso, como exemplo, de David Koresh, que liderava o grupo denominado de “Ramo Davidiano” em Waco, Texas, nos EUA; Koresh se considerava o messias e utilizava esta expressão em seu próprio cartão de visitas. Ele se dizia o próprio Cristo. Seus fiéis lhe obedeciam cegamente, a ponto de pais e maridos entregarem a ele suas esposas e filhas... Também entregavam dinheiro e, finalmente, a própria vida quando em 19 de abril de 1993, o FBI cercou o rancho onde Koresh e seus discípulos estavam a fim de acabarem com o que consideraram charlatanismo, cerca de 85 pessoas morreram vítimas de um incêndio provocado no rancho; preferiram morrer a entregar-se ou entregar seu messias! (IBIDEM, 1999, p.57-58)

Desroche, por sua vez, descreve o grupo que está convicto e se insurge, seja em que grau for, como, praticamente, sem possibilidade de freios. A insurreição alimenta uma imaginação coletiva de uma memória coletiva que fornece dados para uma consciência coletiva.

À consciência coletiva ela oferece a revivescência de seu foco pois ela se desenrola como um quase-culto de possessão: marchas sagradas rumo à terra sem males, sublevações, transes, sacrifícios, êxtases extenuantes ou exterminadores, festividades exaltantes e iconoclastas, greves gerais e por vezes biológicas de sociedades por demais “estabelecidas”, decisão de tudo arriscar por uma “causa”, júbilo de um holocausto, cerimônias rituais de encantamento e esconjuro, partidas, viagens, êxodos, cruzadas, partir, sair do espaço e do tempo... À memória coletiva,

ela oferece a reativação de sua garantia. Pois, embora se refira à memória coletiva cria ou recria sua própria referência, vale-se contra uma tradição menos profunda de uma tradição mais profunda, ressuscita um passado morto ou oculto para restituir-lhe a vida ou a luz; seu projeto de um após valida sua lembrança do antes. (DESROCHE, 1985, p. 182)

Com alguma semelhança ao caso de Koresh, mas acontecido por volta de quinze anos antes em 1978, vê-se outro exemplo negativo na Guiana quando Jim Jones, fundador da seita, Templo do Povo, em Jonestown, ordena que seus discípulos se suicidem ingerindo cianureto. Morrem quase mil pessoas num caso que chocou o mundo. (*Revista Manchete*, 1987, p.160)

Há, sem dúvidas, nos movimentos messiânicos uma contemplação interativa dos seguidores com o messias. Tal interatividade nada mais é que uma relação de trocas e expectativas, muito mais por parte dos seguidores, porém o messias molda o grupo e se molda no grupo. A personalidade cultuada e carismática proporciona a oportunidade do messias conduzir os seguidores de maneira, praticamente, inquestionável.

6. A Mudança do Status Quo

6.1 O Caso da Idade Média

Mas há um fato importante sobre a questão messiânica que é a espera pela melhora da situação vigente: a transformação do *status quo*. É inerente ao messianismo que, de alguma maneira, o sobrenatural irá interferir no mundo físico. Logo, é possível afirmar que a transformação é elemento imprescindível no messianismo. Afinal, o messianismo que não muda a realidade, melhorando-a, não pode ser considerado messianismo. Espera-se pelo reino messiânico. É a salvação das injustiças e maldades que as pessoas sofrem:

Derivando da insatisfação humana diante das imperfeições do mundo, comparadas com a pureza de um modelo sobrenatural, segundo o qual se deseja modificar o que de errado existe, o Reino Celeste terá sempre as características de terreno, mas será santificado e perfeito. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 9)

Porque é exatamente a partir do estado lamentável que se projeta uma visão para um lugar melhor. Partindo da dura realidade da vida que muitas pessoas idealizam um

mundo melhor para si mesmas. O desejo se relaciona com a esperança. A utopia, que nada mais é que o “não lugar” é uma espécie de contra modelo da própria realidade que não atende as expectativas dos homens; ela, a utopia, não parece tão distante assim para os esperançosos. Para Mannheim “um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre”. (1972, p. 216)

Do século X ao XVIII o continente europeu mantinha uma cultura, basicamente, agrícola. Estima-se que mais de 80% da população vivia do trabalho no campo. Contudo, apesar de lidarem com os recursos próprios da terra, a fome prevalecia na maioria dos lugares. A busca desordenada por terras para a agricultura parece ter gerado um tipo de crise ecológica. A terra já não respondia com tanta fartura. Mesmo a França, que era considerada um país com muitos recursos para a agricultura passou por algumas crises de fome. E, se a França enfrentava tal problema, outros países europeus penavam mais ainda. (FRANCO JR, 1993)

Contudo, é preciso ressaltar que a produção de alimentos sempre foi deficiente na Europa, daí a fome ser uma ameaça constante. Mas não apenas a fome, pois a falta de estrutura das cidades para suportar o aumento populacional, associada ao problema da fome, acabou facilitando a propagação de uma série de epidemias. A pior de todas é a conhecida *Peste Negra* que varreu a Europa entre 1348 e 1350 e matou cerca de um terço da população.

Mas, além da fome e da peste, inúmeras guerras também contribuíram para aumentar a mortandade e tornar a situação na Europa ainda mais difícil. A maior das guerras, deste período, foi a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), travada entre as monarquias da Inglaterra e da França.

Sob este tríplice flagelo, acentuado no século XIV: fome, doença e guerra, a população diminuía e a mão de obra se tornava cada vez mais escassa. Isso levou os senhores feudais a aumentar a exploração sobre os camponeses. Em consequência, houve inúmeras revoltas, nas quais os camponeses rebelados queimavam propriedades e assassinavam senhores feudais. Em muitas cidades houve desordens e motins. (FRANCO JR, 1993)

Com poucas possibilidades diante do contexto desfavorável para se plantar, da guerra, das epidemias, os camponeses necessitavam buscar algum tipo de alternativa, mesmo que esta não fosse vinculada com o “real”. Dá-se, então, a elaboração de uma série de mitos que povoariam a mente das pessoas que precisavam fugir da dura realidade.

Desta maneira, é possível averiguar que messianismo e milenarismo fomentaram o povo no ressurgimento de uma esperança no período medieval, pois, em tamanha crise, as crenças forneciam aos camponeses, sofredores e marginalizados, a expectativa de um novo momento em que suas aspirações seriam concretizadas.

Era comum os camponeses difundirem contos que expressavam o imaginário popular e as esperanças da própria sociedade da época. Tal sociedade tentava suprir suas carências, especialmente sociais, criando mitos de lugares sensacionais e espetaculares que correspondiam ao próprio desejo das pessoas. Um dos mitos difundidos foi o país da Cocanha.¹⁵ Esta seria uma terra perfeita com abundância de recursos e prazeres que saciariam o mais faminto camponês medieval.

Quando a imaginação não encontra sua satisfação na realidade existente, busca refúgio em lugares e épocas desiderativamente construídos. Mitos, contos de fada, promessas supraterras da religião, fantasias humanísticas, romances de viagens tem sido expressões, em contínua mutação, do que estava faltando na vida real. (MANNHEIM, 1972, p. 228)

A miséria fomenta o sonho de estar e pertencer a um lugar melhor. O tempo, por sua vez, colabora para cristalizar a utopia. O contexto histórico ajuda a projetar os ideais não apenas nos indivíduos, mas, especialmente no coletivo, pois sabe-se que no medievo as relações entre as pessoas eram mais presentes que assinaturas individuais que combinam mais com o homem moderno. A população tornava-se vítima de si mesma e de suas alienações que visavam amenizar sua própria condição infeliz. Mesmo que os fatos apontassem o contrário, a fé substituía a razão levando muitas pessoas a sonharem o pouco provável.

¹⁵ Para mais informações consultar a obra: FRANCO Jr., H. *Cocanha, a história de um país imaginário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

Pode-se dizer que procurar pelo reino ou pela terra santa é, em última instância, procurar o próprio progresso, assim como procurar fartura é procurar fugir e superar a miséria. Contudo, tal procura está muito mais relacionada a uma espera pelo devir histórico. A sociedade acaba desvalorizando seu momento presente e se inclina com tanto desespero para uma “virada à messiânica” que acaba correndo o risco de se esquecer da própria realidade.

Todavia, o messianismo se torna uma força dinâmica e prática. Ele não pode ser visto como uma crença passiva e entorpecida, de conformismo. Ao mesmo tempo em que se nega a presente realidade, prepara-se o caminho concreto para um momento diferente e melhor que o atual, ou seja, uma nova realidade. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 7, 346-347)

É possível afirmar que o principal sentido do messianismo é a coletividade. Os movimentos messiânicos ganham força, especialmente, porque envolvem o grupo e não somente o indivíduo. O *status quo* será transformado não apenas para uma pessoa, mas para muitas. Os líderes messiânicos, que ocupam a posição de individualidade, são uma espécie de elemento aglutinador que capta os demais indivíduos em torno de si, de seu discurso, do sonho de um lugar melhor e de sua *práxis*.

Um “messias”, líder reconhecido pelo povo como seu libertador enviado pela divindade ou não, nada mais faz do que acessar esse banco de sonhos, o inconsciente coletivo. Uma vez que os sonhos são canalizados para uma pessoa ou instituição que se acredita seja a realização desse sonho contido, seu poder de atração se torna irresistível. Por outro lado, o fracasso de tantos “cristos” ou tradições religiosas está ligado, em grande parte, à falta de identificação do inconsciente coletivo com esse dado messias. É preciso que o “candidato messiânico” convença as pessoas de que seus sonhos se realizarão, de que *ele* é a resposta ou o depositário fiel desses sonhos por uma vida melhor. (MODES, 2006, p. 06)

É justamente no encontro das sociedades real e ideal que as diferenças se acentuam. A sociedade presente é que está equivocada pelos padrões messiânicos e, portanto, precisa ser mudada. Desta forma, o messianismo é um importante fator de mudança social que atua nas bases e nos grupos. Então, os movimentos messiânicos não podem ser encarados como uma pueril fuga da realidade (embora haja este risco), mas devem ser encarados como organizações complexas que constroem e interagem com sua própria realidade: presente, passado e futuro.

Considerando que, os povos, mais especificamente, os primitivos, travam uma espécie de luta contra o próprio Estado; este no sentido de representar o poder da ordem e do *status quo*, como se defende a seguir:

A história dos povos que têm uma história é, diz-se, a história da luta de classes. A história dos povos sem história é, dir-se-á com ao menos tanta verdade, a história da sua luta contra o Estado. (CLASTERS, 1988, p. 152)

Entretanto, é preciso ressaltar que, graças ao conflito de uma determinada sociedade, temos um mover histórico. O conflito ou crise permite que avaliações e reavaliações sejam efetuadas e, assim, o próprio *status quo* passa por julgamentos que gerarão veredictos que o punirão ou não. Porém, apesar das crises e conflitos com a realidade, é preciso enfatizar que a mudança social nem sempre se dará de acordo com os desejos dos que reivindicam dias melhores; na maioria das vezes, o que se vê é a vitória da situação dominante que, geralmente, detém o poder.

A crença se fortalece onde há descontentamento. Diante da terrível realidade da vida a existência torna-se suportável quando as pessoas carregam consigo mesmas alguma esperança. A idealização de terra santa, lugar melhor, é bastante evidente em Canudos, por exemplo.¹⁶

6.2 O Caso de Canudos

Nas zonas rurais brasileiras, a situação de miséria era consequência direta da violência dos coronéis e da concentração de terras nas mãos de um pequeno grupo de latifundiários. A população era esquecida e não contava com o apoio do Estado em suas necessidades básicas, tais como escolas e hospitais, além de enfrentarem muitas dificuldades com as difíceis condições das lavouras num solo pouco aprazível.

Neste contexto, Antônio Conselheiro, que teve alguma formação religiosa, mas não chegou a ser ordenado padre, saía pelos interiores do nordeste pregando suas doutrinas e fazendo caridade. Muitas pessoas aderiram a seus discursos que, após a

¹⁶ Convém, para uma análise mais aprofundada, consultar as obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Cangaceiros e Fanáticos* de Rui Facó.

queda da monarquia e a separação entre Igreja e Estado, estavam inflamados contra a República, que Conselheiro identificava com a figura do Mal ou, mais especificamente, a “lei do cão”. (FACÓ, 1980, p. 83)

Depois de um confronto em Bom Conselho na Bahia, quando Conselheiro queimou documentos de cobrança oriundos do Estado, ele e seus seguidores fugiram e ocuparam uma fazenda abandonada na região conhecida como Canudos. Ali fundou o Arraial do Belo Monte que, apenas um ano depois, contava com aproximadamente 16 mil pessoas. As próprias agruras ajudam a configurar um local de fuga das condições desfavoráveis.

Um desalento com determinada ordem social pode desencadear tanto um processo de fuga da realidade construída socialmente, como também gerar novas utopias dentro de fronteiras que estabeleçam uma ordem social alternativa – dentro ou fora da sociedade experimentada pelos agentes naquele momento de crises e dificuldades. (CAMPOS, 2000, p. 102)

Nesta fazenda viviam numa espécie de sociedade comunal. As pessoas viviam na prática da solidariedade sob a égide de seu messias. Era um local proibido para ladrões, prostitutas e bebida alcoólica. As atividades religiosas eram constantes e movimentavam o arraial que vivia, basicamente, da agricultura e da pecuária.

Conselheiro pregava que um dia o Rei Encantado viria e restauraria a monarquia para o bem de todos. Contudo, o paraíso terreno incomodava as autoridades que enviaram soldados, os quais somente a partir da quarta expedição começaram a minar Belo Monte que resistiu até a morte da maioria de seus moradores.

Ali, em Canudos, houve uma tentativa de se viver uma prévia do paraíso terrestre até a chegada do rei Encantado. Este, finalmente, estabeleceria o paraíso, em sua plenitude, na terra. Era o sonho de se viver num lugar melhor.

Mais recentemente, em Irecê, município do semiárido no Estado da Bahia, também existe uma tentativa de se criar um lugar mais aprazível em meio às mazelas da vida. A Igreja Universal de Reino de Deus possui uma fazenda¹⁷ com 450 hectares. Ali

¹⁷ Cf. para mais informações: MODES, Luciano. *Assim na Terra como no Céu*: Fazenda Nova Canaã, arquitetura de um milenarismo. Oráculo: São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, 2006.

se pratica uma agricultura com técnicas avançadas, cria-se gado e existe uma escola que fornece ensino para muitos habitantes da pobre região. Além desses benefícios, também há tratamento médico e espiritual. Modes comenta que das redondezas do que hoje é Irecê, muitos seguiram Conselheiro para o arraial de Belo Monte, uma nova Canaã, hoje, muitos vão à fazenda da Igreja Universal a “Nova Canaã” em busca de abrigo e recursos. (2006, p. 15)

A Fazenda Nova Canaã divulga a possibilidade de uma vida melhor, mesmo em meio ao deserto. O sonho da Terra Prometida se mostra, em muitos casos, arquetípico na humanidade. O messias e o reino, muitas vezes, estão tão entrelaçados que um e outro se fundem na configuração do próprio movimento messiânico.

7. O Messias e seus Efeitos

Em relação à presença do messias e do reino, Desroche faz alguns comentários que defendem o seguinte: o personagem historicamente presente pode ser pretendente ou pretendido.

O pretendente à messianidade geralmente reivindica, como já foi observado, um vínculo nativo com o poder divino supremo que governa a história universal. Ele é pai, mãe, filho, esposa etc., desse poder, ou ainda, na figura de um ser *redivivus*, o próprio Deus ou o ancestral divino. (2000, p. 32)

Neste caso existe uma espécie de autodeificação. Através de um sonho ou revelação a pessoa toma consciência de sua messianidade; ou esta consciência é progressiva, quando de forma gradativa ela tem noção de sua própria missão seja ela qual for. Ela pode ser exclusiva (messianidade de um indivíduo) ou compartilhada (messianidade de uma descendência, de uma etnia, de uma eclesiola...). (IBIDEM, 2000, p. 32)

Já o messias pretendido segue outra lógica:

O messias pretendido não reivindica o título de messias. Tal título lhe é atribuído ou pelo círculo ou pela posteridade de seus discípulos. Esse círculo ou essa posteridade podem não apenas atribuir-lhe esse título, mas até mesmo conferir-lhe, criar para ele sua própria historiografia ou historialização. (IBIDEM, 2000, p. 32)

Desta maneira o messias é precedido pela consciência coletiva dos demais integrantes do grupo. Segundo Desroche, com o tempo o messias pretendido passa a aceitar o próprio título como seu, embora possa até recusar no início. (IBIDEM, 2000, p. 33)

Quando o personagem está historicamente ausente, temos uma outra discussão que passa, inclusive, pela historiografia e a própria manipulação da história em determinados casos. Desroche apresenta os seguintes pontos: (IBIDEM, p. 33)

1. O personagem veio, mas ninguém o conhece. Pode ser que até ele mesmo não se conheça.
2. Ele veio, mas continua escondido. Só alguns o conhecem.
3. Ele ainda não veio, mas sua vinda é iminente (espera e suputações em relação à mãe).
4. Ele veio, partiu e aguarda o momento de reaparecer.
5. Ele está aí e aguarda, mas os destinatários de sua vinda não querem reconhecê-lo.
6. Ele está, definitivamente, em outra parte, mas seu lugar deve permanecer livre, ninguém poderá ocupá-lo etc.

O messias, como líder carismático é também o oráculo da nova ética do reino e, ele mesmo inaugura a nova ordem redentora deste reino e reinado. Contudo a tipologia pode variar de acordo com a própria lógica sistêmica que o movimento se desenrola nos mais diferentes contextos. Em relação à tipologia dos reinados ou reinos messiânicos Desroche afirma que:

Ainda que esses novos reinos impliquem sempre um vínculo entre fatores religiosos e fatores sociais, igualmente novos, a ênfase pode ser colocada em níveis diferentes. (2000, p. 34)

Níveis diferentes determinam os vínculos entre os fatores religiosos e os fatores sociais, geralmente, apesar de a lógica ser semelhante, há certa predominância de algum fator em especial nos movimentos messiânicos.

Religioso ou eclesiológico: dá-se quando o messianismo é mais focado nas questões de reforma da religião ou da cultura. Há uma “greve sócio-religiosa” contra a sociedade global. Minimamente haverá um boicote ao oficialato do sagrado. É a vida “fora do mundo”. (DESROCHE, 2000, p. 34)

Político: quando dinastias, regimes ou surgimento de nacionalidades acompanham expectativas messiânicas. Há exemplos em países como França, Alemanha, Polônia, Estados Unidos da América, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, são os direitos divinos que acompanham os eleitos.¹⁸ (DESROCHE, 2000, p. 34)

Econômico-social: nas revoltas sociais é possível ver aspectos messiânicos. Nelas a estrutura dominante é questionada e, a massa, pode levantar-se com esperanças profundas que se confundem com religiosidade. Alguns usam como exemplo o caso soviético. (DESROCHE, 2000, p. 34)

Sexual e familiar: em certas manifestações messiânicas defende-se que não há homens ou mulheres; porém há outras variantes dentro dos movimentos com especificidades. Há os casos de endogamia, exogamia, poligamia (mórmons), casamento plural (oneidistas) etc. (IBIDEM, 2000, p. 35)

Naturista: há, também, os aspectos que se referem ao regime alimentar, quando os integrantes dos movimentos devem abster-se de determinados alimentos; e, também as questões de vestuário etc. (IBIDEM, 2000, p. 35)

Cósmico: o reinado messiânico pode penetrar os aspectos da natureza e movimentá-la de acordo com seus propósitos: paz mundial, mudanças climáticas etc, para Desroche, neste momento “a sociologia do messianismo encontra a sociologia da utopia”. (IBIDEM, 2000, p. 35)

¹⁸ No caso norte-americano “havia” a crença de um destino manifesto. É a ideia básica de “povo escolhido” por Deus para levar à civilização, a paz, a liberdade e a igualdade ao resto do mundo, ao mesmo tempo em que se expandia, no início da colonização da América do Norte, invadindo os territórios indígenas. Um povo que entende que nasceu para levar a civilização e o progresso para os demais, mas, especialmente para si mesmos...

Desroche comenta que há, também, no messianismo o que ele denomina de material imaginário do messianismo-milenarismo, que seriam os números, figuras e parábolas.

É preciso que seja salientado que o milenarismo está, em muitos casos, ligado ao messianismo. Geralmente, eles se confundem de tal forma que são quase indissociáveis. Para Pereira de Queiroz, a melhor definição de milenarismo é a de Norman Cohn que assim cita:

Em linguagem teológica – que parece a linguagem mais apropriada para este problema, – existiria uma escatologia, ou corpo de doutrinas concernentes ao estado final do mundo, que era quiliástica no sentido mais geral do termo – significando que predizia um milênio, não necessariamente limitado a mil anos, e na verdade sem limitação alguma, em que o mundo seria habitado por uma humanidade de bondade perfeita e gozando também felicidade perfeita. (IBIDEM, 1965, p. 8)

Na literatura judaica temos várias referências ao milenarismo e ao uso de simbologia. O livro do profeta Daniel que se encontra na Bíblia é repleto destes exemplos. A grande estátua do capítulo 2 que mostra uma profecia de reinos que se sucederiam; as setenta semanas no capítulo 9 que falam de purificação; os 1290 e 1335 dias em Daniel 12 que seria o tempo da desolação.

Outro livro, bastante simbólico, é o Apocalipse que apresenta seres fantásticos, imagens, parábolas e tantas outras figuras que, ao serem apropriadas por um movimento messiânico-milenarista, podem se tornar fonte de argumentos para suas crenças.

Os Adventistas do Sétimo dia¹⁹, por exemplo, usaram no início e continuam usando estas figuras para justificação de sua espera pelo retorno de seu messias. Sua hermenêutica os conduz a interpretar que eles são o povo escolhido que aguarda a volta do messias que os levará para o céu onde reinarão com Cristo durante mil anos. As profecias e os símbolos são decodificados de forma a gerar uma compreensão de acordo com os princípios da própria igreja.

¹⁹ Esse movimento nasceu nos EUA no final do século XIX e defende, entre outras doutrinas, o dia de sábado como descanso e o retorno de Cristo que os levará aos céus para mil anos de paz quando julgarão os povos. Para mais informações consultar: H. Desroche, *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*, páginas 70, 71, 337 e 338.

8. Vivemos um Arrefecimento do Messianismo?

Apesar da linguagem e dos muitos problemas que estão ainda presentes na própria sociedade, ventila-se a possibilidade de uma diminuição no surgimento de novos movimentos messiânicos na sociedade brasileira:

De fato, à medida que a sociedade brasileira se industrializa e urbaniza, após os anos 1930, escasseiam-se tais movimentos e diminui também sua capacidade mobilizadora de adeptos, ao menos nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Talvez esta afirmação não seja verdadeira para a região Norte, onde parecem persistir diversos movimentos recrutando índios destribalizados, seringueiros, pescadores etc. (NEGRÃO, 2001, p. 125)

Tal afirmação se funda na hipótese de que os movimentos messiânicos têm estreita relação com as chamadas sociedades tradicionais. Contudo, não podemos deixar de levantar a conjectura de que os movimentos messiânicos podem se apresentar com novas roupagens dentro da sociedade urbanoindustrial e, por mais que se descaracterizem em alguns aspectos do que poderíamos denominar de messianismo clássico, podem manter, em sua essência aspectos messiânicos. Talvez, em virtude destas hipóteses, o próprio autor citado conclui:

No caso dos movimentos metropolitanos, elementos totalmente novos são adotados: o esoterismo, como um apelo constante aos segredos das “ciências ocultas”, às profecias, desde Nostradamus até dom Bosco, à ficção científica, à astrologia e à ufologia. (IBIDEM, p. 128)

Tais mecanismos de troca da sociedade urbanoindustrial, suas diferentes formas de relação, suas complexidades e seus discursos inclusivistas e relativistas, cada vez mais tolerantes e intolerantes que formam um grande caldeirão de conceitos cada vez mais pluralistas, provavelmente influenciam a seguinte fala de Negrão:

Como profecia final, devemos estar preparados para o surgimento de novos movimentos nos centros urbanos, orientados não mais por visões religiosas específicas, mas por perspectivas ecléticas e plurais, introduzindo elementos do imaginário da vida moderna de alguma forma ligados a antigas tradições ocultistas e esotéricas. O pluralismo religioso e a difusão pela mídia das mais variadas práticas religiosas e sistemas alternativos de conhecimento criam um caldo de cultura místico capaz de produzir os mais surpreendentes resultados. (2001, p. 128)

Falando mais especificamente dos brasileiros, é preciso que se considere que o povo forjado no Brasil não é muito de respeitar uma figura com todo aquele ritual litúrgico. O brasileiro trata a religiosidade de maneira menos formal, o que abre possibilidades de modelos messiânicos, especialmente nos círculos religiosos, mais pluralistas e, por que não, com doses acentuadas de sincretismo:

O que representa semelhante atitude é uma transposição característica para o domínio religioso desse horror às distâncias que parece constituir, ao menos até agora, o traço mais específico do espírito brasileiro. Note-se que ainda aqui nós nos comportamos de modo perfeitamente contrário à atitude já assinalada entre japoneses, onde o ritualismo invade o terreno da conduta social para dar-lhe mais rigor. No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza. (HOLANDA, 2003, 149)

O mesmo autor insiste que a liberdade do brasileiro, produzida em uma terra totalmente nova e aberta, acaba regendo as relações com os mais diversos aspectos da vida, inclusive a religião.

A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades. (IBIDEM, p. 151)

Entretanto, sem embargo, é preciso reconhecer que há um desejo de melhores expectativas no brasileiro e no restante do conjunto da própria humanidade. É um desejo de preservar sua própria vida e espécie. Nos mais diferentes povos existe a idéia de querer se preservar para o amanhã. Tal desejo de preservação é, também e provavelmente, natural na espécie humana.

Nos lugares com mais dificuldades sociais e ou, políticas e ou, econômicas e ou, psicológicas e ou, espirituais e outras tantas dificuldades, existe uma propensão ao surgimento de uma espécie de válvula de escape que poderia salvá-los das condições desfavoráveis daquele momento.

O messianismo e os movimentos messiânico-milenaristas seriam, juntamente com outras, formas de se reagir ao *status quo* e procurar uma alternativa que os tire do mau

momento. É o romper com a situação em busca de algum fio de esperança que os livrem da tal calamidade.

O messias é o alvo de inúmeras expectativas e, tanto o grupo como o indivíduo, dialogam com o personagem de uma maneira que consigam encontrar as respostas que anseiam.

Não podemos negar, também, que messianismo e seus pares pertencem ao imaginário de um grupo e lidar com o imaginário é tarefa, muitas vezes ingrata, pois podemos cair em subjetividades para as quais as metodologias podem até oferecer ferramentas, mas não conseguem buscar exatamente o que há no íntimo de cada indivíduo ou grupo.

Para Desroche os fenômenos messiânicos estão necessariamente sobre a estrutura da espera. Sendo assim, todas as nuances, detalhes e características peculiares de cada uma das manifestações do messianismo estão baseadas nesta espera por mais que existam combinações diferentes. (DESROCHE, 2000, p. 61)

Ele defende que é um fenômeno humano e como tal se dá nas relações da própria sociedade e nos pólos: o personagem (messiânico), o reino (milenarista), a sociedade religiosa (igreja ou qualquer outro corpo religioso) a sociedade política (a nação, o estado ou a união das nações etc). (IBIDEM, 2000, p. 61)

As circunstâncias históricas apenas e tão somente constituem o meio para o surgimento e aparição do sentimento de espera que estava guardado no íntimo dos indivíduos e do grupo. Os movimentos se parecem e, neste sentido, forma-se até uma tradição messianista. (IBIDEM, 2000, p. 61)

Quanto ao messias, é preciso salientar que:

O Messias só virá quando já não será necessário. Só virá um dia depois de seu advento. Não virá no dia do juízo, mas no dia seguinte. (IBIDEM, 1985, p. 194)

Capítulo 2. Neopentecostalismo: discussões preliminares

Trabalhar a temática neopentecostal é fundamental para compreendermos a prática religiosa de Valdemiro Santiago de Oliveira; afinal, este é líder de uma denominação que se encaixa no perfil dessa corrente evangélica. A relação entre Igreja Mundial do Poder de Deus e o neopentecostalismo será mais amplamente analisada no final deste capítulo.

Em princípio, é preciso ressaltar que o neopentecostalismo faz parte de uma das manifestações pluralistas da própria *práxis* religiosa da contemporaneidade. Como toda e qualquer expressão histórica ou social, ele é fruto do contexto e se relaciona com as diversas complexidades do momento.

Pode-se dizer, *mutatis mutandis*, que o movimento neopentecostal é uma espécie de reforma da própria estrutura protestante. Uma vez que o protestantismo defende a *fides reformata et semper reformanda est*, acaba se tornando “vítima” de suas próprias contradições e abrindo precedentes para novos movimentos e novas denominações. Em suma, pode-se dizer que o livre exame, acompanhado de uma livre interpretação da Bíblia, e um contexto que colabore para mudanças e rearranjos, ajuda a produzir muitas correntes consideradas evangélicas e até mesmo não evangélicas pelas denominações protestantes tradicionais por assim dizer. O que na fala de Burity é defendido como “rearrumação”:

O que é certo é que o campo religioso está em franco processo de rearrumação. Isso se espalha por diversos lugares: a emergência de novas formas de subjetividade; a expansão do horizonte pluralista caracterizada pela afirmação de diferenças e de um campo agonístico em que lutam por conhecimento e/ou capacidade de influência; modulações políticas desta relação agonística; ressonâncias culturais das novas identidades religiosas e de suas formas de se relacionar com o corpo e de descrever o mundo vis-à-vis a esfera espiritual. (1997, p. 66)

Muito ao contrário das expectativas de muitos cientistas e pesquisadores que acreditavam num arrefecimento da religiosidade, na verdade o que temos é um aumento da busca pelo sobrenatural, o que estimula muitos pesquisadores a retornarem ao assunto da religião.

A profecia da morte da religião falhou (...) o problema é exatamente o contrário, pois experimenta-se justamente uma explosão de religiosidades novas por toda parte, o que tornou complicada a manutenção da tese da secularização. (...) O que está na ordem do dia não é mais a extinção, e sim a efervescência da religião, exatamente no interior de uma civilização que, ao menos teoricamente, deveria ter obstaculizado tal sobrevivência. (CAMPOS, 1997, p. 32 e 33)

2. Contextos de Mudanças Sociais

O trabalho de Bitun (1996) defende que para se compreender o neopentecostalismo e sua inserção na modernidade é fundamental entender os conceitos de sociedade tradicional e sociedade moderna. A transição destes momentos históricos dá uma visão mais nítida de alguns rompimentos do neopentecostalismo com o tradicional pentecostalismo clássico da primeira e segunda onda.

A sociedade tradicional era conduzida por um modelo patriarcal e a família, no modelo tradicional, era a base da sociedade. Bitun (1996) comenta que havia pouquíssimas transformações; era um momento em que a palavra, a honra e o sangue eram bastante valorizados.

Nesta sociedade, as famílias viviam, basicamente, da terra e do que esta produzia. Uma sociedade mais próxima das coisas próprias da natureza que precisava respeitar os tempos e estações do ano.

Eram religiosamente muito tradicionais. As pessoas tinham a Igreja como marco central e as figuras religiosas com autoridades constituídas. O espaço para variações litúrgicas era muito pequeno e o modelo de culto era sagrado. Em algumas regiões mais longínquas ainda se vê que a própria construção das casas na cidade é ao redor do Templo ou Matriz.

Bitun (1996) enfatiza em seu trabalho que a transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna é percebida por três instituições que passaram a ter mais força: o Estado Nacional, o mercado e a moeda.

O mercado passa a ter uma importância vital, uma vez que ele deixa de ter, exclusivamente, o papel de lugar para troca de excedentes e passa a ser a última na hora

das aquisições. Sem ele, o homem moderno não consegue captar mercadorias, essenciais ou não, para sua vida.

A força econômica fortaleceu o Estado que agora arrecada muito mais moeda para si mesmo. Sua intervenção nas diversas áreas da sociedade e seu poder “restaurado” de árbitro das questões lhe garante cada vez mais condições de controlar o meio social. A secularização tira Deus do controle e dá ao Estado muitos papéis que eram interpretados pela Igreja. Os feriados ou dias santos, por exemplo, não precisam mais, necessariamente, ser determinados pela Igreja.

O homem já não trabalha, exclusivamente, em casa. Ele sai para trabalhar separando-se da vida da sociedade tradicional e, aos poucos, penetra numa realidade moderna. Uma sociedade mais tecnológica e racionalizada, caminhando para o industrial.

A sociedade que começou a surgir com a Revolução industrial na Inglaterra, em meados do século XVIII, alcançou amadurecimento no decorrer do século XIX. Esta sociedade industrial e capitalista caminha em direção à liberdade de mercado e à troca do foco do comércio para a indústria, pela propriedade burguesa dos meios de produção e pelo trabalho assalariado.

Do ponto de vista ideológico, a sociedade industrial capitalista do século XIX foi marcada pelo triunfo do liberalismo. No panorama político, a democracia representativa acabou se consolidando. E, na esfera social, grandes tensões e conflitos dominaram a cena, envolvendo, sobretudo a burguesia e o proletariado.

Tais conflitos chegaram a colocar em risco o modelo capitalista. Fato que levou Karl Marx – o criador, ao lado de Friedrich Engels, do chamado socialismo científico – a afirmar que o século XIX seria o século da revolução proletária, assim como o século XVIII fora o da revolução burguesa. O homem e a relação deste com a realidade que o cerca são prioritárias e, se houvesse qualquer transformação, esta seria motivada pela ação humana.²⁰

²⁰ MARX, Karl; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 7ª ed. São Paulo: Global, 1988.

É preciso que se enfatize que a mudança da sociedade tradicional para sociedade moderna rompe diversos costumes e traz uma nova ordem e uma nova lógica. Os homens não lêem mais o mundo da mesma maneira que antes. É possível, assim, afirmar que é o mesmo homem usando lentes novas!

Portanto, pode-se afirmar que num modelo tradicional não há espaço para o neopentecostalismo. Este se casa com a mentalidade urbana e capitalista. Então o movimento neopentecostal precisava do contexto ideal para proliferar, especialmente, em nosso país não tão urbano assim, católico e tradicional em muitos de seus conceitos e perspectivas.

Assim, antes dos anos de 1960 poucos imaginariam que o Brasil entraria em uma crise econômica. Desemprego e desencontros na economia marcaram os anos daquela década. Contudo, o problema não era apenas econômico, mas também político.

O golpe de 1964 apenas fomentou a crise. Inflação e repressão deixavam o país bastante instável. Apesar do período conhecido como “Milagre Econômico” dar um respiro para as dificuldades, logo em 1973 uma crise do petróleo atingiu novamente o Brasil que mal dera alguns passos de “sossego” na perspectiva econômica.

O final dos anos de 1970 mostrava um quadro intrigante na economia brasileira. Apesar de mais um plano econômico dos militares, a situação só piorou rapidamente. Em 1979, a inflação bateu em 77%, quase o dobro da de 1978. As taxas internacionais de juros continuavam subindo vertiginosamente, empurrando a dívida externa cada vez mais para cima.²¹

Instabilidade política, desemprego, aumento da dívida externa, arrocho salarial, crise no atendimento público com falta dos serviços essenciais como hospitais etc.; é nesse contexto que as igrejas neopentecostais começam a divulgar sua mensagem de esperança para um povo desesperançado com a realidade brasileira.

²¹ Para mais informações consulte: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10ª Ed. São Paulo, Edusp, 2002. Veja também as obras de Thomas Skidmore.

3. Breve Histórico do Neopentecostalismo

O termo “neopentecostalismo” pressupõe um novo pentecostalismo. É uma nova roupagem que carrega, de certa forma, a essência pentecostal, mas, que por sua vez, não pode mais ser identificada com a matriz.

Há uma série de estudos sobre o pentecostalismo, suas origens e desenvolvimentos que estão à disposição de todos. Logo, pode-se afirmar que não é difícil encontrar as idéias mais relevantes sobre o assunto. Várias destas obras são citadas neste trabalho ou fazem parte de sua bibliografia.

O movimento pentecostal reivindica seu início ao longínquo período da chamada Igreja Primitiva, no século I, que é narrada no livro bíblico de Atos dos Apóstolos. Nesta obra, conta-se que cinquenta dias após a morte de Jesus Cristo, os discípulos, reunidos em Jerusalém, receberam o Espírito Santo e houve a manifestação da glossolalia (falar numa língua desconhecida). Dessa maneira, os pentecostais defendem que os membros da Igreja devem, mesmo nos dias atuais, receber o batismo do Espírito Santo e terem manifestações parecidas com aquelas que os primeiros discípulos de Jesus tiveram.

Através dos tempos existiram várias manifestações de avivamentos ocorridos em igrejas; embora quando se usa o termo ‘avivamento’, há uma tendência de associá-lo com os chamados despertamentos espirituais protestantes nos Estados Unidos, especialmente no século XIX e início do XX.

Porém, antes dos avivamentos estadunidenses existiram outras manifestações que merecem consideração. Romeiro (2005, p. 23) usa o termo “movimentos periféricos” que influenciaram o pentecostalismo. Estes movimentos foram importantes, pois ajudaram a formatar o movimento pentecostal.

O Montanismo foi um movimento considerado de natureza apocalíptica liderado por Montano no século II d.C.; ele defendia, especialmente, que cada cristão poderia ser um canal de revelação do próprio Espírito Santo. O movimento foi suprimido no

Ocidente e Oriente respectivamente nos séculos III e VI, mesmo tendo Tertuliano²² como um de seus principais defensores.

Percebe-se que o Montanismo ao defender a liberdade de ação do Espírito Santo, defendia uma espécie de liberdade dos adeptos no contato com o sobrenatural; aproximando, assim, o cristão de uma realidade transcendente. A ideia de revelação do sobrenatural estava bastante presente neste grupo.

Outro movimento comentado por Romeiro (2005, p. 27-30) é o Pietismo. Este teve seu início entre luteranos alemães no século XVII. A obra clássica do movimento é *Pia Desideria* de Philipp Jakob Spener (1635-1705), onde o autor comenta:

Apesar de não ser facilmente discernível aos olhos humanos, a miséria espiritual de nossa pobre igreja é, incomparavelmente, mais grave e perigosa. (...) Aprendemos muito aquilo que desejaríamos não ter aprendido. Negligenciamos, porém, as coisas fundamentais, como ouvimos de Lutero. Quantos pastores, chegando pela primeira vez em suas comunidades, descobrem que aquilo que lhes custou tanto para aprender, é completamente inútil. Então começam a refletir sobre o que lhes é realmente necessário e descobrem que se trata daquilo que eles rejeitaram e agora arrependem-se, desejando tê-lo aprendido anteriormente. (1985, pp. 23-33)

O Pietismo é, também, uma crítica ao modelo de igreja da época e trazia o discurso de prática dos ensinamentos bíblicos, questionando o conhecimento exacerbado que não gerava frutos.

Mas, para Romeiro (2005, p. 30), a grande contribuição para o surgimento do pentecostalismo veio, mais especificamente, do Metodismo. Este foi um movimento inglês do século XVIII que teve como grande expoente a figura de John Wesley (1703-1791).

Wesley fora influenciado pelo pietismo alemão e dizia que o mundo era a sua paróquia; ou seja, pregaria onde fosse preciso e possível; muitos adeptos começaram a

²² Para Cairns (1995), Tertuliano (c. 160 – c. 230) foi “o principal apologista da Igreja Ocidental. Nasceu ele pouco antes de 160 na casa de um centurião romano de serviço em Cartago. Conhecedor de grego e latim, os clássicos lhe eram familiares. Fez-se um advogado competente, ensinou oratória e advogou em Roma, onde se converteu ao cristianismo. Sua natureza fogosa e seu espírito de luta levaram-no a se aproximar das propostas do montanismo, tornando-se montanista em 202. Sua mente lógica latina inclinou-o para o desenvolvimento de uma sólida teologia ocidental e na refutação às falsas forças filosóficas e pagãs que se opunham ao cristianismo”. (p. 87). Outra obra que enfatiza mais os aspectos doutrinários de Tertuliano é *A História das Doutrinas Cristãs* de Louis Berkhof.

se reunir em torno de suas mensagens; após as perseguições religiosas na Europa, muitos adeptos do metodismo foram para os Estados Unidos.

Aquilo que denomina como “pentecostalismo atual”, segundo Romeiro (2005, p. 31), tem ligação direta com o que aconteceu em Topeka, Kansas, Estados Unidos da América. O pregador Charles Parham começou, em 1900, uma escola bíblica chamada de Betel. Este grupo, influenciado por círculos que buscavam santidade buscavam uma ligação mais direta com o Espírito Santo.

Uma experiência transcendente de um jovem que orava no dia 1º de janeiro de 1901, e que relatava sentir uma alegria muito grande, louvando a Deus e falando línguas estranhas, desencadeou outras experiências similares. Tais experiências vieram acompanhadas de outros sinais como curas e conversões que se espalharam pelo território norte-americano e até para outros países. (ROMEIRO, 2005, p. 32)

As denominações “tradicionais” levantaram críticas ao novo movimento, mas os questionamentos não impediram o avanço pentecostal.²³

Muitas igrejas foram formadas, sendo as Assembléias de Deus a maior delas. Mais tarde, o pentecostalismo tornou-se fator importante para a formação de outro grupo na América do Norte, que também alcançaria proporções mundiais, e que seria conhecido como “movimento carismático”. Com ênfase no batismo do Espírito Santo e na glossolalia, esse movimento passaria a existir em quase todas as denominações evangélicas tradicionais, preparando o caminho para o futuro movimento neopentecostal. (ROMEIRO, 2005, p. 34)

O Brasil recebeu o pentecostalismo via estrangeirismo, como, via de regra, quase tudo que chegava aqui²⁴. Missionários, especialmente norte-americanos, que já tinham trazido as igrejas denominadas protestantes históricas, no início do século XX trazem para o país a nova roupagem protestante, com outros atores.²⁵ Embora os missionários pentecostais fossem decisivos para o sucesso da empresa no Brasil, houve o caso, por

²³ No Brasil também houve perseguições e críticas ao pentecostalismo. Boanerges Ribeiro em seu livro: *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*, São Paulo: O Semeador, 1991; traz algumas destas situações de perseguição que ocorreram com os protestantes tradicionais e com os pentecostais.

²⁴ Aliás, as igrejas ditas históricas e tradicionais vieram do estrangeiro. O livro de Ruth A. Tucker, *Até os Confins da Terra: uma história biográfica das missões cristãs*, São Paulo: Vida Nova, 1996, traz informações sobre esta perspectiva missionária dos protestantes.

²⁵ Congregação Cristã no Brasil (1910), Assembléia de Deus (1911), Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), para citar apenas algumas consideradas pentecostais.

exemplo, da Congregação Cristã no Brasil que seguiu um modelo peculiar quando um leigo fora fundamental para a implantação da comunidade.

No Brasil, o pentecostalismo também demonstrou, a sua tendência de produzir formas autóctones, mesmo recebendo, a priori, uma doutrinação que vinha do exterior.

O Pentecostalismo chegou tarde ao cenário religioso brasileiro, mas chegou com a força de uma tempestade tropical, penetrando nas principais regiões do país e em quase todos os povoados. Direta ou indiretamente, atingiu todas as igrejas e esforços missionários e talvez, até certo ponto, todas as congregações locais. O pentecostalismo descobriu nas massas esquecidas e analfabetas e nos adeptos do catolicismo popular um campo fértil para sua mensagem e métodos e obteve resposta. (...) Ou bem ou mal, ele influenciou todo o culto no país, tanto protestante como católico. (HAHN, 1989, p. 335)

No ano de 1910, um imigrante italiano, chamado Luigi Francescon que professara o presbiterianismo nos Estados Unidos da América, onde também tivera algumas experiências carismáticas, chegou ao Brasil, pregando na cidade de São Paulo e na pequena localidade de Santo Antonio de Platina no Paraná. Não se encontrava ligado a nenhuma organização eclesiástica estrangeira. A sua pregação acabou dando origem à Congregação Cristã no Brasil, a primeira igreja pentecostal brasileira, que até hoje conserva características próprias e mantém-se independente de qualquer outra denominação estrangeira. Essa originalidade será uma constante no surgimento de novas denominações pentecostais no Brasil, segundo Freston (1993, p. 78).

O desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro, consoante Freston (1993, p. 78-80), se deu por gerações de diferentes igrejas que, mesmo pentecostais, tem suas diferenças bem acentuadas entre si. A Congregação Cristã no Brasil e as Assembléias de Deus, que se iniciaram em 1910 e 1911 e que se tornaram instituições bastante fortes, fazem parte da primeira geração ou primeira onda. Nesse primeiro momento há uma ênfase na questão do “dom de línguas” (glossolalia) e também na cura, apesar de entendida como dom particular, não dá lugar a sessões espetaculares ou a publicidade proselitista. Na evangelização, a Congregação Cristã, por exemplo, utiliza a maneira direta (sem ir às praças ou a emissoras de rádio); os próprios membros divulgam as doutrinas da igreja e fazem novos adeptos.

As igrejas que fazem parte da segunda onda, surgida nos anos 50, poderiam ser consideradas de “movimento de cura divina”. Embora tenha começado em 1952, com uma denominação importada dos Estados Unidos – a “Igreja do Evangelho Quadrangular”, que adotou inicialmente o nome de “Cruzada Nacional de Evangelização”, o movimento rapidamente produziu formas nitidamente brasileiras, como a “Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo” (1955), do pastor Manoel de Melo e a “Igreja Evangélica Deus é Amor” (1962), de Davi Miranda. Nelas, ainda se conserva a preocupação com a formação de comunidades de crentes, mas o ponto focal já se encontra no evento, na concentração de massas, no exorcismo e, sobretudo, nas sessões de cura divina, que vão ao encontro das necessidades imediatas do povo.

Contudo, a Igreja Evangélica O Brasil para Cristo chegou a abordar problemas sociais nas suas pregações e ações, o que a faz diferente dos demais ramos pentecostais. Por ter se filiado um dia ao Conselho Mundial de Igrejas, do ponto de vista ecumênico esta igreja reforçou sua diferença em relação às demais que parecem adotar postura mais neutra. No momento atual, entretanto, a denominação não está mais filiada ao Conselho.

A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980); tais igrejas trazem em si mesmas novas perspectivas éticas, estéticas, litúrgicas e tantas outras possibilidades dando uma nova roupagem ao tradicional pentecostalismo. (FRESTON, 1993, p. 66)

Já Mendonça (1989) e o CEDI (Centro ecumênico de Documentação e Informação) dividem o pentecostalismo em dois grandes grupos: pentecostalismo clássico ou propriamente dito e pentecostalismo de Cura Divina. Entre os chamados do pentecostalismo clássico estão igrejas como a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil, e entre os chamados do pentecostalismo de cura divina estão, também como exemplo, a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Deus é Amor e o Brasil Para Cristo. (BITUN, 2007, p. 28)

Para uma melhor compreensão das transições que acontecem nos diversos movimentos sociais brasileiros, faz-se necessário refletir na fala de Pereira de Queiróz (1965) que reforça a importância de se observar as particularidades de cada movimento.

O Brasil, quanto à estrutura e organização, forma um todo heterogêneo – verdade banal; mas até hoje as questões tem sido estudadas, em antropologia e sociologia, como se o país formasse um todo uniforme, no que toca às posições estruturadas dos diferentes grupos que se defrontam. As exceções são de pequena monta. Cumpre não somente reconhecer a dissemelhança de suas diferentes partes, como também verificar como se entrosam, a posição de comando, de inferioridade ou de igualdade de umas em relação às outras, pois forçosamente influirão nos fenômenos sociais que em seu seio têm lugar. Só assim os problemas de conservação ou não de elementos culturais; de transformação interna dos grupos; de desestruturação e desorganização; de mudança social; de reforma e de revolução, – poderão adquirir maior clareza e maior profundidade de compreensão. (p. 328)

Uma das questões que distingue as igrejas neopentecostais das pentecostais tem relação direta com a chamada Teologia da Prosperidade. Esta, por sua vez, é mais bem compreendida se olhada pelo prisma da Confissão Positiva.²⁶

Para a satisfação de alguns e espanto da maioria, o movimento denominado Confissão Positiva tem se alastrado na comunidade evangélica brasileira desde a última década do século passado. É conhecido popularmente por vários nomes: “teologia da prosperidade”, “evangelho da saúde e da prosperidade”, “palavra da fé” ou ainda “Movimento da Fé”. Essa corrente doutrinária ensina que qualquer sofrimento do cristão indica falta de fé. (...) Seus líderes apregoam que os seres humanos possuem natureza divina, que consultar médicos ou tomar remédios é pouco recomendável para o cristão, que Jesus foi milionário e que a soberania de Deus é limitada pela vontade humana. (ROMEIRO, 2007, p. 19)

Sobre a Confissão Positiva Pieratt (1996) traz o seguinte:

Segundo a doutrina da prosperidade, os apóstolos estavam enganados quanto à vontade de Deus nesse sentido. Deus pode ter escolhido os pobres e os de condição inferior deste mundo, mas nunca pretendeu que eles continuassem assim. (...) A confissão positiva atua em ambas as direções; é a dádiva por meio da qual a saúde e a prosperidade são recebidas, mas, ao mesmo tempo, é uma exigência que não pode ser evitada. (p.64-65)

O mal é identificado como ação do demônio que, de alguma maneira, não deixa a pessoa em paz. As doenças recebem a alcunha de entidades malignas e as dívidas e

²⁶ Igreja Nova Vida (1960), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) são as primeiras e mais importantes denominações neopentecostais em nosso país. Nelas, vê-se claramente o uso da Confissão Positiva.

problemas financeiros são culpa do diabo. Este se torna um agente que atua na Terra contra as pessoas.

Além dessa postura teológica que incentiva seus fiéis a olharem muito mais para o terreno que para o celestial, o neopentecostalismo, em sua maioria, rompe com vários dos costumes pentecostais nos quesitos de vestuário, alimentação, lugares que podem ou não ser frequentados e etc.

Mariano (1999) destaca que há três principais características que separam os neopentecostais dos demais grupos: exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e seus demônios, a ênfase na pregação da Teologia da Prosperidade e a liberação dos estereotipados usos e costumes da prática pentecostal de santidade. É, indubitavelmente, uma nova maneira de se enxergar o mundo e a própria religião.

O prefixo “neo” mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo. Embora recente entre nós, o termo “neopentecostal” foi cunhado há vários anos nos EUA. Lá, na década de 70, ele designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de carismático. (1999, p. 67)

Todavia, se faz extremamente necessário observar a complementação feita por Campos (1997) que mostra algumas especificidades no entendimento do termo neopentecostal nos EUA.

Naquele país, atribui-se o termo “neopentecostalismo” a pessoas com a mentalidade neopentecostal, mas que se consideram adeptas de uma “renovação espiritual” dentro dos próprios quadros denominacionais a que pertencem. De uma maneira geral, esse “neopentecostalismo” enfatiza o exorcismo, cura divina, dons espirituais, continuidade da revelação divina através de líderes carismáticos, e uma parte dele aceita a “teologia da prosperidade”. Esse “neopentecostalismo” ganhou força no mundo religioso norte-americano nos anos 70, período em que também começou a penetrar na América Latina, provocando o surgimento de novas igrejas, seitas e denominações, assim como cisões nas principais protestantes brasileiras, entre elas, Metodista, Batista, Presbiteriana, Congregacional e outras. (1997, p. 50)

A postura independente do neopentecostalismo faz de cada igreja, que se conduz por essa vertente, um grupo extremamente independente das demais, sem a preocupação de manter uma unidade com as outras igrejas neopentecostais. Não existe, pelo menos oficialmente, um diálogo que vise manter certa coerência entre as denominações

neopentecostais. Não existem compêndios teológicos ou litúrgicos. Não há congressos que visem unidade. O que existe, na verdade, é uma espécie de “guerra santa” por horários nas redes de televisão e uma luta por fiéis numa competição franca e aberta.

É possível dizer que o neopentecostalismo é, também, revolucionário no que tange a forma de administrar as igrejas. Adotam o modelo empresarial e transformam as comunidades em verdadeiras empresas e, diga-se de passagem, muito bem sucedidas no que diz respeito ao crescimento patrimonial. O que se pode deduzir das práticas administrativas das igrejas neopentecostais é que, geralmente, a liderança é restrita a pouquíssimos expoentes da organização. No caso da Igreja Universal do Reino de Deus, Campos enfatiza:

Seja como for, a dimensão administrativa dessa Igreja e seus problemas são discutidos num fechadíssimo círculo de bispos e pastores de confiança constituindo-se em “segredos organizacionais”, que raramente transpiram, mesmo no seu jornal oficial. (1997, p.380)

Tal modelo de liderança é visível na Igreja Internacional da Graça de Deus com seu líder mor R. R. Soares, na Igreja Apostólica Renascer em Cristo com o casal Estevam e Sonia Hernandez e na própria Igreja Mundial do Poder de Deus com o Apóstolo Valdemiro Santiago. Para MacArthur Jr, um pregador protestante tradicional dos Estados Unidos, os movimentos neopentecostais descobriram que havia esta brecha da falta de liderança forte nas igrejas tradicionais; dessa forma, puderam criar grandes expoentes que aglutinam multidões.

Liderar significa guiar, alimentar e sustentar o rebanho. A falta de liderança gera terreno livre para o aparecimento de alguém ou de algo que, de uma forma ou outra, tomará a liderança. Há muitos pastores não carismáticos e outros líderes cristãos preocupados com o que está acontecendo, mas não poderão culpar a ninguém exceto a si mesmos. Falharam em exercer liderança exemplar entre seu povo. Em igrejas carismáticas, porém, quase sempre se encontra um líder forte, ou líderes capazes. (2002, p. 198)

Num modelo tradicional de organização religiosa, dificilmente, um líder toma decisões de acordo com sua própria direção e é seguido por muitos. As igrejas mais antigas possuem um sistema burocrático complexo e uma teia de hierarquias que deixam pouco espaço para o surgimento de expoentes carismáticos e, mesmo quando surgem, a tratativa é diferente. No modelo neopentecostal temos uma espécie de repulsa

pelos modelos burocráticos. As decisões são tomadas rapidamente e os membros simplesmente aceitam as decisões que vem de cima e as acatam. Numa igreja neopentecostal os membros não dão palpite na hora de se tomarem decisões.

Uma questão muito importante sobre os neopentecostais é que eles mudam o paradigma de templo dos movimentos anteriores. Campos (1997) comenta que em princípio o homem entendia que todo o universo era espaço de culto ao Criador; os acidentes (rios, montanhas, cavernas etc.) propiciavam o palco adequado para a busca do espiritual. Com o decorrer da história, o templo foi entendido como morada do sagrado. Povos antigos tinham santuários fixos e móveis, nos quais entendiam que os deuses estavam presentes e faziam a diferença. É importante a análise de Campos (1997), sobre a relação do protestantismo com o templo.

O protestantismo, embora seja considerado um dos agentes do processo de secularização, conseguiu fazer do templo um espaço apenas semi-dessacralizado. Do interior dos templos protestantes, na Europa luterana e calvinista, foram tiradas as imagens, e os fiéis perderam até o hábito de fazer o sinal da cruz ao passarem diante deles. Com isso, o protestantismo permitiu realizar no interior de seus templos coisas, que até o Concílio Vaticano II, eram impossíveis de acontecer em templos católicos. Certas alas do pentecostalismo levaram até às últimas consequências essa atitude de dessacralização do espaço religioso. (p. 117)

A maior preocupação dos movimentos carismáticos não estava nos templos, mas nas pessoas.

O pentecostalismo, salvo exceções, fez com que o espaço de culto abandonasse a arquitetura gótica ou rebuscada e se instalasse em antigas garagens, lojas comerciais e desativados galpões industriais, comerciais ou áreas de lazer. Buscava-se então o Deus dos místicos, que habita o interior de seus adoradores, não importando que a sua invocação se dê às vezes num espaço dedicado à apresentação de filmes pornográficos ou num prédio comercial. (CAMPOS, 1997, p. 119)

A escolha do local de culto não precisa estar ligada a um local simbólico ou uma região com importância histórica.

Desde o início de suas atividades, as igrejas neopentecostais, com exceções, evitam construir templos. A iniciativa de abrir um novo local de trabalhos está nas mãos da liderança denominacional. Ela avalia as potencialidades de um novo ponto de reuniões e decide pela possibilidade ou não de se iniciar ali uma igreja. Em geral, os fatores considerados para a tomada de decisão são a facilidade de acesso, a oferta de serviço de transporte coletivo e o fluxo de pessoas. (ABUMANSSUR, 2004, p. 137)

Ao determinar locais de fácil acesso e sem a necessidade premente de se construir um templo que tenha a “cara da denominação”, os neopentecostais revelam seu pragmatismo no modo de atuar e de administrar a igreja.

A forma altamente centralizada de administração e o acesso aos meios de comunicação de massa favorecem essa maneira de atuar. O organismo central da igreja decide onde abrir o novo templo e, depois, pelo rádio e televisão, convoca as pessoas para os trabalhos. Diferentemente das protestantes, o compromisso da comunidade de fiéis com os aspectos materiais daquela igreja, é quase nenhum. Não há envolvimento da assembléia nas questões administrativas. As contribuições feitas pelos freqüentadores do templo não dizem respeito à manutenção do edifício, ao pagamento de contas, às necessidades diárias do trabalho religioso. São, antes, sinais de adesão a um lado da grande batalha espiritual entre Deus e o Diabo. Por isso também as lideranças dessas igrejas não vêm necessidade de prestação de contas para os contribuintes dado que as ofertas são doadas pelo fiel e recebidas pela igreja, não pelo seu valor material, mas pelo que elas representam em termos de sacrifício e sinal de fé do doador. Concorre para essa forma de tratar o dinheiro, o fato de que as comunidades neopentecostais não se formam em torno de um lugar de culto. A virtualidade do espaço e da comunidade coopera para o tratamento do dinheiro em seu aspecto simbólico. Dada a fluidez da comunidade, as cobranças do uso do dinheiro diluiu-se. (ABUMANSSUR, 2004, p. 140)

As denominações neopentecostais, sem dúvida, estão muito bem adaptadas aos costumes e ao modo de vida da contemporaneidade.

4. Neopentecostalismo e Dinheiro

É preciso muita cautela ao tratar da questão financeira no neopentecostalismo. O maior perigo é a repetição do senso comum de que muitos pastores neopentecostais são bandidos e etc. Faz-se necessário enfatizar que o Brasil é um país que garante amplamente o direito de defesa das pessoas e não se pode acusar, quem quer que seja, se não houver provas. Apenas como exemplo, seguem alguns comentários sobre uma das maiores expoentes do neopentecostalismo e de seu líder mor.

“A Universal é uma quadrilha que se dedica à extorsão e ao roubo”. (José Saramago, *Jornal do Brasil*, 30/01/1996)

“Cristo é o caminho. Edir Macedo é o pedágio”. (faixa do bloco carnavalesco *Mudança do Garcia* no carnaval baiano de 1996)

Aos pesquisadores se faz necessário compreender que, junto com várias brincadeiras e comentários pouco lisonjeiros, existe uma carga de preconceito contra os protestantes de maneira geral. Outra constatação é que, mesmo que seja de uma forma não positiva, os neopentecostais estão na boca de intelectuais e do povo. Este ridiculariza, especialmente, os pastores como aproveitadores e os membros das igrejas como tolos que enriquecem aqueles. Contudo, o dinheiro é, antes de qualquer coisa, fruto da própria sociedade. Entendê-lo apenas como moeda de valor ou de troca, fora do contexto social é reduzir ao extremo sua simbologia e importância.

Partindo com essas premissas é possível se afirmar que, dentro do contexto religioso, o dinheiro pode, sim, assumir uma característica sagrada. Ele pode simbolizar até mesmo um veículo de comunicação com os deuses e os doadores podem doar de si mesmos na esperança de manipular o sobrenatural de acordo com seus próprios anseios e vontades.

Geertz (1989, p. 47) defende que a cultura é um conjunto de significados que são transmitidos, através da história, principalmente através de símbolos. As pessoas usam ou não estes símbolos para interagirem dentro de seu próprio contexto e na relação com outras culturas, quando ocorre um choque cultural, por exemplo. A religião, nada mais é, que uma tentativa de se compreender o transcendente. Dessa forma, o dinheiro é mais um símbolo que por si só não tem valor; este depende da agregação de valores que uma cultura lhe confere.

Biblicamente, não parece haver proibições no tocante a ganhar mais dinheiro. Contudo existem várias exortações a fim de que as pessoas não se deixem controlar por ele. Parece que o problema não era o dinheiro em si, mas a relação que se desenvolvia com ele²⁷. A religião, de maneira geral, desde o início teve que lidar com a questão do dinheiro e do mercado. Campos comenta:

O cristianismo surgiu numa sociedade já habituada à “comercialização” do sagrado, porque, no primeiro século de nossa era, em muitos santuários religiosos de tradição asiático-greco-romana praticava-se um intenso comércio ao redor do espaço

²⁷ Estas são algumas referências bíblicas que tratam do assunto: 1 Timóteo 6. 7-10, Mateus 6. 19-24, Lucas 8. 7 e 14.

sagrado. Mesmo o templo de Jerusalém, na época de Jesus, era controlado por uma casta sacerdotal que ali desenvolvia um comércio regular de animais destinados ao sacrifício e cambiava moedas trazidas por judeus de todo o Império Romano, proibidas de circularem na área do templo. Como não havia um padrão único de moedas, exigia-se a presença do cambista, cuja função era trocar dinheiro do peregrino pela “moeda do templo”, condição para a aceitação das ofertas. Isso, obviamente, era feito em condições vantajosas para os sacerdotes. (1997, p.167)

Obviamente, esta situação gerou um grande conflito entre Jesus e os sacerdotes. O episódio ficou conhecido como a “purificação do templo”, quando Cristo passa a derrubar as barracas e bancas dos cambistas e a expulsá-los do templo. Dizia que o templo era para ser uma casa de oração e não um covil de salteadores (Marcos 11.15-19)

Sabemos que séculos depois um dos grandes embates da história, que aconteceu entre Lutero e lideranças católicas, foi desencadeado, entre outras questões, pela venda de bens sagrados por parte da Igreja Católica, as chamadas indulgências. A palavra indulgência tem origem no latim e pode ser traduzida como ‘gentileza’. As indulgências eram documentos expedidos com a assinatura dos altos líderes católicos da época que serviam de garantia de perdão de pecados. Elas eram uma espécie de remissão que libertaria a pessoa do castigo. O problema é que nem todos tinham dinheiro para pagar por elas que eram caras. A venda do favor divino pela Igreja mostra o poder que ela deseja ter.

Esse poder que a religião tem de manipular o sobrenatural, no entender dos fiéis, lhe traz grande vantagem sobre muitas outras ideologias e instituições. Nem todos os que compartilham da crença preferem desafiar o sagrado negando-lhe oferendas. Afinal, não querem viver em desarmonia com a divindade. Talvez o problema tenha se instalado quando as igrejas começaram a se aproveitar dessa vantagem e se adequaram ao modelo de mercado imposto pelo mercantilismo e pelo capitalismo.

A partir desse triunfo do mercado, não se pode mais falar que a religião usa as leis do mercado para vender a sua mercadoria, mas que ela mesma se submeteu àquelas leis e se transformou numa mercadoria também vendável no mercado. A sua submissão aos interesses dos consumidores, fenômeno a nosso ver essencial para se entender o neopentecostalismo, traz de volta as discussões sobre a interioridade das pessoas, suas fantasias, desejos e sonhos, matéria-prima que sempre ligou magia e religiosidade popular. (CAMPOS, 1997, p. 175)

As igrejas neopentecostais passam a imagem de que Deus é o dono de todo ouro e de toda a prata, que Ele é cheio de posses para dar a seus filhos e filhas. O neopentecostal é estimulado a competir no mercado da fé. Funde-se o espiritual e o material. Derrotas financeiras são causadas pelo demônio e as vitórias chegam por meio de correntes de prosperidade²⁸ que desafiam os fiéis a contribuírem mais para receberem cada vez mais. Campos acrescenta:

A ideia de se usar dinheiro em rituais religiosos não é estranha à mentalidade brasileira, e está presente em algumas formas de religiosidade popular. Por exemplo, em cultos afro-brasileiros usa-se dinheiro no assentamento dos orixás, particularmente as moedas que circulam durante muito tempo, e por isso mesmo estão “carregadas de Axé”. O Axé é algo que pode ser aumentado ou diminuído, sempre em função do cumprimento de algumas obrigações para com os santos. A realização desses compromissos dependem de dinheiro tanto para a compra de oferendas como, às vezes, para entrega de moedas aos santos e papel-moeda para o Exu. (1997, p. 369)

O dinheiro é espiritualizado e confundido com a presença da divindade na vida da pessoa. Os membros são desafiados a fazerem uma espécie de sociedade com Deus a fim de serem abençoados.

Não perca a oportunidade de ser sócio de Deus. Coloque-se à sua disposição com tudo o que você tem e comece a participar de tudo o que Deus tem também. (MACEDO, 2000, p. 60)

Para se conseguir a vitória em todas as áreas da vida, faz-se necessário o uso correto da fé, na perspectiva neopentecostal. Através de seu uso correto o crente se torna próspero e vencedor, não importando as circunstâncias. Esta é a opinião de R. R. Soares:

Não precisamos pedir mais.
Só determinar, exigir, ou seja:
Tomar posse da bênção. (1990, p. 22)

²⁸ As chamadas “Correntes de Prosperidade” são encontros promovidos, geralmente, em igrejas neopentecostais. Nestes encontros os indivíduos são desafiados a cumprir um determinado número de dias a fim de alcançar uma determinada dádiva. Em alguns casos, os participantes devem entregar uma determinada quantia em dinheiro ou porcentagem de seu ganho durante o período. Estas correntes, via de regra, recebem nomes específicos para facilitar o acesso das pessoas. Alguns exemplos são a “Fogueira Santa de Israel”, promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus, e o desafio proposto pela Igreja Renascer em Cristo para que os membros sejam “Gideões da Conquista”.

Kenneth Hagin, um dos principais pregadores da Teologia da Prosperidade afirmou sobre Jesus Cristo:

Se Jesus estivesse em carne hoje, teria um cadillac. O equivalente ao cadillac na época de Jesus seria o jumentinho no qual ele montou e entrou em Jerusalém. (HAGIN, S/ data de publicação, p. 48)

O neopentecostalismo é, indubitavelmente, um estágio avançado das conclusões de Max Weber sobre o mundo ocidental e o que nele há, inclusive, uma religião impregnada pelo espírito do capitalismo. Existe a negociação dos bens sagrados.

Chamaremos de ação econômica “capitalista” aquela que se basear na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades (formalmente) pacíficas de lucro. Em última análise, a apropriação (formal e atual) do lucro segue os seus preceitos específicos, e (conquanto não se possa proibi-lo) não convém colocá-la na mesma categoria da ação orientada para a possibilidade de benefício na troca. Onde a apropriação capitalista é racionalmente efetuada, a ação correspondente é racionalmente calculada em termos de capital. (WEBER, 1996, 4-5)

Uma visão religiosa que privilegia o material e esvazia o misticismo na hora de conseguir o lucro, pois ao mesmo tempo em que os neopentecostais fazem uso de objetos estranhos ao protestantismo tradicional, tais como: sal grosso, rosas unguidas, martelinhos, lencinhos e toalhinhas abençoadas, por exemplo, há uma racionalização em busca do propósito de se prosperar e, concomitantemente, uma espiritualização da vida secular. Entende-se que se Deus está com a pessoa, necessariamente ela deverá ser próspera. A divindade é entendida como proprietária de todo o ouro e de toda a prata; logo, na perspectiva da Teologia da Prosperidade, qualquer que seja o sofrimento não combina com a presença de Deus na vida de um indivíduo. Uma clara mudança do pensamento cristão de outrora.

De fato, muita coisa mudou. Os bens materiais já não são inimigos da fé a ser combatidos, mas grandes aliados na busca da felicidade e do sucesso. A preocupação com o céu, com a vida após morte e com o retorno de Cristo arrefeceu sensivelmente, dando lugar à busca das bênçãos financeiras e da solução de problemas e conflitos. Renunciar ao mundo tornou-se tarefa mais amena, o que levou a classe média a aderir, em grande escala, ao movimento neopentecostal. (ROMEIRO, 2005, p.76)

5. Neopentecostalismo e Mídia

Algo que não pode ser ignorado quando se faz referência aos neopentecostais é o uso dos meios de comunicação de massa para divulgarem suas igrejas pelo país e pelo mundo. Martino explica:

As relações entre mídia e religião estruturam-se em uma complexa dialética na qual a compreensão de uma das partes exige o conhecimento da outra. As mudanças nas formas institucionais de religião levam à necessidade do uso da mídia como estratégia de garantia de existência, ao mesmo tempo que a mídia gera novas demandas de trabalho simbólico das instituições religiosas. Assim, as novas dinâmicas do campo religioso criam as condições de existência de um canal de circulação dos bens simbólicos religiosos. (2003, p. 14)

O uso da televisão, rádio e internet são comuns nas organizações neopentecostais. Contudo, embora com alcance menor, o movimento neopentecostal não abandonou a escrita com jornais, revistas, livros, opúsculos e folhetos; assim como faz uso de DVD's que contém pregações, cultos e documentários em geral e CD's com mensagens pregadas, testemunhos e músicas que contém mensagens adequadas à doutrina propagada por eles.

Bitun (2007, p. 86) comenta que o uso mais intenso da mídia tem relação direta com o final da Segunda Guerra Mundial quando as pessoas buscavam um novo *life style*. Uma sociedade mais preocupada com sua própria inserção no modelo de mercado; mais consumista e sedentária. Esta busca pelo novo estilo de vida estava ligada ao fato que a bipolarização do mundo exigia que os Estados Unidos da América divulgassem o capitalismo, não apenas como modelo econômico, mas como forma de afirmação diante da União Soviética e da alternativa socialista.

Os novos movimentos evangélicos americanos, compreendendo e se adaptando melhor as novas realidades, procuraram fazer uso das tecnologias a fim de divulgarem sua mensagem. O mesmo modelo que era usado nos Estados Unidos começa, também a ser utilizado no Brasil. Este recebe uma influência direta do modelo norte-americano e copia suas táticas e modelo econômico-cultural no que é possível.

Campos (1997) comenta que até 1950 os pentecostais não tinham um espaço significativo nas emissoras de rádio. O grupo, em princípio, ainda não dispunha dos recursos e das estratégias necessárias para deslançarem no principal meio de comunicação da época. Depois, porém, algumas mudanças começaram a ocorrer, com influência norte-americana.

No Brasil, a ligação sólida do pentecostalismo com o rádio se deu nos anos 50, com a fusão de características do “pentecostalismo clássico” com o movimento de “cura divina”, cuja expansão gerou imediata resistência do protestantismo histórico. Impossibilitados de continuarem usando templos pertencentes às denominações já estabelecidas e aproveitando-se da experiência do movimento da “cura divina” dos Estados Unidos, os missionários Harold Williams, Raimond Boatright e outros pregadores estimularam o emprego com intensidade das emissoras de rádio como estratégia de apoio às concentrações, então realizadas em tendas de lona, divulgação de curas divinas e contato com um rebanho disperso por inúmeras cidades no interior do País. Naqueles primeiros dias do movimento de cura divina no Brasil, no ABC paulista, um pregador alemão, Ernesto Grimm divulgava pelo rádio as principais idéias do movimento. (p. 270)

Dessa maneira, pregadores brasileiros como Manoel de Melo e Davi Miranda, apenas para citar dois, insistiam na divulgação de suas igrejas e doutrinas pelo rádio, o que lhes garantia um retorno de público para suas igrejas. Porém, o grande salto que levou, efetivamente, os evangélicos a serem notados, especialmente, por sua força de conseguir recursos financeiros foi a compra de canais de televisão.

A Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada pelo Missionário R. R. Soares tem um projeto empreendedor que abarca veículos de comunicação, como: A Graça Editora (fundada em 1983), a Rádio Relógio (de alcance nacional), Nossa Rádio FM (com estações no Rio de Janeiro [89,3], São Paulo [91,3], Minas Gerais [97,3]) e Graça Music, que tem lançado seus títulos de CD desde 1999. Além da Rit TV, canal 40, com programação da Igreja e a Nossa TV que é fechada e precisa ser paga à parte.

Para Mariano, as estratégias são parecidas entre os neopentecostais. A Igreja Internacional da Graça de Deus se parece muito com a Universal. Adota uma agenda semanal de cultos semelhante a ela, abre as portas diariamente, prega mensagem baseada na tríade cura, exorcismo e prosperidade, atrai e converte indivíduos dos mesmos estratos sociais, utiliza intensamente a TV, tem líderes carismáticos e pastores relativamente jovens e sem formação teológica, não concede autonomia às

congregações nem às lideranças locais, dispõe de sistema de governo eclesiástico de poder central e administração centralizada e é liberal em matéria de uso e costumes de santidade. (1999, p. 100)

Não se pode deixar de citar que R. R. Soares aparece durante a semana no horário nobre na TV Bandeirantes ou BAND, com seu *Show da Fé*, um programa com pregação, música, testemunhos, um quadro chamado a *Novela da Vida Real*, outro denominado: *Pergunte ao Missionário* e variedades que lembram um programa de auditório, uma vez que é realizado na sede da avenida São João, um antigo cinema em São Paulo, Capital. A transição entre os quadros do programa é o, quase sempre exigido, “deem uma salva de palmas para Jesus”.

A televisão tem um poder de penetração muito vasto. Ela trabalha não apenas a voz, mas também a imagem. Os “zooms”, os afastamentos, os closes, as cores e a magia que circundam o aparelho fazem com que os telespectadores fiquem quase que hipnotizados diante de seu poder de atração.

Em alguns momentos a televisão tem o papel de companhia das pessoas solitárias. As igrejas neopentecostais, e até mesmo líderes pentecostais como Silas Malafaia, descobriam este filão e investem pesado nas madrugadas com programas que levam mensagens para os fiéis e demais telespectadores. Embora a audiência não seja tão alta (cerca de 0.8 a 1.8 ponto no Ibope, segundo as emissoras), é nas madrugadas que se manifestam muitas situações de privação de sono em virtude de ansiedades e preocupações com a vida de um modo geral. Sem contar, evidentemente, os que trabalham no horário noturno em diversos setores da sociedade.

Um dos programas clássicos das madrugadas, criado na década de 1990, é o *Fala que Eu Te Escuto*; nas madrugadas da Rede Record de televisão, com horário flexível, e com média 1 a 3 pontos no Ibope (segundo o Ibope, cada ponto equivale a 52,3 mil domicílios); ele dá oportunidade dos telespectadores participarem do programa com perguntas diversas. O programa sugere um assunto principal, mas a pessoa, geralmente

identificada como “amiga” ou amigo”, que dá a opinião, em muitos casos, acaba fazendo um pedido de oração e às vezes até chora no ar.²⁹

A televisão, apesar do avanço da internet, ainda é o mais importante meio de comunicação no Brasil. Percebendo esta verdade, a Igreja Universal do Reino de Deus deu um grande passo, tornando-se uma das principais igrejas no Brasil, depois que comprou a Rede Record.

Segundo o Ibope, em sua primeira grande pesquisa sobre telecomunicações no Brasil, constatou que a televisão ainda é insuperável como meio de telecomunicação em nosso país.

O IBOPE Mídia realizou um estudo inédito sobre o cenário atual das telecomunicações no Brasil. Foram ouvidas 8.000 pessoas acima de 16 anos, em todas as regiões do País, entre novembro e dezembro de 2006. O resultado obtido foi dividido em três categorias de produto: televisão, internet e telefonia. Praticamente em todos os domicílios existe ao menos um aparelho de TV, sendo que em mais de um terço deles, há dois ou mais televisores. Para 63% das pessoas, a maior variedade/diversidade de canais e programas, além da imagem e do som, são fatores importantes para motivar a compra de uma antena parabólica para o domicílio. Praticamente dois terços das residências da classe A possui TV por assinatura, principalmente na região Sudeste e nas capitais do Brasil, e 71% de quem utiliza este tipo de serviço pretende permanecer com a mesma operadora e o mesmo pacote. Mais de 70% das pessoas da classe A acessam internet em seus domicílios. Independente da classe socioeconômica, mais de um terço das pessoas que acessam a internet de seus domicílios não o fazem de nenhum outro lugar. Dentre os internautas que afirmaram não ter acesso à banda larga, 42% pretendem adquirir o serviço nos próximos seis meses. (Publicado no site do Ibope)³⁰

Entendendo que a televisão é ainda o mais importante meio de se comunicar com pessoas, os neopentecostais e não só a IURD, investiram em compra de horários e até de emissoras. Contudo, a aquisição da Rede Record desencadeou uma série de críticas das outras emissoras.

Foi exatamente nessa época, 1990, como analisamos anteriormente, que tanto a Rede Globo como a Rede Manchete, prepararam programas especiais com

²⁹ Este programa está sendo processado por vários artistas que acusam os produtores de usarem suas imagens e não pagarem por isso. A Record se defende dizendo que o programa é uma produção independente que não faz parte da grade da emissora! Confira mais informações na coluna de Ricardo Feltrin 09/03/2009 do site UOL.

³⁰<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Consumo&docid=11705B5425CFBA218325731B00669E51>; acessado em 19/04/2008.

denúncias de “manipulação do público”, de “charlatanismo”, da “extorsão de dinheiro”, que estariam acontecendo em seitas “exploradoras da credulidade do povo brasileiro”. Surgia a “grande ameaça” que seria a IURD de Edir Macedo que acabara de adquirir a Rede Record, e cujo processo de transferência de concessão estava em andamento junto à Presidência da República. Afinal de contas, pensava-se que uma certa pressão poderia ajudar a inviabilizar essa transferência, possibilidade tida como certa na época por alguns burocratas de Brasília, que pensavam que mais cedo ou mais tarde, a Record iria sumir das mãos de Macedo. (Veja 17.07.91, Apud CAMPOS, 1997, p. 287)

Campos (1997) comenta que, diferentemente, dos televangelistas norte-americanos que reuniam pessoas em templos e aglomerações para verem os programas, a Igreja Universal, e pode-se acrescentar as demais denominações neopentecostais, usam a televisão para chamar os fiéis para os templos.

Valdemiro Santiago não foge desta lógica. Usa um slogan bastante conhecido pelos que acompanham seus programas na televisão: “Vem prá cá, Brasil!”

Na reunião das 19h: 30min. do dia 20/04/2009, o Apóstolo disse que, atualmente, a Igreja Mundial do Poder de Deus paga mais de 13 milhões de reais por mês para exibir seus programas no Brasil e em alguns países ao redor do mundo, incluindo África e Europa. Depois de dar a informação acrescentou um comentário:

À medida que eu for provando pra vocês que Deus me ouve, você vai ver que pode até pagar um desses programas pra Igreja. Eu não quero nada pra mim! Até meus CDs são para a obra. A moça da gravadora disse que estão preparando o disco de diamante pra me dar! Significa mais de 500 mil cópias vendidas; mas esse dinheiro não é pra mim; é pra pagar os programas que abençoam você! (Visita a IMPD em 20/04/2009)

6. Neopentecostalismo e Igreja Mundial do Poder de Deus

Bitun (2007) em sua tese de doutorado trata exatamente de uma das questões que são abordadas neste capítulo: *Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal*. Embora use o termo “rupturas”, Bitun já na introdução do trabalho afirma que estuda a Igreja Mundial do Poder de Deus e a classifica como neopentecostal. Isso porque o termo rupturas significa que a IMPD traz alguns elementos novos ao campo religioso neopentecostal, mas não ao ponto de se

enquadrar, voltando ao modelo clássico pentecostal ou gerando um movimento genuinamente novo e independente.

Investigamos quais os pontos que aproximam e quais aqueles que distanciam a Igreja Mundial do Poder de Deus do movimento pentecostal da qual é egressa, uma vez que trabalhamos com o pressuposto de que a identidade desse movimento ocorre por meio de uma ruptura-continuidade, visto que não há rupturas totais nas sociedades humanas, antes continuidades retrabalhadas, parte-se de materiais anteriores ao mesmo, em resposta aos desafios históricos e concretos operantes sobre um grupo social em momentos específicos. (BITUN, 2007, p. 1)

Para Romeiro (2008) a Igreja Mundial do Poder de Deus é um dos desdobramentos do neopentecostalismo. Ela introduz uma nova *práxis* no meio neopentecostal.

O neopentecostalismo é o movimento religioso que mais cresce no Brasil, com uma visibilidade considerável na mídia eletrônica e um poder imenso de atrair novos fiéis e mobilizar as massas. Isso produz constantes desdobramentos dentro do movimento, novos líderes aparecem no cenário religioso e novas práticas passam a ser acrescentadas no *modus operandi* das igrejas. Um desses desdobramentos é a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada por Valdemiro Santiago. Apesar de poucos anos de existência, tem investido consideravelmente na programação de TV e já conta com centenas de igrejas em todo o Brasil. Várias de suas práticas são distintas das demais igrejas neopentecostais, o que a torna diferente e atraente para um público constantemente assediado pelo discurso triunfalista do neopentecostalismo. (p. 1)

Outro pesquisador que analisou a Igreja Mundial do Poder de Deus foi Nunes (2007) que defende que a referida igreja traz uma mudança de foco da burocracia (Igreja Universal do Reino de Deus) para a profecia (Igreja Mundial do Poder de Deus).

O neopentecostalismo chama a atenção devido ao seu crescimento aqui no Brasil. Dentre as igrejas neopentecostais destaca-se a Igreja Mundial do Poder de Deus. (...) A Igreja Mundial do Poder de Deus é uma dissidência da Igreja Universal do Reino de Deus. (...) No campo da idealidade, a Universal passa a representar a Burocracia, que é o processo de institucionalização, resultado histórico de todo movimento religioso. A Mundial representa a Profecia, cuja característica é a contestação. (p. 4)

Sobre a conseqüente institucionalização das igrejas, Bitun (2007, p. 162) defende que a Igreja Mundial caminha para se tornar uma organização mais burocrática e complexa. Relata que numa conversa informal, um advogado contratado pela igreja

disse que fora contratado justamente para organizar a parte jurídica da igreja. É a passagem do mágico para o natural com bem salienta Weber (1991, p. 293).

Logo, para estes pesquisadores que tem se debruçado sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus há certo consenso de que ela é uma igreja da linha neopentecostal, embora reconheçam que ela trouxe consigo certas rupturas com o modelo que, aos poucos, se institucionaliza daquilo que futuramente poderá ser denominado de neopentecostalismo tradicional ou, quem sabe, clássico. Contudo, para o líder da Igreja Mundial, as ideias de rótulos e religião são complicadas. Ele diz que não prega religião, mas o Evangelho.

Não prego religião. Isso de religião só faz mal para as pessoas. Não me vem falar de religião que eu não gosto! (Programa *O Poder Sobrenatural da Fé*, Canal 21, 09/10/2008, 08h34min.)

Estava num voo ao lado de um padre, muito simpático que parece esse rapaz que deu testemunho. Aliás, um jovem que veio aqui outro dia me abraçou e disse que trabalha com o padre Antonio Maria. O jovem disse que o padre me mandou um abraço e mandou um recado para que eu continue assim, sem pregar religião e sim a Palavra de Deus. Negócio de religião pra mim é complicado. Eu gosto de todos independente de religião. (Visita a IMPD em 20/04/2009)

Para Bitun (2007, p. 171) a Igreja Mundial soube trabalhar bem aspectos das teologias que estiveram presentes na segunda e na terceira onda. Cura divina e Teologia da Prosperidade foram, como o próprio Bitun cunha, “remasterizadas”; a cura divina volta a ser a principal oferta de bem religioso como no primeiro pentecostalismo; e a Teologia da Prosperidade recebeu nova roupagem com novas técnicas de abordagem. Ambas as teologias aglutinadas numa figura extremamente carismática que é a do Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira.

Um exemplo da nova roupagem da Teologia da Prosperidade se vê nas novas reuniões de prosperidade da Igreja Mundial do Poder de Deus. Em março de 2009 começou o “Clamor do Crescimento Financeiro”. Esta reunião é realizada as segundas-feiras e atrai muitas pessoas à sede da igreja. A reunião das 19h30min é conduzida pelo próprio Valdemiro Santiago. Este pesquisador teve a oportunidade de acompanhar, no local, a reunião do dia 20 de abril.

A reunião é bastante parecida com as demais da Igreja Mundial em muitos pontos. O Apóstolo tenta chegar à plataforma, o que leva uns dez minutos, pois as pessoas tocam nele, passam papéis, fotos, carteiras de trabalho, receitas médicas, toalhas e tantos outros objetos para energizá-los a fim de alcançarem seus objetivos.

Campos (1997) comenta que a Igreja Universal espargia a ideia de templo como lugar energético. Objetos sagrados distribuídos em campanhas tais como rosas unguadas, sal, azeite e etc., já fazem parte da rotina neopentecostal e tem raízes mais distantes e complexas.³¹ A Igreja Mundial e seu líder apenas continuam a tradição herdada de sua própria “mãe”. A novidade provavelmente se encontra no fato de que a energização não é feita apenas no espaço, mas usa-se uma pessoa; e se retira do Apóstolo o poder para resolver as mazelas da vida.

Depois, voltando à reunião, vem um período de, aproximadamente, 40 minutos com orações e cânticos. Em seguida, passa-se aos testemunhos que, segundo Valdemiro, são inevitáveis. Nesta reunião de prosperidade uma fala do referido Apóstolo chama a atenção por manifestar uma ideia diferente dos outros neopentecostais. Depois de alguns testemunhos de livramentos na área de finanças segue a fala de Valdemiro Santiago.

Eu falei alguma vez aqui: cobra de Deus? Dá isto ou aquilo? Exija isto de Deus? Não! Eu não digo isso! Eu ensino: ame a Deus e seja fiel nos dízimos e nas ofertas. Não é pra dar chave de carro, terreno, nada disso! Só o dízimo. Não cobre nada de Deus; ame a Deus e ele vai te abençoar. Eu não exijo, nem determino nada. Só peço, clamo, e Deus me dá tudo! (Visita a IMPD em 20/04/2009)

O Apóstolo usa em seu discurso que não cobra para curar e nem para abençoar. Nestas palavras ele enfatiza que há uma diferença entre a Igreja Mundial do Poder de Deus e muitas outras igrejas neopentecostais que só pedem dinheiro, mas o milagre não acontece. Não há “corrente” ou desafios do tipo dar mais para receber mais; trata-se de uma reunião parecida com as outras, mas a ênfase é na prosperidade. Enquanto Valdemiro Santiago falava ao povo, uma mulher, do meio da multidão, o interrompe querendo contar um milagre. Ele fala:

Você foi curada de câncer? Hoje não pode dar este testemunho; hoje é dia de ganhar dinheiro. (Visita a IMPD em 20/04/2009)

³¹ Sobre esta questão sugere-se recorrer ao livro de Campos (1997), pp. 121-160.

Valdemiro diz, com confiança, diante das câmeras que não precisa forjar nenhum tipo de milagre.

Tem igreja por aí que precisa garimpar milagre (risos); aqui na Mundial não! Existe é fila pra contar o que Deus tem feito na vida deles. Nós não damos conta de registrar e atender tanta gente querendo dar testemunho! Olha, e é de graça, heim! A mão de Deus está aqui! Olha Brasil, o que Deus está fazendo aqui neste lugar! (Programa *O Poder Sobrenatural da Fé*, Canal 21, 20/12/2008, 12h47min)

Seguindo as definições de Weber (1979, p. 895-897) entende-se que Igreja é um grupo religioso específico que se afirma quando contém um grupo de especialistas desligados do mundo. Ela está sujeita a regras e tem anseios universalistas de expansão; seus dogmas e cultos foram racionalizados e ela se estabelece dentro da sociedade; tem um livro sagrado e doutrinas. Quando o carisma não está mais ligado a uma pessoa ou função sacerdotal a Igreja torna-se instituição. Pode-se, então, dizer que a Igreja institucionalizada possui carisma em si mesma e não depende de seus ministros. A Igreja Mundial do Poder de Deus parece que ainda não chegou nesse estágio, dependendo muito de seu Apóstolo e fundador.

As igrejas, juntamente com outras empresas espirituais, obtiveram o monopólio de exercer o culto religioso. As igrejas manipulam o sagrado e os bens de salvação, tanto desejados por tantas pessoas. Pode-se dizer que o neopentecostalismo soube fazer a leitura correta da contemporaneidade e, ao mesmo tempo, é fruto dela. Ele traz o discurso que as pessoas querem e precisam ouvir. Manipula o sagrado e o que este pode oferecer, o que não é dado, mas há, sim, uma troca entre os atores.

Um país com sérios problemas sociais, como é o caso do Brasil, torna-se um palco bastante apropriado para um grupo que propõe um rompimento com a dura realidade. O neopentecostalismo, como as demais igrejas, tem pretensões universais e quer atingir o maior número possível de indivíduos em todas as áreas de suas vidas. Pessoas que não recebem o mínimo do poder público tornam-se agentes de uma religião que pode ser uma válvula de escape para as mazelas da vida; já a classe média, que gostaria de subir na escala social, mas que vive a angústia de poder perder o que tem e, ao invés de subir, descer para as camadas inferiores, também corre para buscar a prosperidade que pode lhes dar, finalmente, a abundância.

Muitos falidos, doentes, fracos, com problemas nas diversas áreas da vida recorrem a templos e aglomerações de fé como a Igreja Mundial do Poder de Deus como se esta fosse sua última chance, o último bote no mar agitado. Cantam emocionados clamando por socorro!

Vem, derrama sobre mim a Tua unção.
Tens, minha vida como altar!
Hoje eu quero lhe dizer, que a minha vida sem Você não dá!

Aquilo que parecia impossível.
Aquilo que parecia não ter saída.
Aquilo que parecia ser minha morte.
Mas Jesus mudou minha sorte.
Sou um milagre! Estou aqui.³²

As pessoas que buscam um templo neopentecostal querem solução. Se não forem bem atendidas podem procurar outro lugar para buscarem os bens espirituais. Campos (1997) comenta que a IURD, grande denominação neopentecostal, poderia perder adeptos e espaço no mercado religioso se não reformulasse seus produtos ou não apresentasse novidades na vitrine.

Não se pode, contudo, revelar que a atual fórmula *iurdiana* que prevê cura-exorcismo-prosperidade como “solução” para todos os problemas humanos, está excessivamente datada. Assim, o que é segredo de seu atual sucesso, se não houver reformulações contínuas, poderá provocar o envelhecimento da fórmula e conseqüentemente, de sua linha de “produtos”. Se isso acontecer, as massas poderão abandonar o empreendimento na medida em que este perder com elas a sintonia, deixando-se com isso de predominar na Igreja Universal as estratégias de *marketing* e de comunicação, que até o momento têm sido uma de suas principais características. (p. 474)

A Igreja Mundial do Poder de Deus, apesar de seguir uma lógica semelhante a da Igreja Universal, parece ser esta reformulação não da IURD, mas do próprio neopentecostalismo. A Igreja Mundial percebeu uma oportunidade e introduziu um discurso mais popular e mais simples; também enfatiza mais os milagres que a cobrança de ofertas, desafios e “correntes” e traz um líder extremamente carismático que está mais próximo das pessoas; estas novidades foram bem recebidas, haja vista o grande número de templos abertos no Brasil e no mundo (segundo a própria denominação até

³² Letras de alguns dos cânticos entoados na Igreja Mundial do Poder de Deus.

2008 contava mais de 500 templos no Brasil e está presente em outros países como Argentina, Colômbia, Uruguai, na América do Sul, Espanha e Portugal, na Europa, Moçambique, na África, e Japão, na Ásia³³) e as enormes aglomerações por onde quer que Valdemiro Santiago, o oráculo mor, passa.

Irmão (ã), imagine quantos vendavais, ataques e tempestades já sofremos, e estamos firmes. Quando o vento bate na árvore, ela balança, mas permanece por causa da raiz. Ela pode envergar, mas não quebra. (...) Quando eu entrei na obra eu abraçava os leprosos e os parálíticos. E hoje é diferente? Não. Eu continuo o mesmo. Quando eu comecei na obra, para mim não existia rico e pobre, e hoje é a mesma coisa. Na Igreja Mundial do Poder de Deus tem pessoas de todas as classes sociais e são todos iguais. Tem gente que acha que arrebenta, mas quem arrebenta é Jesus. Quando eu tinha aquela igreja, pequenininha, cuidava daqueles 40 membros com todo carinho. Hoje não é diferente. Eu cuido de todos, na oração e no jejum. Têm muitas pessoas recebendo milagres em casa, nos hospitais, ou somente ligando a TV. Deus atende as orações, porque oramos e jejuamos por todos vocês. (SANTIAGO, *Jornal Fé Mundial*, 02/2009, p.2)

Para o Apóstolo, a Igreja Mundial do Poder de Deus é uma volta à Palavra de Deus e à simplicidade do Evangelho. Ele cuida do rebanho que, por isso, não o abandona.

³³ Somente em 2008 a Igreja Mundial cresceu 200% abrindo 20 novos templos por semana. Cf. *Revista Eclésia Edição Especial*, 2008.

Capítulo 3. Valdemiro Santiago e sua *Práxis Religiosa*

1. Breve Biografia

A história de Valdemiro Santiago de Oliveira é muito parecida com a de muitos brasileiros que deixam sua terra natal e migram para as grandes cidades em busca de, quem sabe, oportunidades melhores.

Ele nasceu na cidade de Palmas que fica no Estado de Minas Gerais em 02/11/1963. Disse que nasceu e cresceu num local distante da civilização, um lugar de poucas oportunidades. Jamais imaginara que escreveria um livro. Insiste que Deus o levantou do pó. Veio de uma família muito pobre e católica não-praticante. Com 12 anos perdeu sua mãe e com 14 anos saiu da casa de seu pai. Até conhecer a Jesus diz ter passado por muitas dificuldades, chegando a passar necessidades, além de ter se envolvido com más companhias. Relata que passou fome, dormiu na rua e se tornou viciado. Conheceu a Deus, mas não ainda o que o Senhor poderia realizar. Relata que viveu momentos difíceis até seu encontro com o Todo Poderoso, mas não entra em maiores detalhes. (OLIVEIRA, 12/2007)

Valdemiro Santiago começou sua jornada ministerial na Igreja Universal do Reino de Deus atuando em vários setores da mesma, até chegar ao cargo de Bispo: cargo mais importante da denominação. Embora não enfatize estes pontos, Santiago é, segundo ele mesmo, bacharel em Teologia Ministerial, formado pela OTEAL (Ordem dos Teólogos Evangélicos da América Latina); é radialista, locutor e apresentador. É casado com a Bispa Franciléia e pai de duas filhas.

Ele mesmo comenta que, aos poucos, o Espírito de Deus lapidou sua vida e o ungiu para que fosse um conquistador de almas. Diz que quando pregava, ainda no início do ministério viu uma reportagem sobre a África e pôde perceber os sofrimentos patentes naquela região do mundo. Sentiu-se tocado e pediu para Deus a oportunidade de levar a mensagem cristã àquele país. Segundo ele mesmo, a reportagem que falava sobre a África tocou profundamente em seu coração, especialmente os sofrimentos daquele continente.

Aquilo me doeu o coração, então falei com Deus: Senhor! Dê-me a oportunidade de um dia estar neste lugar, falando do Senhor, mostrando o seu poder, pregando a sua Palavra. (12/2007, p. 7)

Somente dez anos depois é que foi para trabalhar em Moçambique, um dos países mais pobres do mundo. Informa que, mesmo antes da África, passou por vários livramentos, mas neste momento se concentra em falar sobre como Deus o ajudou naquele lugar em especial.

1.2 O Naufrágio

Valdemiro Santiago narra o naufrágio ocorrido em 21 de maio de 1996, fato que ele conta com detalhes em seu livro “O Grande Livramento”; este naufrágio parece estabelecer um “antes e depois” em sua vida ministerial.

Ele e os colegas pastores saiam para uma pescaria. Adquiriram uma embarcação a fim de trazer peixe para as pessoas necessitadas que procuravam ajuda na igreja. Ele explica que muitos morrem de fome e o trabalho social é imprescindível naquela região. Peixes e até carne de caça (ganharam licença para caçar) eram transformados num “sopão” para os necessitados.

Valdemiro fala que há muitos muçulmanos na região. Os batismos eram bastante profícuos com milhares sendo batizados. Num deles quatro mil e quinhentas pessoas, sendo mil muçulmanas, tornaram-se cristãs, fato que acendeu a ira dos líderes islâmicos do lugar. Um desses líderes era o gerente do clube onde a embarcação ficava. O Apóstolo comenta que não imaginava que o gerente sabotasse ou permitiria alguém sabotar a embarcação da igreja.

Quando saíram para pescar perceberam o mar agitado, mas nada fora do normal. Vinte quilômetros em alto mar o barco começou a afundar. Parafusos essenciais foram retirados (parafuso com cerca de meio metro). Quando chegaram a alto mar, os três pastores e um músico, a priori, não pescaram, mas entoavam cânticos de louvor e adoração. Ao perceberem a sabotagem e o barco sucumbindo aos poucos, Valdemiro

distribuiu os três coletes para os outros, falou para que ficassem na bóia e decidiu buscar ajuda nadando num ponto que o computador de bordo marcava noventa metros de profundidade.

Ele conta que seus companheiros questionavam a possibilidade dele conseguir alcançar a terra, talvez pelo fato de Valdemiro Santiago pesar cento e cinquenta e três quilos na época. Eram nove horas e trinta minutos. Um dos colegas permaneceu na bóia, dois decidiram seguir seu líder, o qual relata que nada poderia fazer para impedi-los uma vez que cada um deles era maior de idade e a fé é individual.

Naqueles momentos ele narra que a angústia era grande, pois o lugar que é chamado de *Baixonai* é um conhecido ninho de tubarões brancos. Houve várias reportagens a respeito e Valdemiro Santiago se lembrava delas. Era, segundo ele, um ataque do diabo. Insiste que Satanás falava a seu ouvido dizendo que ele não escaparia com vida e seria rasgado pelos dentes dos tubarões famintos. O religioso gritava pedindo socorro a Deus.

O Apóstolo relata que não tinha certeza se estava nadando em direção à praia. As ondas grandes e o mar límpido o confundiam. Pronuncia que num determinado momento nadou entre os peixes barracudas, que são agressivos e chegam a dois metros de comprimento.

Até que ele se vê rodeado por um tubarão branco. Narra que sentiu muito medo. Orou, chorou e clamou muito a Deus, não só por ele mesmo, mas também por seus amigos que estavam dispersos no mar. Entende que era um ataque de Satanás à sua fé, pois agora mais de um tubarão passava próximo a ele, olhava e descia, contudo podia observá-los de longe e vê-los se aproximando de novo.

Naqueles momentos, Valdemiro Santiago descreve que Deus o confortou com a recordação da passagem bíblica que se encontra no livro do profeta Isaías (Antigo Testamento) que diz: “ao passares pelas águas serei contigo”. Dentre tantas atitudes, ele chega a repreender o mar.

As câibras se intensificavam, mas ele, depois de sete horas e quinze minutos, conseguia chegar a uma praia. Extremamente exausto, com feridas e enxergando pouco, é ajudado por dois homens que afirma serem anjos. Depois outros dois homens aparecem e o levam para um lugar habitado onde recebe os cuidados necessários. Notícias deste naufrágio chegaram a ser publicadas em importantes jornais brasileiros e até mesmo no *New York Times*.

Bispo escapa de naufrágio: Dois brasileiros foram dados como desaparecidos no naufrágio de uma pequena embarcação na baía de Maputo (capital de Moçambique) na tarde de anteontem. Dois outros brasileiros, entre eles, os quais o bispo Waldemiro Santiago de Oliveira, escaparam com vida do naufrágio. De acordo com a Rádio Moçambique, que noticiou o naufrágio, o bispo Waldemiro teria nadado durante sete horas até atingir a praia de Maputo. (Folha de São Paulo, 23/05/1996, p. 3)

Dois brasileiros desaparecem em naufrágio: Dois brasileiros estão desaparecidos após naufrágio de uma pequena embarcação em Moçambique. (...) O bispo Waldemiro Santiago de Oliveira nadou sete horas até atingir a praia de Maputo. (...) Ontem, foi informado em São Paulo, por meio de um canal de televisão que Santiago passa bem. (O Estado de São Paulo, 23/05/1996, p. A18)

Ele afirma que houve outros livramentos. Caiu de um andaime na altura de um prédio de oito andares e nenhum osso do corpo foi quebrado. Na Paraíba foi alvejado por homens que queriam matá-lo, mas nenhuma bala o feriu. Na África passou por um campo minado, o carro saltou, mas ninguém ficou ferido.

2. Valdemiro Santiago e a Igreja Mundial do Poder de Deus

O líder não é, de fato, líder sem seus liderados. O Pastor não o é sem um rebanho. A manifestação da figura aglutinadora de Valdemiro Santiago fica bastante evidente quando se acompanha sua ação na Igreja Mundial. Neste ministério ele é o Apóstolo³⁴ ou Enviado de Deus. Ainda parte da Igreja Universal do Reino de Deus, relata sua primeira experiência com a cura divina. Esta será a principal ferramenta de seu profícuo ministério.

Eu observava as pessoas sofrendo e aquilo mexia comigo então, pela primeira vez, eu fui num hospital fazer uma visita e aí me pediram oração, eu era novo ainda

³⁴ Segundo Nunes (2007, p. 16), Valdemiro Santiago se auto-intitulou apóstolo em dezembro de 2006 obedecendo a uma ordem divina. No mesmo período sua esposa, Franciléia, recebeu o título de bispa.

tinha menos de 17 anos de idade, me pediram oração, tinha uma jovem parálitica, eu não sabia que Deus tinha me ungido com esse dom também, eu fiz a oração, na verdade ela estava na cadeira de rodas, mas naquela época eu pensei: “essa jovem deve estar aí nessa cadeira de rodas por causa das complicações, e de repente pra não forçar por recomendações médicas” na verdade ela não andava a (sic) muitos anos, aí eu fiz a oração, aí eu falei: “você pode levantar um pouquinho?” aí ela levantou, aí a família começou a chorar, as enfermeiras, lá em Juiz de Fora, eu não sabia que ela tinha sido curada, eu não sabia de nada, aí eu falei: “num é que Deus me deu mesmo o dom”. Então eu percebi o chamado de Deus e ali nasceu um desejo de pregar, na época ainda na outra igreja. (Oliveira em entrevista a Bitun, 2007, p. 44)

Valdemiro Santiago, antes de fundar a Igreja Mundial do Poder de Deus, atuou na Igreja Universal do Reino de Deus por dezoito anos. Sua saída do que ele chama de “outro ministério” envolve situações de confrontos pouco esclarecidos com a cúpula da Igreja Universal.

Mas aí comecei a discordar da forma como essa igreja estava agindo. Na minha opinião, já não pregava a Bíblia e ensinava o Evangelho como aprendemos. (Revista *Eclésia*, 2008, p. 14)

Ele relata que resolveu começar tudo de novo em seu ministério após o naufrágio em Moçambique. Insiste que foi humilhado, perseguido e pisado pelos irmãos que se diziam da mesma fé.

... descobri que os tubarões que tinham do lado de fora eram mais perigosos do que os que enfrentei em alto mar. (Outono de 2007, p. 46)

Ele diz que pessoas que havia ajudado agora o tratavam com desprezo porque ele havia iniciado outro ministério.

Quando resolvi sair do outro ministério, disseram que eu ia voltar, me rastejando para pedir pão, mas eu falei para a minha esposa, que nós íamos lutar, e o Senhor ia nos honrar, porque sempre tivemos a maior riqueza, que é a unção de Deus. E aí nós fomos batalhando, lutando e evangelizando nas ruas, inclusive junto as minhas filhas, e o Senhor tem nos enviado uma multidão para o nosso ministério. E a revolta do inferno, do satanás é essa, é ver a igreja cheia, saindo das garras dele. Mas a revolta dele vai aumentar ainda mais, porque eu vou lutar até tirar você do fundo do poço. E eu tenho fé para isso. (Outono de 2007, p. 47)

Valdemiro Santiago deixa claro que quando voltou ao Brasil tinha objetivos e frisa que se os contasse, muitos duvidariam. Compara sua história com a de Neemias, um personagem bíblico. Assim como Neemias, ele entende que não dependeu dos recursos

humanos, não abaixou a cabeça para o diabo e seguiu firme seu propósito. Sua imagem está mesclada com a sua igreja.

No livro “Os Pensamentos de Deus” Valdemiro Santiago aparece em várias fotos ao longo da obra. Na capa ele aparece ajoelhado com uma paisagem do firmamento de fundo. Ele aparece cantando na pág. 11, acompanha uma paralítica que abandona sua cadeira de rodas na pág. 15, ungiendo uma botija com óleo de azeite na pág. 20, no meio da multidão na pág. 26, ajoelhado sozinho e com pastores da Igreja Mundial do Poder de Deus na pág. 31, sobre o altar com uma panorâmica que mostra a grande multidão na pág. 34, com sua esposa, Bispa Franciléia e suas duas filhas Juliana e Raquel (elas estão orando com a mãe) na pág. 37, orando, ajoelhado, próximo a dois livros: “Livro de Oração e Poder” e “Coluna da Obra de Deus” na pág. 40, a igreja vista do alto (sede nacional em São Paulo) e uma foto de dentro com um pastor erguendo uma cadeira de rodas na pág. 48, cercado por várias pessoas que tentam tocá-lo e colhendo testemunhos acompanhado por uma câmera na pág. 51, Valdemiro Santiago pregando na pág. 57, mais uma vez atendendo as pessoas e orando por elas na pág. 60, impondo sua mão sobre a multidão na pág. 63. Na última capa, ele aparece com a mão espalmada e ao lado o *slogan*: “A Mão de Deus está aqui”.

Das doze fotos Valdemiro Santiago só não aparece em uma: aquela que mostra a Igreja vista de cima. É perceptível que há uma preocupação de mostrar que ele está intimamente ligado à igreja. Mais que isso, a figura do Apóstolo se confunde com a da igreja. Ele é representante e símbolo da Igreja Mundial do Poder de Deus e isto fica claro na disposição das fotos.

A Revista *Eclésia* lançou uma Edição Especial em 2008 sobre a Igreja Mundial do Poder de Deus. Na capa da revista há uma foto, bem destacada, de Valdemiro Santiago e a seguinte manchete: “Igreja Mundial do Poder de Deus: curas e milagres no único avivamento do séc. XXI”.

Ao considerar a Igreja Mundial como “único avivamento do século XXI” a liderança da igreja parece que pretende passar a imagem de que este grupo é onde Deus tem se manifestado nestes últimos dias. Como a reportagem é sobre a igreja, Valdemiro dá uma entrevista com perguntas bem selecionadas e aparecem vários candidatos a

cargos públicos. Vê-se que é intenção da própria igreja e de seu líder passarem esta imagem.

Das vinte páginas desta revista, Valdemiro aparece em 17 fotos. A imagem da Igreja Mundial está, mais uma vez, confundida com a figura de seu líder mor e fundador. O detalhe é que nesta revista, o referido apóstolo aparece não só na igreja, mas ao lado de candidatos a prefeito e a vereador; o apoio do pastor, neste caso, é o apoio da igreja.

Na reportagem a revista apresenta a Igreja Mundial como o maior fenômeno cristão brasileiro na atualidade. Perguntado sobre o vertiginoso crescimento da igreja que, segundo dados da própria entrevista, cresceu 200% e teve 20 novos templos abertos por semana nos últimos meses, Valdemiro responde sem parecer impressionado com isso tudo.

Não é uma questão de números. Existe uma necessidade de se pregar o Evangelho. (...) Porém, uma coisa é o poder de Deus, que muda a pessoa, outra, a religião, um costume, uma tradição. Deus criou essa obra [a Igreja Mundial] e viu a entrega e a simplicidade, um esvaziamento, que permitiu a ele encher-nos de sua grandeza. As multidões continuarão chegando. (Revista *Eclésia*, 2008, p. 11)

Nas visitas realizadas por este pesquisador, foi possível perceber que a dinâmica da reunião da Igreja Mundial segue o ritmo empregado por Valdemiro Santiago. Ele dirige as ações e os personagens.

Escuta Brasil, o que eu estou dizendo. Deus levantou este ministério. O Deus deste ministério vai mudar esta nação! (Oliveira em retransmissão de Reunião dia 02/05/2009, 14:30h)

No domingo 16/03/2008 o pesquisador acompanhou a reunião mais concorrida nas dependências da 'Igreja Mundial do Poder de Deus', rua Carneiro Leão, 439, Centro de São Paulo – SP. Era domingo oito da manhã.

Do lado de fora, na rua da igreja, se estabeleceu um considerável comércio de ambulantes que vendem desde lanches rápidos a CDs evangélicos. O transporte público (ônibus e metrô) está bastante cheio para o dia, horário e região. Pessoas doentes são amparadas por outras em direção ao local da reunião; muitos em cadeiras de rodas. O

movimento é intenso e uma aglomeração de pessoas se forma. A igreja se reúne num enorme galpão para milhares de pessoas (cerca de 22 mil sentadas, R\$ 200.000,00 por mês é o aluguel)³⁵. Existe uma plataforma central o que permite que se forme um círculo de fiéis ao redor. Há, também, três telões dentro do espaço; e, para completar, dentro do galpão há uma livraria e uma lanchonete.

Bitun comenta que a região onde a igreja está faz parte de um dos corredores “fantasmas” de São Paulo; uma antiga fábrica que abriga a igreja desde 2001. O referido autor destaca também a simplicidade do local que não possui os adornos dos templos tradicionais ou, até mesmo, os de algumas sedes de igrejas neopentecostais. (2007, p. 50)

Apesar da enorme multidão (todos os lugares estavam ocupados e muitas pessoas estavam em pé, e outras do lado de fora!), quando o Apóstolo Valdemiro começou a falar (8h e 11min) houve um enorme silêncio. Ele explica que passou a noite em vigília com milhares de pessoas. Um homem teria sido ressuscitado. As pessoas aplaudem e uma canção bem suave começa como fundo musical. Ele pergunta se há pessoas com algum tipo de dor e várias levantam as mãos. Uma mulher chamada Elza, 43 anos, é conduzida à plataforma e diz ao apóstolo que “sente dores desde que se entende por gente”. Valdemiro ora e pede para que ela pule, se movimente, corra e ela diz que não sente mais dores. Ele declara: “há um Deus neste lugar; pode glorificar”.

Vários testemunhos se seguem. Casos de curas e outros de ressurreição³⁶. Ao final de cada um deles o apóstolo dizia frases alternadas, tais quais: “Deus está aqui”, “pode glorificar de pé igreja”. O povo emocionado (muitos choram) aplaude.

A reunião prossegue. Contudo, os testemunhos cedem lugar ao semblante e voz preocupados de Valdemiro: “Como podem perseguir uma obra tão linda como esta?”, insistiu. Alguém teria oferecido “uma fortuna” para tirar o horário da Igreja Mundial da

³⁵ Informação passada durante a reunião pelo Apóstolo.

³⁶ Os casos de cura e ressurreição seguem uma lógica semelhante. Geralmente as pessoas relatam seu testemunho pessoal de cura e, até mesmo de terceiros, porém, não foi observado por este pesquisador nenhum caso de ressurreição. Algumas pessoas alegavam cura de certas paralisias e deixavam suas cadeiras de rodas, todavia em dois casos que o pesquisador tentou dialogar com as pessoas que se levantaram dessas cadeiras, as mesmas, desconfiadas, não prosseguiram o assunto e me orientaram a conversar com os obreiros. Estes, mais desconfiados ainda, evitavam as perguntas e diziam que era milagre.

Rede TV; porém, o proprietário da emissora disse que a prioridade era de Valdemiro e renovaram por mais um ano. O povo aplaude mais tempo que o normal.

Durante a reunião várias faixas são levantadas com testemunhos de curas e pedidos de milagres, algumas de outros estados como Goiás e Sergipe. A Equipe de Louvor começa a entoar cânticos. O apóstolo abre suas mãos bem espalmadas. Circula pela plataforma que dá uma visão panorâmica da comunidade. As pessoas também abrem suas mãos e as direcionam ao apóstolo num gesto de receber a bênção. Uma multidão se aglomera ao redor da plataforma. Muitos querem tocar em Valdemiro. Num pequeno momento de distração, ele se aproxima demais das pessoas e estas quase que o derrubam na tentativa de tocá-lo. Os cânticos cessam. Permanece um suave fundo musical. Valdemiro diz para as pessoas: “Olhem para cá, Jesus vai curar agora!”

Mas, ao invés de orar por cura ele convida outras pessoas que dão mais testemunhos. Um homem testemunha que o prefeito de Quintana-SP (Sr. Ulisses) recebeu uma toalhinha abençoada com o suor do apóstolo e não foi cassado pela câmara de vereadores. A mulher do mesmo prefeito teria sido curada de um câncer. O homem que deu a toalha ao prefeito se diz membro da Mundial, porém acompanha pela TV uma vez que não há ainda igreja na cidade. As pessoas se emocionam com os vários testemunhos e ao final deles o som do instrumento é mais alto e o apóstolo abraça as pessoas. Ele desenvolve um contato muito próximo com as pessoas. Seus movimentos são perseguidos pelas câmeras o tempo todo.

Valdemiro ora (inclusive em línguas estranhas, prática comum para os pentecostais e não tão comum assim para Valdemiro; foi a única vez que o pesquisador presenciou o Apóstolo tendo esta manifestação). Ele diz: “Creia no meu Deus e Ele mudará a tua história”. O povo repete: “A mão de Deus está aqui”. O apóstolo diz: “Algum demônio deve ter ligado para o diabo dizendo: eles só adoraram até agora, mas não mandaram a gente embora”. O Apóstolo diz que o lugar vai ferver e os demônios serão expulsos. Após breve oração alguns gritos são ouvidos. Ele pede para as pessoas não se assustarem, pois é preciso libertar os algemados pelo diabo. Cadeiras de rodas são erguidas e o povo se emociona.

Às 10h e 15min. Valdemiro lê o primeiro e único texto bíblico da reunião: o Salmo 8 do verso 3 em diante. Ele explica que a cura de uma doença é algo simples para o Deus criador de todas as coisas e insiste: “Converta-se a Deus e não a mim ou a uma religião”. “Eu só faço o que Deus me manda”. “Vem pra cá, Brasil!” Enquanto ele prega, colhe testemunhos e conversa com as pessoas, também dialoga com seus telespectadores. Tanto que, em alguns momentos, ele parece falar com todos ao mesmo tempo, outros fala apenas com um grupo específico. Percebe-se que Valdemiro Santiago tem certa facilidade de se comunicar como um apresentador que trabalha com programa de auditório.

Depois de meia hora de exposição da Bíblia, orou e instruiu aqueles que quisessem se tornar membros para que preenchessem suas fichas cadastrais na Igreja Mundial e haveria um batismo no final do culto. Diz que precisa de 20.000 pessoas para ofertarem cada uma R\$ 50,00 para despesas. Recolhem-se dízimos e ofertas. O apóstolo se despede, pois precisa ir para Curitiba. O missionário José Olímpio ora encerrando a reunião 11h e 17min. Após a oração, este último, instruiu que há um grupo de pessoas que orientarão aqueles que transferirão o título de eleitor para São Paulo. Do lado de fora havia mesas e pessoas preenchiam um formulário de transferência de local de votação. José Olímpio foi eleito vereador na eleição daquele mesmo ano, em 2008. Este fato mostra que a Igreja Mundial não quer batalhar apenas na esfera espiritual, mas também começou a estender seus tentáculos para a área política também; aliás, prática comum entre os neopentecostais.

Na maioria das vezes, Valdemiro Santiago, após as pessoas relatarem o testemunho, abraça calorosamente os fiéis. Enquanto ele faz este gesto, uma melodia bastante emotiva é tocada como fundo musical.

O abraço traz a ideia de proteção, socorro e aprovação. Este gesto corporal traz o outro para dentro do território daquele que estendeu os braços. É como se dissesse: “no meu território, tu estás protegido; mas, também, controlado”³⁷. Existem muitos quadros vendidos, principalmente, nas periferias que tem a intenção de mostrar Jesus abraçando pessoas ou ovelhas. Alguns quadros mostram uma figura de Jesus carregando uma

³⁷ Para mais detalhes sobre o tema, sugere-se: WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. 61ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ovelha em seus ombros protetores; geralmente com o versículo bíblico do Evangelho de João Capítulo 10 versículo 11: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas”. Esta figura do bom pastor e das ovelhas é bastante explorada por Valdemiro Santiago. Na verdade há um quadro enorme com referência a este tema na sede da Igreja Mundial e, várias igrejas de bairros também usam este tema, especialmente nas áreas interiores. Nas Revistas e livros de Valdemiro se faz, também, estas referências.

Há um comercial que passa várias vezes nos intervalos da programação da Igreja Mundial do Poder de Deus na televisão. São chamadas com os dizeres: “pelos frutos os conhecereis”; “há uma diferença entre o falso e o verdadeiro”; de repente, Valdemiro Santiago aparece carregando um galão de 20 litros de água em seus ombros, subindo um monte, aparentemente muito cansado e bastante suado. O objetivo é ungir a água para entregar aos membros da Igreja Mundial. Outros bispos e pastores também carregam, mas o foco está sobre o Apóstolo que tem sua esposa ao lado. Mais uma vez se enfatiza que o bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Em seguida, surge Valdemiro na Igreja, com a mão bem espalmada e brilhando de onde sai a frase: “A Mão de Deus está aqui”.

Quanto ao uso da música melodiosa, Valdemiro Santiago apenas repete um comportamento já bastante praticado pelo gênero *gospel song*. Parcival Módulo (1996) enfatiza que o século XIX trouxe as campanhas evangelísticas de grandes pregadores carismáticos como Moody, Sankey, Torrey e Finney. Era um estilo próprio que alcançava grandes massas.

Com elas nasceu um estilo musical próprio, a *gospel song* ou *canção evangelística*. Era um gênero musical bem definido e que vinha com a finalidade específica: sensibilizar os grandes auditórios. Era música que já não tinha mais compromisso com a *Ars Musica*, com a arte que procurava aperfeiçoar-se para servir a um Deus perfeito. Já não mais se preocupava em diferenciar-se, em ser melhor, tecnicamente, do que a música que se fazia fora do ambiente do culto. (...) A *melodia* é sempre muito fácil e intuitiva, assemelha-se muito à música profana da época e é facilmente aprendida pela massa. Quanto ao *estilo*, é sempre romântico e extremamente emotivo, utilizando-se fartamente de cromatismos melódicos. Os *textos* que as acompanham são de caráter pessoal e emocional, raramente racional. (p. 104)

Neste caldeirão de ingredientes emocionais, acrescenta-se a voz rouca, pelo excesso de pregações, de Valdemiro Santiago; muitas vezes chorando, orando, falando com as pessoas ou pregando. As reuniões da Igreja Mundial fazem um claro apelo ao

emocionalismo. Aliás, esta é uma das características que o neopentecostalismo não rompeu com os chamados movimentos pentecostais.

3. Traços Messiânicos

Pereira de Queiroz (1965) nas reflexões finais de sua obra procura classificar de maneira sistemática os movimentos messiânicos. Como a própria autora explica.

Toda classificação é a busca de uma ordem existente entre os fenômenos, com o fim de conhecê-los em suas relações íntimas e por isso mesmo dominá-los. Quem diz ordem, diz regularidade na maneira de se travarem as relações; reconhecer uma categoria é distinguir a unidade essencial dessas relações numa multiplicidade de exemplos individuais. Desde que a ciência investiga apenas o que é regular, o que se repete, não existindo uma ciência do único, compreende-se porque a classificação é o primeiro método a ser utilizado em qualquer ciência. (p. 329)

Assim sendo, ela coloca que existem algumas características semelhantes que foram encontradas nos movimentos considerados messiânicos ao redor do mundo, apesar das distâncias e especificidades de cada um. A primeira delas é que a figura principal é o messias. Ele é o ponto centralizador do movimento. Independente de estar ou não presente, sua figura agrega o movimento em torno do ideal.

Neste momento de extrema espera, eis que já não pode deixar de vir aquele que há de vir. E se não vier em pessoa, virá por procuração, mesmo que seja somente com um personagem sonhado, um herói literário, um conto, uma canção: sua essência será mais forte do que sua inexistência e, ainda que chegue a ser um messias totalmente construído, nem por isso deixará de ser menos eficiente em sua taumaturgia ou em suas teurgias. (DESROCHE, 1985, p.116)

O mito messiânico é extremamente forte e desejado por muitos. Os homens, de alguma maneira, tendem a confiar que, em situações de crise, virá uma solução. Nesse sentido, Valdemiro Santiago pode ser confundido com “a resposta”, embora não seja explícito em suas palavras, está implícito em sua prática que ele e seu ministério vieram para libertar o povo da opressão.

Desroche (2000) comenta que o messias é o personagem do movimento sócio-religioso milenarista. O messias é o ungido, separado para uma obra muito especial. Ele é o vínculo da esperança e da possibilidade de transformação.

O termo “messias” não é encontrado nas falas de Valdemiro Santiago para referir-se a si mesmo. Pelo contrário, ele procura usar um discurso de humildade diante das pessoas. A Revista *Eclésia*, já citada neste trabalho, traz uma pergunta que toca na questão messiânica com Valdemiro Santiago.

Pergunta: Quando acabam os cultos, muita gente vem até o senhor para tentar tocá-lo. O senhor não teme ficar com a imagem de messias e ser idolatrado?

Resposta: Não tenho esse temor. Isso não parte de mim e não encorajo as pessoas a pensarem assim. Gente querendo chegar em (sic) você para receber uma bênção é coisa comum. Na Bíblia, por exemplo, isso não acontece apenas com Jesus. Veja o caso de Pedro. Quem era ele? Um simples pescador. Mas, porque sua sombra curava, as multidões se chegavam a ele. As pessoas sabem que vem de Deus e não do pregador. Mas, por ser mais palpável, acham que, se tocar nele, é mais fácil de obterem. Há um componente bíblico, não só de uma pessoa, mas de todos os servos de Deus, cheios de sua presença, fazerem as mesmas obras de Cristo. Sei que também pode distorcer a mensagem, por isso, digo que sou um canal da bênção divina, mas não posso salvar ninguém. Sou carente da salvação e da cura como todos. Sou um comedor de frango com quiabo e angu que, quando fica doente, vai a Jesus como todos e pede sua misericórdia e cura. (2008, p.15)

Na fala de Valdemiro Santiago há alguns pontos que precisam ser analisados com mais cuidado. Quando ele afirma que não incentiva as pessoas a terem o comportamento de tocá-lo, não é bem assim que sua prática como pastor de um enorme rebanho mostra. Pode até não existir um discurso direto exigindo, pedindo ou desafiando pessoas para fazê-lo, mas há uma fala latente que incentiva tal atitude.

Primeiramente, ele não proíbe a prática do toque. O fato de não haver desincentivo já é, em si mesmo, no mínimo, uma permissividade que pode ser consciente ou não. Nas reuniões é possível observar que o Apóstolo, algumas vezes, faz questão de passar pela multidão, embora possa usar uma saída subterrânea, que se aglomera perto dele esfregando papéis, peças de roupas, outros objetos e toalhinhas; aliás, estas são distribuídas na própria igreja (toalhinha “Sê Tu uma Bênção”) e o desejo dos fiéis é poder passá-la e reter um pouco do suor de Valdemiro Santiago. Alguns membros querem sua gravata como uma espécie de relíquia sacra. Um pesquisador comenta:

Valdemiro é acessível. Está sempre cercado pelas multidões. Ele toca nas pessoas e por elas é tocado. Diferente de Edir Macedo ou R. R. Soares, que nunca aparecem na TV cumprimentando ou abraçando um fiel, é comum vê-lo abraçando homens, mulheres e crianças. Entre uma oração e outra, ri com eles, fala de sua infância, de sua vida no campo, da comida favorita e de seus passatempos prediletos como a

pescaria. Quando o assédio das pessoas se intensifica, não esconde a irritação. Muitas vezes, chora abraçado com alguém. Não permite também que as pessoas falem os nomes das igrejas de onde saíram. Dentre as práticas de Valdemiro está o sopro. Muitas vezes, não basta impor as mãos sobre a cabeça de um enfermo. É preciso soprar também sobre alguém que precisa de uma bênção. Soprar não faz parte da liturgia de R. R. Soares, da Internacional da Graça, de Edir Macedo, da Universal e nem dos Hernandes, da Renascer. Benny Hinn, um pregador nos Estados Unidos, já fazia o mesmo, bem antes de Valdemiro. (ROMEIRO, 2008 p.9)

O suor é visto por muitos na sociedade, via de regra, como algo não muito bom. Na Bíblia está diretamente associado à queda do homem, pois, pós-pecado, o homem conseguiria o sustento com o suor do rosto³⁸, ou seja, o mantimento viria através de trabalho árduo. O suor pode ser associado com a própria maldição do pecado. O Messias cristão, na agonia do Getsêmani, orava intensamente e seu suor, segundo o Evangelho de Lucas capítulo 22, versículo 44, se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra. Um suor que representa dor e sofrimento.

A questão do cheiro é bastante relevante também. O suor é, geralmente, associado ao cheiro ruim. Especialmente, a partir do século XVIII, quando os homens pós Revoluções Francesa e Industrial, passam a se preocupar mais com a qualidade do cheiro nos espaços públicos. O suor e o mau cheiro são associados, ordinariamente, ao homem pobre e trabalhador braçal. Este carregava o cheiro semelhante ao dos animais. O homem completo, burguês e capitalista é aseado e limpo. Não apresenta aquelas manchas enormes de suor em sua camisa e nem cheiro ruim.³⁹

Muitas pessoas não se importam, pelo menos com o suor de Valdemiro Santiago. Muito pelo contrário, elas, insistentemente, oferecem, suplicantes, lenços e toalhas em geral a fim de que ele possa limpar seu rosto. Este tipo de comportamento é comum com artistas quando os fãs atiram toalhas para que eles se sequem e as pessoas, muitas vezes aglomeradas, brigam pelo *souvenir*. Embora o objetivo das pessoas que entregam panos ao Apóstolo é poder espiritual.

Contudo, Valdemiro Santiago, às vezes, parece aborrecido com os paninhos. Apenas como exemplo de situações corriqueiras, numa reunião, transmitida pelo canal 21 em 17/07/2008, o Apóstolo parece irritado com uma senhora que foi à plataforma e

³⁸ Gênesis 3.19.

³⁹ Para mais detalhes consulte: CORBIN, Alain. *Saberes e Odores*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

não parava de passar a toalhinha nele. Ele a ameaçou: “se a senhora não parar, eu não falo com a senhora”.

Uma mulher, na reunião das 19:30h, de 20/04/2009, disse que passou um papel nas costas de Valdemiro Santiago que era um processo (não especificou) que o marido dela havia sofrido. O Apóstolo indaga: “Eu senti?”; ela continua dizendo que o marido dela havia recebido o dinheiro e as dívidas foram canceladas.

O messias é carismático. Como Weber define, o líder carismático aglomera pessoas ao redor de si mesmo. As pessoas vão até Valdemiro Santiago com o objetivo de receber, por meio dele, as bênçãos de Deus. Ora, o messias não é o ungido de Deus e aquele que faz o trabalho para a divindade? Ele não se identifica como Jesus Cristo, o Deus, mas como enviado por Deus. (1982, p.42-43)

Outro ponto que merece destaque na fala de Valdemiro Santiago é quando ele afirma que o ato de tocar não parte dele, mas das pessoas. Assim, ele transfere a responsabilidade do ato para os fiéis da igreja. Porém, a relação que as pessoas nutrem com sua figura não pode ser dimensionada por ele, e dificilmente pode ser analisada com exatidão por qualquer estudioso.

Max Weber defende que o povo quando está privado de recursos, e alça esperanças no que pode se tornar um movimento messiânico sai do que ele denomina de pária e buscam a posição de prestígio que almejam. (WEBER, 1979) Não se pode controlar o imaginário popular completamente. Valdemiro Santiago se torna uma espécie de objeto de desejo de seus fiéis que não necessariamente aplicam a racionalidade, dentro da perspectiva neopentecostal, que o referido líder aplica a si mesmo. Na seção de cartas e emails recebidos pela Revista da igreja é possível notar alguns exemplos da visão que as pessoas têm de Valdemiro Santiago.

Socorro: Apóstolo Valdemiro Santiago, meu nome é V. e estou passando por muitos problemas. Está tudo ruim, e a última porta de esperança é recorrer à Igreja Mundial do Poder de Deus. Já pensei diversas vezes em morrer, porque nada dá certo para mim. Assisto todos os dias o seu programa na televisão e fico emocionada. Quero um pouco de milagre na minha vida, porque os dias têm sido os mesmos, sem a mínima diferença. Estou vegetando, sem expectativas da vida. Por favor, imploro que me ajude. Quero muito ir aí em São Paulo, mas não tenho

condições financeiras. Responda-me pastor, e mude a minha vida com toda essa graça que Deus lhe concedeu. Espero uma mudança. (Revista *Mundial Sem Limites*, 12/2007, p. 9)

O motivo deste, é que a minha vida necessita de um milagre urgente. Nunca tive oportunidade de falar com o apóstolo, nem de vê-lo, mas vejo os milagres que Deus tem usado a ele para abençoar o povo. (*IBIDEM*, p. 9)

Sei que o apóstolo Valdemiro Santiago é um grande homem de Deus e com uma unção poderosa pode me ajudar a me fortalecer. (*IBIDEM*, p. 9)

Artistas e personalidades também reforçam a figura de Valdemiro Santiago na Igreja Mundial do Poder de Deus.

O cantor Moacyr Franco esteve no final deste mês de junho em uma concentração de Fé no Templo dos Milagres e declarou que há mais de 30 anos não via um homem de Deus como o apóstolo Valdemiro Santiago. (...) “Tenho certeza de que a apóstolo Valdemiro Santiago tem um canal direto com Deus”. (Revista *Mundial Sem Limites*, 08/2007, p. 41)

Disse o consultor jurídico Fábio Suplicy: “Nunca vi milagres em toda a minha vida como estes que vi agora. Senti no meu coração uma obra verdadeira e, pelos testemunhos constatei que quando as pessoas perdem todas as esperanças, ela vêm aqui e saem aliviadas e curadas. O apóstolo não é um falso profeta, porque um falso profeta não faria essas obras, aliás, agora creio que realmente ele mudará este país. (*IBIDEM*, p. 41)

Nos movimentos messiânicos também se percebe, segundo Pereira de Queiroz (1965) que há uma esperança de melhora de sua própria condição social. As curas e a prosperidade defendidas, não só por Valdemiro Santiago, mas pelo neopentecostalismo, extraem das pessoas seus desejos mais íntimos de melhora de sua própria situação. Não querem mais as doenças, a pobreza ou dificuldades financeiras, não querem mais sofrer no amor, não querem mais que seus filhos vivam nas drogas.

O aspecto “messiânico-milenarista” está expresso na Confissão Positiva, a Teologia da Prosperidade (definidas no capítulo anterior); afinal ela pressupõe a antecipação, já para o tempo presente, das benesses do reino dos céus. Enquanto os protestantes tradicionais costumam pregar que as benfeitorias totais obtidas pelo Cristo serão após a morte, reservando para o tempo presente as chamadas bênçãos espirituais, os neopentecostais identificam o reino de Deus com bênçãos materiais e prosperidade; contudo, só é possível através da interposição dos líderes, e está disponível apenas aos participantes dos respectivos grupos.

Ao desempenhar funções salvacionistas, tais líderes recebem maior legitimidade e preeminência perante seus seguidores à medida que demonstram seu carisma na prática de taumaturgia, exorcismo e que, dificilmente (para não dizer nunca) são afligidos pelas doenças e sofrimentos, além de visível projeção financeira, aspectos estes que transmitem aos fiéis a noção de ser-lhes também possível o alcance da mesma vitória.

Os movimentos messiânicos, tão logo foram estudados, se destacaram por pretenderem remediar problemas sociopolíticos de variada ordem. Não se trata, pois, de simples movimentos religiosos, mas de atividades que se apresentam como soluções para situações de crise social, – soluções consideradas legítimas por trazerem a chancela religiosa. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p.330)

O messianismo é mais observado em situações de crise. Pereira de Queiroz (1965) defende que a crise é uma situação que pode levar a novos caminhos.

A crise é uma encruzilhada entre a antiga orientação seguida pelo processo social e a nova orientação que este tomara, ou então é o momento em que se fazem sentir os efeitos da mudança de ritmo do mesmo processo. (...) A crise ao nível dos processos sociais, e não mais ao nível das estruturas e organização social; ela tem lugar por ocasião das modificações sofridas pelos processos sociais, que por sua vez levam a modificações na estrutura e organização sociais. Assim, a transformação de uma sociedade em outra pode operar-se sem crise, desde que os processos sociais não sofram alterações bruscas. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965, p. 346)

O neopentecostalismo abre espaços para características messiânicas mais que os movimentos protestantes tradicionais, embora estes sejam movimentos historicamente messiânicos. As igrejas neopentecostais já carregam em si mesmas, desde o início, características de rompimentos que fortalecem a figura de líderes carismáticos como pode se observar em todas elas. Geralmente, não há nas igrejas tradicionais um líder que se sobreponha sobre os demais. Existe um sistema e uma teologia muito bem amarrada para se evitar que os membros identifiquem a igreja com uma determinada liderança. O carisma pertence à igreja e não ao líder.

Tal problemática do messianismo-milenarismo já foi ou corre o risco de ser bloqueada no momento em que é imobilizada e manipulada dentro de uma teologia. Para esta teologia, seja qual for sua referência, há um Messias, o verdadeiro, o seu, de um lado; e de outro, falsos messias, os dos outros. O seu Messias pertence à sua Igreja e os dos outros, se não condenados à reclusão penitenciária, são pelo menos mandados a clínica “sociátrica” e, na melhor das hipóteses, ao museu dos desvios,

ao departamento de curiosidades, à penumbra das verdades loucas ou enlouquecidas. (DESROCHE, 1985, p. 52-53)

Embora se saiba que o Messias neopentecostal é, em tese, o mesmo Cristo de católicos e protestantes, o líder carismático pode, conscientemente ou não, confundir sua imagem de maneira que os fiéis travem um diálogo complexo com esta imagem obinubilada e, possivelmente por uma teologia menos rígida e uma religiosidade popular, configurar mitos sobre a imagem de determinados líderes. Além disso, não se pode esquecer que o Messias cristão é uma divindade que o separa de ser um “simples” unguido de Deus.

O pregador Kenneth Hagin, um dos maiores expoentes da Confissão Positiva, fazia declarações que confundiam sua imagem com a de um ser supremo. Oriundo de uma igreja tradicional acabou fundando seu próprio ministério e arrebanhando muitas pessoas. Em visões, disse que foi ao inferno e viu as dores e sofrimentos dos perdidos; relata que também esteve também com Jesus aprendendo pessoalmente com a divindade. Afirma que Jesus teria 1 metro e oitenta e mais ou menos 82 Kg.⁴⁰ Ele fala da unção que recebeu:

Às vezes no ministério, quando a unção vem sobre mim, parece que um manto desce sobre mim. Parece que estou vestindo um manto, um casaco, quando na realidade, não estou. Mas o poder de Deus – a unção – me envolve tanto que me sinto vestido assim. (*Unção*, s.d, p. 99)

Veio sobre mim a unção. De novo, era como se alguém tivesse passado por mim correndo e jogado uma capa sobre mim. (...) Fiquei arrebatado naquela glória, e me contaram depois, que toda pessoa tocada por mim caiu. (*IBIDEM*, s.d, p. 99)

Quando o Senhor (Jesus) apareceu a mim naquela primeira visão em 2 de setembro de 1950... Ele tocou nas palmas das minhas mãos com o dedo de sua mão direita e disse: “Chamei-te e te ungi e te dei uma unção especial para ministrar aos enfermos. (*IBIDEM*, s.d, p. 99)

Este famoso líder é um exemplo de como as autoridades religiosas que defendem a Confissão Positiva podem trabalhar a própria imagem como seres que recebem uma “unção” mais relevante que os demais.

⁴⁰ Várias obras de Hagin estão em português e a maioria delas foi publicada pela Graça Editorial, a editora de R. R. Soares. Entre os livros (citando apenas alguns) estão: *A Autoridade do Crente*; *Crescendo Espiritualmente*; *É Necessário que os Crentes Sofram?* ; *Uma Nova Unção*. Todos s.d de publicação.

Hagin diz que os pregadores e leigos que rejeitarem seu ensino serão atingidos pela morte, como Ananias e Safira, e que a ira divina cairá sobre aqueles que não seguem as suas idéias. Desse modo, não somente sua teologia vem diretamente de Jesus, mas também a ira divina se acende contra aqueles que se opõem a seu ministério de ensino. (PIERATT, 1996, p. 49)

Outros casos são dignos de nota. Conforme Romeiro (1999, p. 59) Jorge Tadeu, líder da Igreja Maná de Portugal, tem a palavra respeitada como a do próprio Deus. Ele se nomeou Apóstolo e, nas cartas que escreve a seus colaboradores usa a expressão St (São) Jorge Tadeu.

Algumas falas e atitudes de Valdemiro Santiago indicam que ele pode estar trilhando um caminho que poderá levá-lo a uma condição de se tornar a válvula de escape das pessoas.

O que vocês vão ver agora vocês vão ficar chocados. Quem tá vendo isso? (Uma foto de um bebê com um enorme tumor na cabeça) Isso é um tumor. É praticamente o cérebro saindo pra fora. Eu vou mostrar quantas vezes forem necessárias porque o Brasil vai ter que aprender que aqui se prega o Evangelho de verdade! (Valdemiro mostra a foto e caminha sobre a plataforma) Vocês tão vendo isso? Agora veja isso aqui! (Uma mulher se aproxima com o bebê, agora sem tumor) Veja a mão de Deus Brasil! Eu quero que mostre só a criança. Veja se tem cura isso? (Valdemiro orienta os câmeras) Abre pra mostrar a criança normal. (...) Quem de vocês disse, ao ver os milagres pela televisão, que viria aqui pra ver se era verdade. Deixa de ser incrédulo e veja o que Deus faz aqui. (Valdemiro passa com a foto e a mãe passa com a criança mostrando para as pessoas) Localiza agora o tumor! (...) (A mãe, extremamente emocionada, diz que passou por médicos que disseram que era melhor abortar porque a criança não sobreviveria; Valdemiro, chorando muito, abraça os pais e o bebê; a mãe diz que via os programas, tomava a água abençoada e passava a água na barriga e também colocava a toalhinha na barriga) Eu desafio algum ministério na Terra a mostrar o que este ministério mostra! (testemunho no site da IMPD, acessado em 02/05/2009)⁴¹

Nesta outra fala, ele é mais incisivo e desafiador.

Quem tá (sic) vendo isso aqui? (Uma mulher com feridas no corpo) Tem alguém aqui que acredita que eu sou homem de Deus? (Vários na igreja gritam: eu!) Você acredita mesmo, ou acredita meio assim: como defunto morto. Eu vou empenhar a minha palavra. Eu vou soprar na vida desta mulher. (...) Eu vou guardar esta fita. Se você não ver (sic) o milagre, se está mulher não for curada, eu sou um enganador; nunca fui homem de Deus na minha vida. O meu Deus cura esta mulher. Grava isso. Esquece a sua fé, nem quero saber se a senhora tem fé. Fecha (sic) os olhos, eu vou soprar sua cura. E você nem tá (sic) esperando o sopro, né (sic) Satanás! (...)

⁴¹ Disponível em: www.impd.org.br/testemunho3.htm. Acessado em 02/05/2009.

Depois vai na (sic) sede mostrar. Semana que vem você pode ir lá mostrar. (Na semana seguinte a mulher aparece afirmando que fora curada da lepra) Eu lembro da senhora. Fiz até um desafio! Vocês gravaram a fita? Isso vai dar o que falar na televisão. Eu cheguei a falar que comia os exames também... Tem unção de Deus na minha vida! (testemunho no site da IMPD, acessado em 02/05/2009)⁴²

Pereira de Queiroz (1965) comenta que estão se formando, desde o século XIX, uma quantidade considerável de seitas protestantes entre as tribos *bantos* na África do Sul. Uma das características destes movimentos é uma reação antibranca. O líder exerce um padrão profético com discursos inflamados que aglutinam muitos adeptos. O que lidera é o rei, seguindo tradições do próprio povo. Cabe ao líder o controle das operações mágicas dos rituais também.

Há uma troca de prestação de serviços entre o messias e os adeptos. O messias deve localizar os fiéis num território, deve curar os doentes, deve representar a comunidade diante das autoridades brancas. Mas ele e os apóstolos são sustentados pelas contribuições dos fiéis em trabalho, dinheiro, produtos agrícolas; quanto maior o seu prestígio, quanto maior a devoção dos fiéis, maior quantidade de meios conseguirá para a seita, que terá expansão maior e será mais importante. (1965, p. 46)

Na troca que os fiéis fazem com Valdemiro Santiago, eles não se importam de pagar o “preço espiritual” para receber bênçãos. O problema se instala se a troca não acontecer. Nas tribos *bantos*, que se enquadram na fala de Pereira de Queiroz, o prestígio messiânico está intimamente ligado ao sucesso do líder. Se este não for eficaz, o líder é desprestigiado. No caso dos membros da Igreja Mundial do Poder de Deus, pode-se dizer que o sucesso da igreja com a imagem tão relacionada ao Apóstolo pode sofrer revezes se a imagem de Valdemiro for manchada. Mas, enquanto a imagem estiver insuflada, a tendência é que a igreja se expanda junto com seu líder.

Embora Valdemiro Santiago tente passar a imagem de homem “comedor de frango com quiabo”, os fiéis podem não entender assim. Na reunião das 19:30h, do dia 27/04/2009, um homem deu um depoimento sobre uma experiência religiosa que diz ter vivido:

Sonhei com o senhor (Valdemiro Santiago). No sonho Deus mandava o Apóstolo para me curar! Fui curado! Também joguei água benta (água abençoada por Valdemiro) nas vacas que ficaram boas e deram mais leite. (Canal 21, 27/04/2009)

⁴² Disponível em: www.impd.org.br/testemunho5.htm. Acessado em 02/05/2009.

A religiosidade é incontrolável, especialmente no caso brasileiro. Um aglomerado de culturas diferentes e uma religião cristã, a priori, não muito dada à formação dos membros nas especificidades teológicas, incluindo a falta de padres, formaram um caldeirão religioso efervescente, pragmático e sincrético. Palco bastante apropriado para o surgimento de mais um “bom pastor”.

Aqui no meu ministério, eu cuido, guio e trato das minhas ovelhas. Também por aquelas que estão desgarradas, longe do rebanho do Senhor Jesus (porque o seu líder espiritual as abandonou) eu derramo as minhas lágrimas. E cada lágrima que cai no altar de Deus é uma ovelha que o Senhor resgata para o meu aprisco, porque eu dou o meu coração pelas ovelhas, dedico a minha vida para o qual eu fui chamado. Então, meu caro leitor, minha cara leitora se você está fraco na fé, sem forças até para orar, aqui eu carrego as minhas ovelhas nos braços, até elas conseguirem andar sozinhas com as próprias pernas. Porque quando você chega ao meu ministério, a responsabilidade é minha. Afinal, o Senhor me chamou para ser um líder espiritual. Eu jamais vou culpar você por falta de fé ou qualquer outro problema. Claro que você precisa fazer a sua parte, porque a minha eu vou fazer. Paz seja contigo, amém? (OLIVEIRA, Outono/2007, pág. 42,43)

Valdemiro Santiago concentra o ato da cura em sua própria fé. Em um depoimento na revista da própria igreja, uma médica diz que sempre esteve à procura de Deus, mas na Igreja Mundial sentiu uma diferença.

Ela destaca que o que chamou a sua atenção em relação à Igreja Mundial, foram as palavras do apóstolo Valdemiro Santiago, que na época era bispo. Segundo ela, assistindo ao programa da igreja pela televisão, ele fez um convite aos telespectadores dizendo: “Venha pela minha fé”. “Nunca tinha visto um pregador chamar a responsabilidade da bênção dos outros”. Pensei: “Ele precisa ser muito corajoso e ter certeza do que prega para falar desta maneira. A partir daí, passei a frequentar a igreja e constatei que realmente o apóstolo é um homem corajoso, dedicado, incansável, batalhador e disposto verdadeiramente a abençoar o povo. (Revista *Mundial Sem Limites*, 08/2007, p.12)

A imagem especial que Valdemiro Santiago passa para seus fiéis é reforçada nas ambiguidades. Enquanto que no discurso ele afirma que é um homem simples e normal como os outros, os relatos espetaculares que o acompanham sugerem, no mínimo, que ele é um ser especial nas mãos de Deus. Existe um processo de construção da própria realidade a fim de caracterizar um personagem que centralizará um movimento.

A memória institucional caminha zigzagueando entre a negação e a afirmação de seu líder. Seu passado junto a sua antiga igreja simplesmente é apagado da memória institucional, apenas referida como “outro ministério”, sem muita importância,

enquanto que suas façanhas pessoais, como já citadas anteriormente são constantemente reafirmadas como marcas de seu espírito guerreiro e sofredor. Passando pelas águas como outros heróis bíblicos (Moisés, Josué entre outros), traz a memória relatos bíblicos de igual importância. O proprietário do carisma também presencia a dor, sofrimento, passa por um “batismo” pelas águas, as quais não conseguem submergi-lo apesar de seus 153 quilos e, por fim, quando a morte lhe parece a única saída, ele ressurgiu amparado por anjos. (BITUN, 2007, p. 47-48)

Quando retorna ao Brasil, Valdemiro Santiago inicia, passo a passo, um pequeno grupo. O movimento que começa arrebanhar as pessoas das bocas dos tubarões. Para ele, seus perseguidores são como os tubarões que o cercaram no mar do Moçambique. Vem para estabelecer um ministério que, segundo ele mesmo, é a “menina dos olhos de Deus”; ele convoca os fiéis reforçando uma imagem de bom pastor dizendo: “a mão de Deus está aqui” e “vem pra cá Brasil”. A história espetacular do livramento que teve após o naufrágio em Moçambique, no mínimo, sugere que Valdemiro Santiago estava passando por um processo de refinamento espiritual para batalhas posteriores.

Você acha que existe uma pessoa neste país que acredita mais em Deus do que eu? Deus me tirou do meio dos tubarões; eu estava sangrando! Até o New York Times falou do meu livramento. (Oliveira, em reunião das 19:30h, dia 20/04/2009)

Moisés passa por grande período no deserto antes de voltar ao Egito e resgatar seu povo; Jesus, antes de iniciar seu ministério, passa por provações no deserto e enfrenta o diabo face a face; Valdemiro Santiago, antes de voltar para o Brasil e enfrentar os tubarões das igrejas institucionais, passa por enormes provações na África, volta por baixo, mas ressurgiu com um ministério que, em pouco tempo, causa impactos no Brasil e começa a trilhar um caminho de sucesso no exterior. Fica na memória dos fiéis da Igreja Mundial do Poder de Deus que o Apóstolo foi salvo. Ele é alvo de admiração por ter coragem de enfrentar as diversidades e é reconhecidamente apto para conduzi-los.

Desroche (2000) faz uma tipologia dos personagens dos movimentos messiânicos. Nesta análise ele comenta que quando o personagem está historicamente presente, pode ser tanto pretendente como pretendido.

O messias pretendido não reivindica o título de messias. Tal título lhe é atribuído ou pelo círculo ou pela posteridade de seus discípulos. Esse círculo ou essa posteridade podem não apenas atribuir-lhe esse título, mas até mesmo conferir-lhe, criar para ele, sua própria historiografia ou historialização. (p. 32)

Embora Valdemiro Santiago não reivindique o título de messias, pode estar recebendo o rótulo, pois a ação coletiva, dentro de suas complexas particularidades, ambições e desejos, escolhe o objeto sagrado e se relaciona com ele.

Com grande frequência, entretanto, essa atribuição subsequente reveste um personagem historicamente presente, mas cuja consciência ainda não superou a de um encarregado de uma missão divina que não aspira por si só, a consciência propriamente messiânica. Desse modo, a consciência coletiva precede e catalisa a pretensão da consciência individual à messianidade. O indivíduo é messias pretendido antes de se tornar messias pretendente. (DESROCHE, 2000, p. 32-33)

É o tempo, contudo, que revelará ao personagem e as outras figuras que compõem o palco do movimento a consciência messiânica que o indivíduo, de maneira latente, carrega sobre si mesmo.

Com o tempo, a pretensão messiânica é partilhada, pois a atribuição coletiva é individualmente sancionada pelo personagem. Antes dessa etapa, entretanto, pode ocorrer uma variedade de situações: há o caso da pretensão em suspenso (“você dizem que eu sou o messias; o problema é de vocês; não esperem de mim a aceitação ou a recusa”). (IBIDEM, 2000, p. 33)

Romeiro (2008) entende que Valdemiro Santiago trilha as sendas que podem conduzir a um messianismo.

Há um tom de messianismo nas palavras e na *práxis* religiosa de Valdemiro. O assédio constante da multidão, a busca da cura física através do seu suor, o esforço das pessoas para tocar em seu corpo e as frequentes declarações como “eu pedi ao Deus do apóstolo Valdemiro e ele me ouviu” mostram que ele reúne algumas qualidades de um messias. (p. 11)

A afirmação de sua autoridade se revela mesmo diante de seres espirituais identificados com as mais diferentes formas de doenças e males que perturbam as pessoas.

Você não resiste a minha fé Satanás; você não resiste à unção que Deus me deu! Eu tenho orado assim: “Senhor tem que ser pela minha fé”. As pessoas já não têm tanta fé, porque já foram em tantos lugares... Eu tenho fé! Eu não tenho armas intelectuais, mas eu tenho armas espirituais. O teu povo vê autoridade em mim. (OLIVEIRA em Reunião do dia 27/04, Canal 21)

Romeiro (2008) enfatiza que a postura de autoridade é fundamental num líder neopentecostal de sucesso.

A figura de uma liderança carismática e centralizadora é vital para o surgimento e expansão de qualquer segmento neopentecostal. É o que se passa com a Igreja Universal (Edir Macedo), Igreja da Graça (R. R. Soares), Renascer em Cristo (Estevam e Sônia Hernandes). Estas pessoas estão sempre reafirmando sua posição no grupo através da exibição de poderes espirituais como o dom de curar os enfermos e relatam, com frequência, experiências subjetivas, tais como visões sobrenaturais que podem incluir anjos, sonhos, revelações e comunicações com o divino. Seus seguidores sentem-se para sempre dependentes de suas orientações e vivem em função de suas aprovações. Para muitos adeptos do neopentecostalismo, eles fazem a mediação entre o povo e as bênçãos de Deus. (p. 11)

Não é nenhum exagero afirmar que uma ideologia messiânica, que cultiva uma compreensão do ser humano e da história, cuja possibilidade de perfeição, é uma ideologia alienante, que pode tirar do ser humano a sua capacidade de auto-realização, distraíndo sua atenção do cotidiano, o existencialista “aqui e agora”, de viver a busca do concreto pode desencadear resultados inesperados. Um dos possíveis efeitos do messianismo é sua capacidade de concentrar o indivíduo de tal maneira na espera que tudo o mais fica subordinado a este projeto. Todavia, o neopentecostalismo mescla o reino com conquistas terrestres. Tal postura favorece ao movimento ter uma hermenêutica que confunda o reino celeste com terrestre no tempo presente.

No modelo neopentecostal existe a possibilidade de rompimentos com a própria realidade, mas também de continuidades. A leitura neopentecostal do mundo é, também, regida por um *habitus*⁴³, responsável por uma habilidade inventiva, resultado das múltiplas relações e processos que fazem da história um *continuum* entre rompimentos e continuidades, que pode levar a práticas individuais e coletivas, dentro das quais as pessoas têm liberdade para optar por agir da maneira que entenderem ser a melhor, mais apropriada e, até mesmo, mais funcional, o que pode incorrer num “desvio”, e concomitantemente a prática do pragmatismo leva-os a trilharem caminhos diferentes das igrejas tradicionais.

Segundo Proença, é isto que acontece com o neopentecostalismo, o qual possui um caráter peculiarmente cismático: com a mesma facilidade com que se inicia uma

⁴³ Pierre Bourdieu conceitua *habitus* como “uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência”. BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 88.

denominação forma-se outra a partir da liderança carismática de um líder que recebe projeção e apoio de uma parcela dos fiéis. (2003, p. 60)

Também, o mesmo autor, atribui um segundo aspecto, no que tange ao “modelo” neopentecostal de entender a religião. Ele exemplifica a circulação cultural com Menóchio. À semelhança deste personagem de Carlo Ginzburg, que absorvia o que lia a partir de um ranço inculcido das tradições orais camponesas, isto é, das relações do cotidiano popular de sua época, os fiéis neopentecostais também assimilaram a fé protestante a partir de um legado cultural do sincrético catolicismo popular e das religiões afro, lançando sobre a leitura da Bíblia uma série de pressupostos construídos *a priori* em seu imaginário. Daí brota a expressão “crente Menóchio”, ensejando afirmar que os crentes destas confissões não mais leem a Bíblia com a mediação de técnicas “amoldadas” para tal, ou de interpretações erigidas historicamente pelos crentes mais “históricos”, mas através de “novos” paradigmas insurgidos da troca de experiências cotidianas. (PROENÇA, 2003, p. 60-64)

Pela própria experiência das igrejas brasileiras, vê-se que, geralmente, os principais líderes neopentecostais surgiram nas próprias igrejas. Edir Macedo e R. R. Soares saíram da Igreja Nova Vida e fundaram a Igreja Universal, e posteriormente, o segundo rompe com primeiro, e forma a Igreja Internacional da Graça de Deus. Valdemiro Santiago também surge de dentro do movimento, portanto conhece bem a sua lógica e dinâmica. Para Proença, a liderança neopentecostal, além de surgir do meio, é um profeta por ter um discurso de contestação ao *status quo* e, por isso, rompe inclusive o tradicionalismo das práticas; e, também, carismático por guardar em si mesmo as capacidades de cura milagrosa e outros sinais. (2003, p. 153)

Weber defende que haja uma aceitação de subjetivismos e singularidades. Sendo possível lidar com os tipos ideais, pois a “tipificação” é uma confirmação de que todo conhecimento parte de um ponto de vista particular, e a idealização é também uma confirmação, mas de que a objetividade (ou a pureza lógica) não é uma propriedade da realidade, mas, sim, da representação teórica.

Ora, os conceitos se tornam, então, tipos ideais, isto é, não se manifestam na sua plena pureza conceitual, ou apenas de forma esporádica o fazem. Aqui, como em

qualquer outro campo, qualquer conceito que não seja puramente classificatório nos afasta da realidade. Mas a natureza discursiva do nosso conhecimento, a circunstância de apenas captarmos a realidade através de uma cadeia de transformações na ordem da representação, postula este tipo de taquigrafia conceitual. (WEBER, 2001, p. 140)

Portanto, Weber também recusa o mecanismo clássico, ao pensar em termos de multiplicidade e reciprocidade causal; geralmente usados para as importantes relações entre interesses ideais e materiais. Os conceitos não podem ser, necessariamente, representações fidedignas dos fatos.

A questão que fica é se pode haver, no neopentecostalismo, o surgimento de um movimento messiânico, ou se ele é uma espécie de configuração messiânica, ou ainda nenhuma das possibilidades colocadas. Proença (2003) relata um caso de messianismo ocorrido no Norte do Paraná na Igreja ‘Só o Senhor é Deus’, do missionário Miranda Leal. O autor concentra seus estudos em 1999 que foi um ano fundamental para aquele movimento de caráter messiânico-milenarista.

O autor relata que a expectativa pela chegada do ano 2000 foi usada pelo missionário Miranda Leal como cerne de pregações. Jesus Cristo estava voltando à Terra para instaurar o seu reino. Contudo, embora não houvesse acontecido o tal retorno, e o missionário tivesse ido para a Inglaterra em “fuga”, Miranda Leal retornou e abriu uma nova denominação e muitos de seus antigos fiéis, mesmo depois da decepção, continuaram com ele. Mais relevante que o fato em si que não é completamente inédito na história⁴⁴, são algumas conclusões que podem ser tiradas deste acontecimento, conforme se analisa a pesquisa realizada por Proença (2003).

As igrejas neopentecostais, recebem, em tese, o mesmo texto bíblico que os demais protestantes, contudo por serem oriundos, em sua maioria, do catolicismo popular e das religiões afro, ao se confrontarem com as novas informações que recebem dos pastores, interpretam esta doutrina da teologia da prosperidade de acordo com o “inconsciente coletivo”, gerando, desta maneira, o que o autor chama de “resignificação cultural”. Enquanto nas igrejas protestantes históricas existe uma preocupação maior

⁴⁴ Entre outros, os Adventistas do Sétimo Dia viveram experiência parecida no século XIX nos EUA; o líder do movimento, porém, os abandonou, mas um grupo continuou e deu origem a uma Igreja que tem alcance mundial.

com a catequese de seus membros, os neopentecostais preferem discursos mais simples e de fácil assimilação. São pregações mais práticas e menos ligadas aos dogmas cristãos.

O papel dos líderes neopentecostais é o de, também, legitimar o discurso; o neopentecostalismo consegue prosperar apesar do enorme número de críticas que sofre; para Proença (2003) é generalizante e demasiado simplista pensar que os fiéis das igrejas são, única e exclusivamente, “massa de manobra” nas mãos destes líderes que operam com o sentido único de sorver o dinheiro alheio; há, na verdade, uma troca de favores e de simbologias. Afinal, todos os atores envolvidos “constroem identidade, orientam condutas e estabelecem um tipo de organização de vida em sociedade” (p.188). Valdemiro Santiago se diz perseguido por muitos. Seus antigos líderes, a prefeitura, a imprensa, os pesquisadores e outros.

As pessoas que ontem testemunharam foram abordadas e pegaram os dados delas e ofereceram dinheiro para que elas digam que o milagre não aconteceu. São pessoas de igrejas que se dizem evangélicas. Chegaram a oferecer 100 mil para uma mulher que foi curada de câncer para dizer que não houve milagre. Esperar isso de um incrédulo ainda vai, mas de gente que se diz evangélico... Isso é coisa de bandido. Eles vão sair daqui algemados! São pessoas que perderam a graça de Deus. Quem tem caráter não faz isso. (...) Usam influência política contra o meu ministério. Fecharam nossa igreja em Santo Amaro (uma das maiores igrejas para 2000 pessoas) (...) (Uma mulher dá um testemunho e Valdemiro continua) Os “oreiudos” (sic) vão te procurar! (...) Vocês viram como está a minha fé esta semana? Venham a semana toda. Em Pernambuco três bandidos colocaram a arma na cara da gente. Eu, minha mulher e filhas. Eu me invoquei e disse: “Sete dias pra vocês se converterem e virarem homens de Deus”; sete dias depois os três... precisa contar o que aconteceu? Em Sorocaba uma mulher me disse que quatro bandidos estupraram a filha dela. Não gosto nem de lembrar. Mas eu pedi a Deus e os quatro caíram no mesmo lugar! (...) Minha fé está forte para derrubar muralhas! (OLIVEIRA, na reunião das 19:30h, de 27/04/2009)

Para Valdemiro, o crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus está incomodando outros líderes evangélicos.

Para mim isto é triste, pois vem justo de irmãos na fé. Já fui caluniado e ameaçado de morte junto com minha família. Eles têm medo de perder sua posição, seu prestígio, pessoas não virem às suas igrejas. (...) Eles olham para as multidões vindo à Igreja Mundial e temem. (...) Já me habituei com as calúnias. (...) Ameaças também surgem, essas são mais difíceis, pois tantas vezes são diretas mesmo. Tentam até fechar nossos templos. Mas digo: para cada um que fecharem, abriremos outros dez. (OLIVEIRA, Revista *Eclésia*, 2008, p.15)

De certa forma, ao ressaltar esta ideia de perseguição, Valdemiro cria uma espécie de “arraial de resistência”; somos “nós” os perseguidos e fracos, contra “eles” os poderosos gananciosos que querem nosso fim. Tal atitude reforça o grupo perseguido em torno de seu líder e de seus propósitos.

Afirmar, de maneira categórica que Valdemiro Santiago é o messias e que a Igreja Mundial do Poder de Deus é seu movimento messiânico não é razoável e nem compatível com os estudos e análises realizadas. Evidentemente, todo grupo cristão tem um caráter messiânico, pois aguarda o retorno de Jesus Cristo à Terra para a salvação de alguns, para a danação de outros tantos e para estabelecer seu reino. Contudo, o que se vê é que na prática religiosa de Valdemiro é que existem alguns elementos que indicam traços messiânicos. Evidentemente, no caso o líder em questão foi nosso objeto de estudo, há uma ligação do neopentecostalismo, enquanto movimento, com o messianismo.

A abordagem do neopentecostalismo defende a antecipação de bênçãos do reino para este tempo presente. Tais bênçãos são espirituais, como salvação da alma, mas, também, bênçãos materiais que são espiritualizadas. O carro zero é bênção do reino, a casa própria, a cura de uma doença, a harmonia no casamento e etc. Se o movimento messiânico-milenarista pretende o estabelecimento do reino, há uma semelhança na prática neopentecostal. Uma vez que o reino é ansiado e esperado, os membros dessas confissões têm na espera sua arma para labutar em cada corrente e reunião aguardando dias melhores para suas vidas.

Nos movimentos messiânicos existe a figura de um messias presente ou não; aquele que vai aglutinar as pessoas em torno de si mesmo, no neopentecostalismo existem os líderes carismáticos que tem a autoridade diante de seu grupo. São inquestionáveis em suas decisões e são vistos, no mínimo, como canais diretos com a divindade. São ungidos e separados para obras especiais diante do próprio Deus. Abençoam o povo e se sacrificam por eles.

Não há no neopentecostalismo uma representação clássica de um movimento messiânico-milenarista, mas há traços deste movimento. Hoje tais traços podem ser potencializados pelos meios de comunicação, como a televisão. O líder tem a

possibilidade de falar com milhões de pessoas ao mesmo tempo e exercer seu domínio sobre elas. Logo, a TV pode promover a imagem de uma pessoa de tal maneira que ela se tornará um tipo de messias “televisivo”.

Além de falar com as pessoas com seu discurso, Valdemiro Santiago, por exemplo, fala através de suas atitudes. Ele demonstra irradiar poderes sobrenaturais de si mesmo e muitas pessoas acreditam nisso, uma vez que se aglomeram suplicantes pela possibilidade do apóstolo colocar a mão sobre elas ou entregar um pouco de seu suor. As pessoas parecem entender, quase antropofagicamente, que ao reterem um pouco de Valdemiro através de seu suor ou toque levam um pouco da unção que está sobre ele. E quem é o messias, senão o ungido?

Não se pode dizer que o sucesso de Valdemiro Santiago e de sua igreja se devem, exclusivamente, aos traços messiânicos do movimento em si e do líder. Fatores assaz estudados e comprovados revelam o uso da mídia, de estratégias de *marketing*, alguns rompimentos com o modelo atual que está um pouco desgastado e o retorno e ênfase a algumas práticas dos movimentos pentecostais anteriores trabalhados por Ricardo Bitun, a questão do uso apropriado do teatro, templo e mercado numa junção que potencializa o fenômeno neopentecostal sistematizados Leonildo Silveira Campos; e outros tantos autores trouxeram muitas contribuições como Paulo Romeiro e Ricardo Mariano que levantaram abordagens que explicam o sucesso neopentecostal; enfim, os traços messiânicos parecem ser um elemento presente no neopentecostalismo, mas enfatizados na figura de Valdemiro Santiago no tempo atual. A *práxis* do Apóstolo acrescenta, quem sabe, um novo rumo que pode ser copiado por novas igrejas a surgir.

Talvez, Valdemiro Santiago esteja reelaborando novos velhos paradigmas de igreja que devem surtir efeitos que podem representar novas análises, mais aprofundadas, sobre uma nova velha roupagem vestida pelo neopentecostalismo no campo religioso brasileiro.

Considerações Finais

Henry Desroche (1985) introduz sua Sociologia da Esperança relatando o milagre da corda. Neste rito, o faquir ou xamã arremessa sua corda para o alto e, “milagrosamente”, ela se fixa em algum ponto que os curiosos observadores não conseguem entender como a corda fica firme, a ponto do expositor da arte oculta subir por ela. Se a esperança é uma corda, nessa analogia, o messianismo se fundamenta especialmente na espera. É a espera por uma nova realidade que possa ser melhor do que aquela que tantas pessoas vivem.

É justamente esta postura de esperança que muitas vezes também se encontra no próprio neopentecostalismo. Afinal, uma grande quantidade de pessoas adentra as portas das igrejas neopentecostais procurando uma “saída”. É o inconformismo com o *status quo*, é o desejo de conquistarem a vitória sobre as agruras desta vida.

Eis que no palco se apresentam, também, os líderes dessas igrejas. São homens poderosos. Eles determinam conquistas e bênçãos. São pastores, bispos e apóstolos que apresentam discursos convincentes, potencializados pelo *marketing* e pelo pragmático uso da mídia. A imagem de muitos desses líderes é insuflada e as pessoas os contemplam com respeito e confiança. É o uso eficaz da tríade teatro, templo e mercado, como expôs Campos (1997).

Valdemiro Santiago parece ir um pouco mais além. Ele carrega, essencialmente, o mesmo discurso da Confissão Positiva, contudo se aproxima das pessoas. Ele as abraça como um pastor que cuida das ovelhas; as pessoas querem este toque; elas querem o sopro e o suor do homem que carrega uma unção sobrenatural.

Embora ele muitas vezes enfatize que é um ser humano comum, as pessoas insistem em extrair um pouco do que ele tem. E, apesar da sua fala tantas vezes humilde, outras vezes seu discurso muda querendo provar que ele é um ungido do Senhor, e que seu ministério vai transformar o Brasil.

Os messias observáveis são pessoas humanas. Pertencem ao humano, ao excessivamente humano, e o que a observação discerne é aquela atração irresistível

de sua humanidade para esse sobre-humano do qual nunca se sabe se é o reino do sagrado ou da loucura, o reino de deus ou do delírio, o reino do desafio por aceitar ou do impossível em que se engolfar corpo e alma. E alma. Pois os messias só tornam-se messias ao mudar de alma. E seu organismo hesita, resiste diante de tal enxerto que os transpassa e que eles rejeitam. É por isso provavelmente que a cirurgia realiza-se somente no laboratório das grandes pressões históricas: catástrofes, calamidades, opressões, guerras, escravizações, frustrações violentas... condições estas que são o noviciado do messias, noviciado freqüentemente ofuscado em seguida pelo deslumbramento de sua aparição pública, embora tal aparição se realize aos poucos, sonho após sonho, viagem após viagem, manifestação após manifestação. (DESROCHE, 1985, p. 116)

O que se enfatiza nesta pesquisa é que Valdemiro Santiago apresenta características messiânicas. O referido Apóstolo, por sua proximidade com as pessoas, potencializa tais aspectos não apenas em seu discurso, mas especialmente em sua *práxis* religiosa. É evidente, entretanto, ressaltar que o sucesso da Igreja Mundial do Poder de Deus não pode ser, apenas e tão somente, associado com a imagem que os membros recebem de Valdemiro Santiago. Todos os fatores que levam o neopentecostalismo ao sucesso, desde sua religiosidade pragmática e a própria configuração religiosa no Brasil são mesclados com a figura carismática que aglutina o discurso e a *práxis* em si mesmo, não como um papa, mas como um ungido do Senhor.

O Brasil é, historicamente, um contexto propício para que o neopentecostalismo se expanda ainda mais. Mais que um *background*, o que existe é um imaginário social favorável ao movimento e seus possíveis hibridismos.

Entendemos como imaginário brasileiro o conjunto de representações coletivas sedimentadas que, transmitidas de uma geração para outra, formaram um substrato comum a todos, uma espécie de matriz religiosa, que permanece subjacente ao catolicismo, a certas formas de kardecismo e religiões afro-brasileiras. Esse terreno contém o húmus no qual o neopentecostalismo se alimenta tanto ritual como teologicamente, ao se apropriar de símbolos, linguagens e visões de mundo preexistentes ao surgimento na história. (CAMPOS, 1997, p. 19-20)

Holanda (2003) enfatiza a herança superficial, paradoxal e sincrética da então religião oficial do país.

A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto e em sua rancorosa incompreensão de toda verdadeira espiritualidade; transigente, por isso mesmo que pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua

ordem. Assim, nenhuma elaboração política seria possível senão fora dela, fora de um culto que só apelava para os sentimentos e os sentidos e quase nunca para a razão e a vontade. Não admira pois, que nossa República tenha sido feita pelos positivistas, ou agnósticos, e nossa Independência fosse obra de maçons. (p. 150)

Numa teologia sistemática consistente traços messiânicos ou, até mesmo, o messianismo tem menos oportunidade de se manifestar. As manifestações messiânicas, geralmente, têm seu lugar nas camadas mais simples e de religiosidade popular. As raízes religiosas brasileiras estão fincadas sobre solo sincrético e teologicamente superficiais.

Por isso, não se pode afirmar que Valdemiro Santiago, e até mesmo outros líderes neopentecostais, tenha elaborado de maneira proposital uma imagem que carrega traços messiânicos de inauguração de uma nova igreja que mudará o país, com características mágicas de curar com sopro, suor e toque, que vem para mudar o estado das coisas sendo a solução para os problemas e aflições dessa vida. Tal imagem pode simplesmente ser uma leitura antiteológica do cristianismo, mas que, ao mesmo tempo, não foge da formulação de um modelo com rupturas e continuidades com o próprio neopentecostalismo vigente que, lenta e gradativamente, caminha para uma burocratização “inevitável”.

A Igreja Mundial do Poder de Deus cresce aceleradamente e, provavelmente, outros desdobramentos virão. Isso exigirá a atenção dos estudiosos, e futuras análises dos pesquisadores de religião.

O que uma figura neopentecostal mais carismática que o “normal”, por se aproximar mais das pessoas pode provocar? Esta é uma pergunta que somente o tempo poderá responder. Talvez o próprio Apóstolo, com o passar dos anos, possa mudar sua abordagem ou os brasileiros podem, simplesmente, encontrar outra fonte para sorverem a esperança que os move a subir numa corda que eles não sabem onde está presa.

Bibliografia

A BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ABUMANSUR, Edin Sued. *As Moradas de Deus: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais*. São Paulo: Novo Século, 2004.

BERKHOF, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BITUN, Ricardo. *O Neopentecostalismo e sua inserção no mercado moderno*. Dissertação de Mestrado, IMES, 1996.

_____. *Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal*. Tese de Doutorado pelo Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCSP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BURITY, Joanildo. *Identidade e Política no Campo Religioso*. Recife: IPESPE/Editora da Universidade UFPE, 1997.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da Igreja cristã*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. "O Milenarismo Intramundano dos Novos Pentecostais Brasileiros". In: *Estudos de Religião*, Ano XIV, n. 18, de 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Templo, Teatro e Mercado*. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo: Vozes, Simpósio e Umesp, 1997.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1988.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, em dois volumes.

CONSORTE, Josildeth Gomes; NEGRÃO, Lísias Nogueira. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/CER, 1984.

CORBIN, Alain. *Saberes e Odores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DESROCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000.

- _____. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DICIONÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS E ARAMAICO-PORTUGUÊS. 12ª ed. São Leopoldo-RS, Sinodal, e Petrópolis-RJ, Vozes, 2000.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Universidade Federal do Ceará, 1980.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10ª Ed. São Paulo, Edusp, 2002.
- FRANCO JR. Hilário. *O Feudalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: Da constituinte ao impeachment*, Tese de Doutorado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HAGIN, Kenneth. *Uma Nova União*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, [s.d.]
- HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.
- HARRIS, R. Laird et alli. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LOPREATO, Cristina da Silva Roquete. *Milagres da Fé: messianismo e repressão política no Brasil dos anos 70*. Campinas: Ed. da Unicamp, Coleção Tempo e Memória, 1999.
- MACARTHUR JR. John F. *Os Carismáticos*. 5ª ed. São José dos Campos: Fiel, 2002.
- MACEDO, Bispo. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* 14ª ed. Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- _____. *Vida com Abundância*. 14ª ed. Rio de Janeiro, Universal Produções, 2000.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, Luis Mauro de Sá. *Mídia e Poder Simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 7ª ed. São Paulo: Global, 1988.

MODES, Luciano. *Assim na Terra como no Céu: Fazenda Nova Canaã, arquitetura de um milenarismo*. Oráculo: São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, 2006.

MÓDULO, Parcival. Música Tripartida: herança do século dezenove. *Fides Reformata*. São Paulo: Vol. 1, Número 2, 99-108, Julho-Dezembro de 1996.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: RBCS, Vol. 16, Número 46, 119-129, Junho de 2001.

NUNES, Éber. *Da Burocracia para a Profecia: mudanças no neopentecostalismo brasileiro*. Dissertação de mestrado, Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

OLIVEIRA, Valdemiro Santiago de. *Os Pensamentos de Deus*. 3ª ed. São Paulo: E-la Print Ltda, 2007.

OLIVEIRA, Valdemiro Santiago de. *O Grande Livramento*. 3ª ed. São Paulo: Gráfica LWC, 2007.

ORO, Ari Pedro et alli. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PEREIRA, João Baptista Borges. A cultura negra: resistência de cultura à cultura de resistência". In: *DÉDALO*, n.23, São Paulo, 1984.

PIERATT, Allan B. *O Evangelho da Prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

PROENÇA, Wander de Lara. *Magia, Prosperidade e Messianismo: o "sagrado selvagem" nas representações e práticas de leitura do neopentecostalismo brasileiro*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus/USP, 1965.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do contestado (1912-1916)*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

Revista Eclésia. *Igreja Mundial do Poder de Deus: curas e milagres no único avivamento do séc. XXI*. Edição Especial, 2008.

Revista Manchete, *Edição Histórica 35 anos*, 1987.

RIBEIRO, Boanerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

_____. *Evangélicos em Crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

_____. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

_____. *Igreja Mundial do Poder de Deus: uma nova práxis neopentecostal*. Disponível em:

http://www4.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/Revistas_EST/III_Congresso_Et_Cid/Comunicacao/Gt08/Paulo_Romeiro.pdf. Acessado em 06/10/2008, 21:55h

ROSSI, Luiz Alexandre S. *Messianismo e Modernidade: repensando o messianismo a partir das vítimas*. São Paulo: Paulus, 2002.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOARES, R. R. *Como Tomar Posse da Bênção*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990.

SPENER, Philipp Jakob. *Pia Desideria*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista e Programa Ecumênico de Pós Graduação em Ciências da Religião, 1985.

TOMPAKOW, Roland; WEIL, Pierre. *O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. 61ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TUCKER, Ruth A. “... Até aos confins da Terra”: uma história biográfica das missões cristãs. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 11ª ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

_____. *Economia e Sociedade*. Brasília/DF: Editora da UNB, 1991.

_____. *Economía y Sociedad*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 1979.

_____. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

_____. *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. São Paulo: Cortez e Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.